



Rfb
Editora



SOCIEDADE
PSICANALÍTICA
ONLINE

PRODUTO DE CARTÉIS

Organização:
Sociedade Psicanalítica Online



PRODUTO DE CARTÉIS - 2025



PRODUTO DE CARTÉIS - 2025

Sociedade Psicanalítica Online

Belém-PA
2026

Ficha catalográfica elaborada conforme ABNT NBR 12899 / CDD 23ª ed.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)	CDD 150.195
Sociedade Psicanalítica Online. Produto de cartéis - 2025 / Belém: RFB Editora, 2026. 130 p. E-book (PDF). ISBN: 978-65-5337-212-2 DOI: 10.46898/rfb.74544677bb6a	
1. Produto de Cartéis. 2. Sociedade Psicanalítica Online. 3. Psicanálise.	
S634p	
Índice para catálogo sistemático: Psicanálise – 150.195 Cartéis – 150.195 Angústia – 150.195	
RFB Editora · Belém – PA	

Créditos

© 2026 Edição brasileira

by RFB Editora

© 2026 Texto

by Autor

#####

Todos os direitos reservados

RFB Editora

CNPJ: 39.242.488/0001-07

91985661194

www.rfbeditora.com

adm@rfbeditora.app.br

Tv. Quintino Bocaiúva, 2301, Sala 713, Batista Campos, Belém - PA, CEP: 66045-315

#####

Editor-Chefe: Prof. Dr. Ednilson Ramalho

Editoração: Worges Editoração

Revisão de texto: Autor(a)

Bibliotecária: Janaina Karina Alves Trigo Ramos-CRB 8/9166

Produtor editorial: Nazareno Da Luz

Conselho Editorial

RFB Editora

MEMBROS DO CONSELHO

Prof. Dr. Ednilson Sergio Ramalho de Souza — UFOPA

Prof. Dr. Laecio Nobre de Macedo — UFMA

Prof. Dr. Aldrin Vianna de Santana — UNIFAP

Prof^a. Dra. Raquel Silvano Almeida — UNESPAR

Prof. Dr. Carlos Erick Brito de Sousa — UFMA

Prof^a. Dra. Ilka Kassandra Pereira Belfort — Faculdade Laboro

Prof^a. Dra. Renata Cristina Lopes Andrade — FURG

Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves — IFF

Prof. Dr. Clélio dos Santos — UFRRJ

Prof. Dr. Rodrigo Luiz Fabri — UFJF

Prof. Dr. Manoel dos Santos Costa — IFMA

Prof^a. Dra. Isabella Macário Ferro Cavalcanti — UFPE

Prof. Dr. Rodolfo Maduro Almeida — UFOPA

Prof. Dr. Deivid Alex dos Santos — UEL

Prof^a. Dra. Maria de Fátima Vilhena da Silva — UFPA

Prof^a. Dra. Dayse Marinho Martins — IFMA

Prof. Dr. Daniel Tarciso Martins Pereira — UFAM

Prof^a. Dra. Elane da Silva Barbosa — UERN

Prof. Dr. Piter Anderson Severino de Jesus — Université Aix-Marseille

Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares — UFPI

Prof. Dr. Divo Augusto Pereira Alexandre Cavadas — UA

S U M Á R I O

PREFÁCIO	7
A RELAÇÃO DA ANGÚSTIA COM A REPETIÇÃO - CARTEL ANGÚSTIA E SUAS VICISSITUDES	10
<i>Sheila Murari</i>	
O EMBOTAMENTO DA ANGÚSTIA - APRESENTAÇÃO DE CASO - CARTEL ANGÚSTIA E SUAS VICISSITUDES	17
<i>Adriana Costa</i>	
A ANGÚSTIA EM KIERKEGAARD E LACAN: BREVES NOÇÕES SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DO PENSAMENTO EXISTENCIALISTA NA PSICANÁLISE - CARTEL CONEXÕES ENTRE A ANGÚSTIA E O DESEJO	23
<i>Daniel Martins Dalpra</i>	
A ANGÚSTIA ENTRE O GOZO E O DESEJO RELACIONADO AO OBJETO A: UM MODELO MATEMÁTICO - CARTEL CONEXÕES ENTRE A ANGÚSTIA E O DESEJO	40
<i>Lilian Milena Ramos Carvalho · Daniel Martins Dalpra</i>	
FUNÇÕES DO ANALISTA - CARTEL A FORMAÇÃO DO ANALISTA	57
<i>Katia Simone Santos da Silva</i>	
A SUBJETIVIDADE, O TEMPO E A ARTE: CIFRAMENTOS NA PRÁTICA CLÍNICA CONTEMPORÂNEA - CARTEL LETRA BORRADA	77
<i>Alcione Duarte · Carmem Bastos · Ferdinando Zaparolli</i>	
O AUTISMO COMO HIPÓTESE DA QUARTA ESTRUTURA NA PSICANÁLISE LACANIANA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS E APLICAÇÃO EDUCACIONAL - CARTEL PSICANÁLISE E AUTISMO	90
<i>Lilian Milena Ramos Carvalho · Francisco de Assis Xavier Neto · James Sousa de Moraes</i>	
O AUTISMO COMO QUARTA ESTRUTURA: CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE FRANCESA PARA A CLÍNICA COM ADULTOS - CARTEL PSICANÁLISE E AUTISMO	107
<i>James Sousa De Moraes · Francisco Assis Xavier Neto · Lilian Milena Ramos Carvalho</i>	
POSFÁCIO	127

PREFÁCIO

Prefácio

Escrever este prefácio é, ao mesmo tempo, situar uma prática e destacar um dispositivo fundamental. Em psicanálise, quando se fala de transmissão, não se trata apenas de difundir conteúdos doutrinários, mas de sustentar condições de trabalho capazes de produzir efeitos verificáveis: efeitos sobre a leitura, sobre a prática clínica e sobre o próprio lugar do analista diante do saber. É nessa perspectiva que o cartel, tal como proposto por Jacques Lacan, ganha relevo como um dispositivo singular de pesquisa e de formação, cuja atualidade se mantém precisamente por sua estrutura: pequena, delimitada, orientada pela produção e atravessada por um princípio de não completude.

O cartel introduz, como fundamento formação, uma hipótese com consequências epistemológicas, no qual o saber em psicanálise não se organiza como acúmulo linear, nem como consenso comunitário, mas como elaboração situada, marcada pela falta e pelo resto. Ao propor um grupo reduzido e uma função específica — a de “mais-um” — Lacan formaliza uma economia do trabalho que impede a derivação imaginária típica dos coletivos: o processo de identificação a um líder, a homogeneização discursiva, os atravessamentos do “nós” e, não raro, a substituição da investigação científica pela opinião pessoal. O cartel, ao contrário, delimita um campo em que o laço social é colocado a serviço de uma tarefa: cada participante é responsável por uma produção escrita e a circulação entre os membros serve se estabelecer os parâmetros que se apresentaram nos encontros segundo a perspectiva de cada um.

Em linguagem científica, poder-se-ia dizer que o cartel opera como um dispositivo de pesquisa em pequena escala, com alta densidade de trabalho e baixa tolerância à indistinção conceitual. Ele constitui como um laboratório que não visa a replicação de resultados no sentido experimental clássico, mas a rastreabilidade do percurso de elaboração, nos quais os conceitos foram mobilizados, onde os impasses emergiram, os recortes foram necessários e as transformações se produziram na pergunta inicial. Essa rastreabilidade é decisiva porque a psicanálise, ao lidar com a dimensão do sujeito, exige métodos que preservem a singularidade, porém sem renunciar ao rigor científico e ético. O cartel, assim, favorece um tipo de exercício de formação que não se confunde com uma padronização, que determina como objetivo a precisão na construção do problema, na

escolha do texto, na delimitação do caso, na articulação lógica dos termos, sem considerar a subjetividade de seus componentes.

A função do “mais-um” acentua ainda outra dimensão, a de uma regulação estrutural do grupo. Não se trata de um chefe, muito menos de um supervisor no modelo hierárquico; trata-se de um operador cuja tarefa é sustentar a heterogeneidade e evitar a cristalização do saber. Nessa medida, o cartel formaliza um princípio ético, o trabalho não se organiza em torno da autoridade de um sujeito suposto saber encarnado, mas em torno da produção de saber como efeito de um percurso. O dispositivo, portanto, é coerente com um ponto fundamental da orientação lacaniana, isto é, a psicanálise não se transmite como “doutrina total”, mas como uma experiência que implica a posição do sujeito diante do real que o determina.

Este livro se inscreve nessa lógica. Ao destacar a importância do cartel, ele não pretende apenas descrever um trabalho institucional, mas recolocar em primeiro plano uma questão decisiva para a psicanálise contemporânea, ou seja, como formar sem normatizar, como pesquisar sem recair na retórica do domínio, como sustentar um laço de trabalho que não se converta em laço de dependência. Em tempos de circulação acelerada de informações e de tendência à simplificação pedagógica, o cartel se apresenta como uma resposta estrutural, pois ele obriga à reflexão sobre o conceito, à paciência da leitura e à responsabilidade pela escrita, que são três condições essenciais para que a psicanálise permaneça uma prática orientada e não um repertório de fórmulas.

Ao leitor, este prefácio propõe uma chave, acompanhar a leitura desse livro, não como tema, mas como forma. Forma de estudo, forma de transmissão, forma de pesquisa e, sobretudo, forma de colocar o saber em trabalho sem perder de vista aquilo que, em psicanálise, resiste a qualquer imposição conclusiva. Se este livro puder contribuir para recolocar em circulação essa exigência, a de uma elaboração que não se satisfaz somente com a repetição, então ele terá cumprido sua função mais própria: servir de vetor para que cada um, a seu modo, produza algo do que buscava, porém para além, disso compreenda que ainda existem elementos que o leitor nem sabia que procurava.

Encerro, deixando minhas congratulações a todos os autores e a SPO pela produção desse magnífico e fundamental livro. Boa leitura!

Ferdinando Vinicius Domenes Zapparoli

A RELAÇÃO DA ANGÚSTIA COM A REPETIÇÃO - CARTEL ANGÚSTIA E SUAS VICISSITUDES

Sheila Murari

A relação da angústia com a repetição: algo acontece primeiro?

Cartel Angústia e Suas Vicissitudes

Sheila Murari

Resumo: Este produto de cartel propõe uma reflexão sobre a relação entre angústia e repetição na experiência psicanalítica, permeando um percurso teórico que inclui Freud, Lacan e J.-D. Nasio. A partir da vivência em um cartel sobre a angústia, exploro se a repetição surge como defesa diante da angústia ou se a angústia é efeito da repetição. São mobilizados conceitos como o *objeto a*, a transferência, o recalque e a compulsão à repetição, com destaque para clássico *fort-da* em Freud como articulação entre perda e elaboração psíquica. O texto propõe que angústia e repetição estão intrinsecamente relacionadas e operam como estratégias subjetivas frente ao desejo e ao real.

Palavras-chave: angústia, repetição, desejo, objeto a, psicanálise, Freud, Lacan.

A relação da angústia com a repetição: algo acontece primeiro?

O que estaria em jogo ali naquele incômodo psíquico e naquela sensação corporal que acompanha o sujeito sem ser "convidada" e, em alguns casos e quase que diariamente? Em minha experiência de vida com as relações interpessoais, sociais, familiares e na escuta clínica algo sempre me intrigou sobre as voltas da angústia.

A relação entre angústia e repetição me instiga há uma pergunta que parece circular sem cessar: algo acontece primeiro? A angústia decorre da repetição ou é a repetição que se organiza como defesa diante da angústia? A questão ressoou para mim de forma íntima, na vida e na escuta clínica. Quase como uma epifania lembrei, inclusive, de uma propaganda dos anos 80: "*Tostines vende mais porque é fresquinho ou é fresquinho porque vende mais?*"*.

Com essa inquietação, entrei como cartelizante no Cartel sobre Angústia promovido pela SPO – Sociedade Psicanalítica Online, tendo como eixos teóricos principais o *Seminário 10: A angústia* de Jacques Lacan, *Recordar, repetir e elaborar*, *Inibição, sintoma e angústia* de ambos de Freud, e como complemento, o livro *Por que repetimos os mesmos erros?* de J.-D. Nasio.

Ao longo de quase dois anos, ao lado das cartelizantes e psicanalistas Adriana Costa, Tatiana Wippel, e como Mais-Um a também psicanalista Fernanda Machado, que gentilmente aceitou nosso convite, fazendo a conexão Brasil–Portugal, sob coordenação do psicanalista Daniel Gostautas nos debruçamos sobre o que angústia o sujeito, de que forma podemos entendê-la.

A leitura e discussões desses textos provocaram em mim um furo, uma angústia própria — sinal de que algo do real se anunciava. Pretendo com esta escrita transitar pelo desdobramento da seguinte questão: qual é a relação entre angústia e repetição? O que será que vem primeiro? Será que um antecede o outro?

O Seminário 10 foi uma tarefa difícil de encarar às vezes, e, muitas vezes, eu tinha a sensação de que não compreendia nada daquilo que Lacan estava trazendo nas voltas desse seminário com 24 aulas.

Sempre muito enfático e defensor do retorno ao que Freud nos deixou como teoria e prática clínica, Lacan nos apresenta o objeto a como sua única contribuição à psicanálise — bastante modesto de sua parte. O objeto a, objeto causa de desejo, é ponto central para abordar o conceito de angústia.

Mas, para chegar ao objeto a, fez-se necessário passar pela teoria de Freud sobre a repetição, tendo como base referencial o texto “Recordar, repetir e elaborar” (1914) e o texto *Inibição, sintoma e angústia* (1926).

Em *Recordar, repetir e elaborar*, Freud escreve:

“Vimos que o analisando repete em vez de lembrar, repete sob as condições da resistência; agora podemos perguntar: O que repete ou atua ele de fato? A resposta será que ele repete tudo o que, das fontes do reprimido, já se impôs em seu manifesto: suas inibições e atitudes inviáveis, seus traços patológicos de caráter...” (FREUD, 1914, p. 202)

Compreendo, nesse trecho, que algo foi “esquecido”. Sabemos que não foi exatamente esquecido, mas sim recalçado, e que esse recalçado pulsa um retorno em atos de repetição. A repetição é percebida inclusive na transferência com o analista, como uma cópia da contemporaneidade do sujeito. O desvelamento desse algo esquecido se dá com a diminuição da resistência — um dos mecanismos de defesa —, que atua impedindo o acesso à lembrança infantil, de ordem sexual. Por força de tabus sociais, uma certa inibição e/ou pelo marco da castração, essa lembrança torna-se encoberta por véus do recalque.

O que se repete em cena traz sofrimento àquele que está imerso no repetir ou mesmo para aquele que tenta sair desse movimento. Somente através do laço transferencial temos notícia das resistências atuantes ali, onde o sujeito encontra um meio de responder à incidência da repetição.

Mas algumas questões me atravessam: repetimos para não nos deparar com a angústia? A angústia se apresenta porque algo se repete? Sentimos angústia porque repetimos ou repetimos para não nos haver com a angústia?

Lacan, no *Seminário 10*, desloca a noção freudiana de angústia como “sem objeto” e propõe que ela se relaciona a um objeto muito específico: o **objeto a**, causa do desejo. Diz Lacan:

“Na angústia, inversamente, o sujeito é premiado, afetado, implicado no mais íntimo de si mesmo. [...] lembrei, a esse respeito, a estreita relação da angústia com o aparelho do que chamamos de defesa e, nesse caminho, tornei a apontar que é justamente do lado do real, numa primeira aproximação, que temos de procurar a angústia, aquilo que não engana.” (LACAN, 1962-1963, p. 191)

A angústia, então, não engana. Ela aponta para uma proximidade com o real, com o ponto sem representação — aquilo que está para além da simbolização possível. É nesse momento, quando nos aproximamos do objeto a, que a angústia se faz sentir. Ela pode surgir **antes** da repetição, como sinal de algo que está para eclodir.

Dessa forma, repetimos como uma forma de **nos proteger da angústia**, organizando o gozo em um circuito previsível. A repetição se apresenta, então, como uma resposta do sujeito à irrupção da angústia que advém daquilo que está além do simbólico.

Portanto, a angústia pode ser sentida quando estamos nos aproximando do objeto a — causa do desejo. Ou seja, ela não é sem objeto, como vimos em Freud, ainda que a angústia não tenha um objeto fixo. Se ela não é sem objeto, podemos dizer que a angústia pode acontecer antes da repetição, como um escudo protetor, por nos aproximar do objeto a. Poderíamos traduzir, de forma simplória: “Me angustio e assim não entro na repetição!”.

Por outro ponto de vista, produzimos atos de repetição para não sermos atravessados pela angústia sentida ao nos aproximarmos do objeto a, causa do desejo. Repetimos certos atos como escudo protetor para não angustiar. “Retorno a um mesmo ponto para não me aproximar do objeto causa do desejo e assim não me angustio!”.

Tomemos um clássico exemplo de repetição que está a serviço da angústia: o **For-da!**

O conceito de *for-da* (ou *fort-da*) foi descrito por Sigmund Freud em sua obra *Além do princípio do prazer*. Esse termo surge da observação de Freud ao brincar com seu neto de 18 meses, Ernst, que repetidamente jogava um carretel amarrado a um barbante para longe, dizendo “fort” (em alemão, “fora”), e o puxava de volta, dizendo “da” (“aqui”). Ao explorar o comportamento do neto, Freud identificou conexões importantes entre essas dimensões psíquicas — angústia e repetição — e o modo como lidamos com experiências difíceis, como a separação.

A angústia, segundo Freud, surge como uma resposta psíquica frente à separação ou à possibilidade de perda. Na brincadeira do *fort-da*, o neto de Freud vivenciava simbolicamente a ausência da mãe ao lançar o carretel longe (*fort*, “fora”) e, em seguida, a restaurava ao trazê-lo de volta (*da*, “aqui”). Pensando em um possível controle da ausência, a brincadeira reflete uma tentativa de dominar a angústia da separação. Jogar o carretel simbolizava a experiência de perda, mas em um contexto em que a criança podia controlar o retorno. Assim, a repetição da situação tornava a ausência menos ameaçadora.

Freud relacionou esse aspecto à compulsão à repetição, um fenômeno que ocorre mesmo quando a repetição não traz prazer imediato. Além do prazer, o neto parecia encontrar satisfação não apenas na parte prazerosa da brincadeira (trazer o carretel de volta), mas também na parte que simbolizava a perda (lançar o carretel). Isso levou Freud a sugerir que a repetição tem uma função psíquica maior: a de organizar experiências traumáticas

e torná-las mais compreensíveis ou controláveis. Repetir a experiência de ausência (jogar o carretel) era uma forma inconsciente de simbolização e dominar a angústia e, paradoxalmente, encontrar uma forma de prazer ao transformar a perda em um ato ativo, como tentativa de resolução.

Com a brincadeira de seu neto Ernst, Sigmund Freud usou essa observação do *for-da!* para destacar a complexidade dos processos psíquicos, mostrando que a angústia e a repetição estão entrelaçadas no desenvolvimento psíquico, não apenas como reações automáticas, mas como formas de enfrentar e transformar experiências difíceis.

Conclusão

A pergunta que guiou esta escrita não encontra uma resposta linear, porém como uma forma de provocar novos caminhos e olhares. A angústia pode anteceder a repetição, quando surge como sinal de aproximação do objeto a, e também pode ser efeito da repetição de um gozo que retorna como trauma não simbolizado.

Talvez o mais importante seja reconhecer que angústia e repetição formam um **laço estrutural**, em que uma alimenta a outra — num circuito em que a psicanálise se propõe a atravessar. Na clínica, não se trata de eliminar a repetição ou a angústia, mas de escutar o que elas dizem do desejo do sujeito. Escutar a angústia é escutar o real do desejo em suas mais verdadeiras nuances.

Referências

FREUD, Sigmund. "Recordar, repetir e elaborar" (1914). In: Obras Completas. Vol. 12. Companhia das Letras, 2010. FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia (1926). In: Obras Completas. Vol. 17. Companhia das Letras, 2011. FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920). In: Obras Completas. Vol. 14. Companhia das Letras, 2010. LACAN, Jacques. O Seminário, livro 10: A angústia (1962-1963). Rio de Janeiro: Zahar, 2005. NASIO, J.-D. Por que repetimos os mesmos erros. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

* Comercial “Tostines – Fresquinho porque vende mais porque é fresquinho”, criado por Enio Mainardi na agência Proeme, ano 1984. Marca Tostines (Fábrica de Doces Carvalho & Lobo).

Sobre a Autora

Sheila Murari é psicanalista, paulista, com clínica situada em São Caetano do Sul. Pós-graduada em *Fundamentos Clínicos e Teóricos de Freud e Lacan* pelo Instituto ESPE, atua também como supervisora clínica e seminarista no LapSus–Unicamp.

Participa ativamente de grupos de estudo dedicados à obra de Freud e Lacan, psicopatologias e aos atravessamentos da contemporaneidade. É membro atuante em cartéis psicanalíticos, entre eles: *O Inconsciente – O Adulto e suas Marcas Infantis*, *Angústia e Maternidade* e também como Mais-Um no cartel O Sujeito Lacaniano.

Antes de trilhar o caminho da escuta, graduou-se em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Universidade São Marcos. Atuou por quase 15 anos no mercado publicitário, com passagens por grandes marcas do varejo.

Com essa bagagem e um desejo pulsante de escutar o sofrimento humano, fez uma importante movimentação profissional e hoje se dedica integralmente a práxis da psicanálise.

O EMBOTAMENTO DA ANGÚSTIA - APRESENTAÇÃO DE CASO - CARTEL ANGÚSTIA E SUAS VICISSITUDES

Adriana Costa

O embotamento da Angústia]Cartel A Angústia e Suas Vicissitudes

Adriana de Mendonça Costa

O objeto de estudo ao qual tento me aprofundar no grupo de cartelizantes no qual estou inserida, com o tema central que versa sobre a Angústia. Como Lacan disse: "*A angústia é o afeto que não engana*".

A angústia é sentida, por vezes, de forma corporal, sintomática, mas não temos como descrevê-la exatamente. Ela pode se apresentar de diversas formas, dependendo do universo psíquico de cada sujeito em relação a esse afeto. A angústia não se inscreve, mas arrebatada e desampara o sujeito. É um afeto doloroso, que deixa furos sem respostas, quase sempre não notório. Ela pode se presentificar a partir das vivências em que o sujeito esteja naquele momento vivenciando; uma perda de emprego, de um ente querido para a morte, a perda de um grande amor, uma vida sem "peso" emocional, enfim. Muitos podem ser os fatores que levam o sujeito ao desamparo que conotam ao estado de angústia.

Este estudo e análise sobre a angústia têm como base a compreensão de que este afeto atinge a todos nós. Freud nos ensina que o Eu retira o investimento (pré-consciente) do representante pulsional a ser reprimido e o aplica na liberação do desprazer (angústia)¹.

Freud também afirma que podemos nos apegar à ideia de que o Eu é a genuína sede da angústia, num sentido fenomenológico, na metapsicologia, na sociologia (Freud, 2014).

Para Lacan, a angústia e o desejo aparecem como estruturação fundamental. Ele a coloca "entre" o gozo e o desejo, surgindo o objeto que tem uma relação estruturante com o sujeito.

¹ FREUD, Sigmund. **Inibição, Sintoma e Angústia, O Futuro de uma Ilusão e outros textos (1926-1929)**. Obras Completas, vol. 17, tradução Paulo César de Souza, São Paulo, Companhia das Letras, 2014.

E nesse texto trago uma pergunta que me incitou a curiosidade. Como o sujeito pode se defender da angústia? A tentativa de tamponamento desse afeto nas relações com o Outro? Faço uma reflexão a partir do *Seminário 10 – A Angústia* de Jacques Lacan e leituras diversas como suporte.

Apresento um estudo de caso, no qual abordo a angústia. Como Lacan² afirmou: “*A angústia é o modo radical sob o qual é mantida a relação com o desejo.*” E, no desejo de manter a satisfação e o bem-estar de seu amor e daqueles que circundam sua existência, trago a história de um homem que se vê angustiado, incapaz de lidar com esse afeto, tentando sempre escondê-lo.

Durante esses dois anos de estudos, tratamos de um tema complexo e, por que não dizer, angustiante. Um dos pontos que surgiram foi o “Embotamento da angústia”.

A partir deste caso clínico, trouxe para reflexão e análise de todos a questão de como a angústia pode se manifestar, como um afeto imersivo e ao mesmo tempo inefável.

Trata-se de um jovem homem, com cerca de quarenta anos, que carrega consigo grandes responsabilidades. Empresário, filho caçula de pais idosos, tem uma irmã de meia idade. Casado há mais de quinze anos, ele e sua esposa tentam engravidar há três anos, estando agora na quarta tentativa de inseminação artificial. Sua esposa tem estado aflita, angustiada com o possível insucesso do novo projeto da gravidez. Ele a tem como seu objeto a, e frustra-se em não conseguir sanar a falta dessa esposa, mas o que ele não consegue realmente evitar é a sua própria falta. E situado na sua própria neurose obsessiva, tem a crença de que ele pode dar esse falo imaginário que ela tanto almeja. Com isso a sua angústia não habita no fracasso, mas sim, ela habita de que isso seja possível. Deixando-se consumir em energia e abatimento notório de que nada adiantará, pois não há como evitar afetos inerentes a nossa estruturação psíquica. “Não só ela não é sem objeto, como também, muito provavelmente, designa o objeto, digamos, mais profundo, o objeto derradeiro, a Coisa. É nesse sentido, como lhes ensinei a dizer, que a angústia é aquilo que não engana” (Lacan, 2005).

Márcio (nome fictício) chegou à sessão totalmente desarvorado, perdido. Dizia-se extremamente angustiado, lutando com sentimentos de desamparo e tristeza. Segundo ele, precisava manter-se firme diante dos outros – amigos, funcionários e familiares – que

² LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10: a angústia**, Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2005.

dependiam de sua atenção e cuidados nas questões diárias. Isso lhe demandava um gasto de energia maior do que ele podia suportar. Se dizia um morto vivo em necessitar manter-se firme em todas as suas máscaras. Que aquela situação já beirava a insuportabilidade e que precisava de alguém que escutasse seu choro, suas dores. Mas que não poderia ser nenhum daqueles que conviviam, pois todos sempre os viu como um porto seguro.

Ele era incapaz de relaxar. Não conseguia tranquilizar-se em nenhum momento. Sua neurose estava em manter "todos" bem ". Se angustiava pela pressão em ser o bom filho, o bom profissional, marido, futuro pai. Sentia-se responsável pelas "faltas" da vida dos outros. "O falo: é isso que, em cada um, quando ele é atingido, justamente o aliena do outro" (Lacan, 2005).

Ele "encontrou uma saída" – nada objetiva, mas um modo de lidar com essas relações: colocava-se firme diante de todos, adiantando-se aos atos para evitar mais frustrações, sem perceber as consequências de suas atitudes perigosas e sabotadoras.

Márcio se sentia fragmentado emocionalmente. "Eu sou o próprio furo da minha vida". (palavras do analisante). Por mais que tentasse alcançar os corações queridos, suavizar a dor de sua esposa, ele sentia um grande vazio. "Eu me sinto uma farsa" (palavras do analisante)

Como o filósofo Kierkegaard disse, a angústia e o desespero estão intimamente relacionados³. Esse é o quadro que o analisante apresenta ao chegar à clínica: o misto de sensações, afetos e emoções, que neste caso se manifesta como tamponamento. O disfarce diante do Outro, o *das Ding*, o estranhamento que se sente e que se tenta sufocar, acreditando ser essa a saída.

Márcio, em sua relação com castração, tenta lidar com as questões iminentes que lhe são apresentadas, mas se vê sem condições psíquicas de enfrentamento, acabando por se mutilar nas próprias demandas inconscientes. Ele segue em análise há quase quatro anos, trabalhando muitas questões que retornam, enquanto outros fatos vão surgindo. Seguimos em construções e desconstruções de seus posicionamentos, pensamentos e posturas diante dessa relação que são seus significantes primários, marcante que desemboca em vários caminhos determinantes da sua existência. Nesse período a análise entra em sua vida como uma ferramenta necessária que rasga muitos véus de crenças de

³ JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**. Vol. 3: a prática analítica, Rio de Janeiro, Zahar, 2022.

uma existência necessária à proteção da dor do outro. Hoje ele consegue ter uma noção perceptiva de que tudo é factível, possível e efêmero. De que nunca conseguirá esse controle para que seu grande outro.

Hoje, já se começa ter essa percepção de efemeridade e da impossibilidade do controle do que possa acontecer e sem não sair ileso dos movimentos da vida.

Como afirmou Sônia Leite⁴, "não há como curar o homem da angústia como encontro do real, ou seja, como encontro daquilo que é a falta última, o não-sentido, pano de fundo de toda existência."

Nos sintomas obsessivos que se apresentam, tentando evitar desconfortos maiores tamponado sua falta, ele acabou se deparando com a falta da falta, não conseguindo a evitação da falta do Outro. Hoje ele começa a enxergar o impossível que queria alcançar. Nas suas percepções, nos seus despertamentos diante dos fatos que se seguiram. Hoje já consegue perceber que mesmo ela tomando a vestimenta do objeto a, ele consegue ver sua universalidade e respeitar sua falta, seu vazio.

Essas questões entre outras têm sido trabalhadas no *setting*, com a resignificação do seu ser masculino e do sujeito que habita em seu interior. Um sujeito único, com suas singularidades, cuja a valoração de seu próprio universo se torna fundamental.

Márcio entrou na minha sala em março de 2021, e desde então, tem buscado lidar com suas questões com mais tranquilidade, aceitação e um novo olhar.

Hoje, ele já consegue perceber que cada sujeito precisa vivenciar suas faltas, seus furos. Ele entendeu que a dor é necessária para as reflexões e reprogramações inerentes ao processo de subjetivação. Já se esforça para controlar suas angústias, permitindo que sua esposa experimente sua própria solitude e angústias, especialmente diante dos desafios da maternidade (possível ou não), tentando preservar um espaço, uma *hiância*, na relação. Começou a aprender a lidar com o real e com suas angústias, sem mais tamponá-las.

⁴ LEITE, Sônia. **Angústia**: Psicanálise – Passo a Passo 92. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2011, p. 10.

Referências

FREUD, Sigmund. **Inibição, Sintoma e Angústia, O Futuro de uma Ilusão e outros textos (1926-1929)**. Obras Completas, vol. 17, tradução Paulo César de Souza, São Paulo, Companhia das Letras, 2014.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**. Vol. 3: a prática analítica, Rio de Janeiro, Zahar, 2022.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10: a angústia**, Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2005.

LEITE, Sônia. **Angústia: Psicanálise – Passo a Passo 92**. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2011.

**A ANGÚSTIA EM
KIERKEGAARD E LACAN:
BREVES NOÇÕES SOBRE A
CONTRIBUIÇÃO DO
PENSAMENTO
EXISTENCIALISTA NA
PSICANÁLISE - CARTEL
CONEXÕES ENTRE A
ANGÚSTIA E O DESEJO**

Daniel Martins Dalpra

A Angústia em Kierkegaard e Lacan: breves noções sobre a contribuição do pensamento existencialista na psicanálise

Cartel Conexões entre a Angústia e o Desejo

*Daniel Martins Dalpra*⁵

Resumo: Este trabalho examina a angústia como categoria inerente à subjetividade em um exame de leitura em articulação com os pensamentos de Jacques Lacan e de Søren Kierkegaard. Partindo do pensamento existencialista do filósofo dinamarquês que compreende a angústia como um afeto inaugural liberdade, nos termos da ambiguidade e pelo confronto do sujeito com a possibilidade. Em Lacan, a angústia não está atrelada a um objeto determinado, posto que ela emerge como sinal do real e da presença mítica representada pelo *objeto a*, escapando do simbólico por se tratar de objeto-causa e não do desejo. Para ambos os autores, a angústia não é tratada de forma patológica, mas como possibilidade para com que ocorra uma transformação da relação subjetiva para com a existência. Nesse contexto, o trabalho visa discutir, ampliar e apresentar possibilidades para um diálogo crítico envolvendo a filosofia existencialista e a psicanálise.

Palavras-chave: Angústia. Existencialismo. Jacques Lacan. Psicanálise. Søren Kierkegaard

Abstract : This work examines anguish as a category inherent to subjectivity in an examination of reading in articulation with the thoughts of Jacques Lacan and Søren Kierkegaard. Starting from the existentialist thought of the Danish philosopher who understands anguish as an inaugural affection freedom, in terms of ambiguity and by confronting the subject with possibility. In Lacan, anguish is not linked to a particular object, since it emerges as a sign of the real and the mythical presence represented by the *object a*, escaping from the symbolic because it is object-cause and not desire. For both authors, anguish is not treated in a pathological way, but as a possibility for a

⁵ Mestrando em Ciência da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião (PPCIR) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Especialista em Ciência da Religião (UFJF), Psicanálise pelo Centro Educacional (Dom Alberto) e em Antropologia Brasileira (UCL). Psicanalista, professor de filosofia e teoria psicanalítica. Bolsista CAPES. ORCID: 0009-0003-8429-608X. E-mail: danielmdalpra@gmail.com

transformation of the subjective relationship to existence. In this context, the work aims to discuss, expand and present possibilities for a critical dialogue involving existentialist philosophy and psychoanalysis.

Keywords : Anguish. Existentialism. Jacques Lacan. Psychoanalysis. Søren Kierkegaard

Résumé : Ce travail examine l'angoisse comme une catégorie inhérente à la subjectivité dans un examen de la lecture en articulation avec les pensées de Jacques Lacan et Søren Kierkegaard. En partant de la pensée existentialiste du philosophe danois qui comprend l'angoisse comme une liberté d'affection inaugurale, en termes d'ambiguïté et en confrontant le sujet à la possibilité. Chez Lacan, l'angoisse n'est pas liée à un objet particulier, puisqu'elle émerge comme un signe du réel et de la présence mythique représentée par l'*objet a*, échappant au symbolique parce qu'il est objet-cause et non désir. Pour les deux auteurs, l'angoisse n'est pas traitée de manière pathologique, mais comme une possibilité de transformation du rapport subjectif à l'existence. Dans ce contexte, le travail vise à discuter, élargir et présenter les possibilités d'un dialogue critique impliquant la philosophie existentialiste et la psychanalyse.

Mots-clés : Angoisse. Existentialisme. Jacques Lacan. Psychanalyse. Søren Kierkegaard

Introdução

O presente trabalho é um produto do cartel constituído por membros⁶ da Sociedade Psicanalítica Online (SPO) intitulado *A Angústia entre o gozo e o desejo*. O texto desenvolvido pelo autor conta não apenas com as experiências extraídas - e atravessadas por ele - ao longo do percurso com seus pares, mas com extrações oriundas de sua trajetória pessoal enquanto psicanalista clínico e pesquisador das áreas de psicanálise, filosofia e ciências da religião.

⁶ Que além do autor, contava também com as membras Lilian Milena Ramos Carvalho, Adriana Serpelloni e Yasmin Nunes Soares. O cartel iniciou seus trabalhos no mês de março de 2024 sendo dissolvido em março de 2025 e teve, na condição de *mais-um*, o psicanalista Daniel Gostautas.

Propõe-se estabelecer breves aproximações do conceito de angústia para Jacques Lacan (1901-1981) passando por Sigmund Freud (1856-1939), tendo como um fio condutor, o pensamento existencialista daquele que foi o precursor desta corrente, Søren Kierkegaard (1813-1855). Embora seja de grande relevância no pensamento de Lacan, nomes ligados ao existencialismo e à fenomenologia que historicamente estavam mais próximos de seu tempo como Martin Heidegger (1889-1976), Jean-Paul Sartre (1905-1980) e Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), este estudo sobre o existencialismo se concentra no pensamento de Kierkegaard: dado o pioneirismo de suas contribuições a partir dele e após ele no contexto existencialista. Como verifica-se do conceito de angústia presente na psicanálise de Freud - que precedeu à lacaniana.

Diante disso, o artigo se fundamenta a partir de um olhar sobre as origens do pensamento existencialista através de uma tentativa de aproximá-lo de Lacan, posta a tese de que assim como este pensamento, a psicanálise também surgiu como uma crítica ao pensamento moderno. Destarte, estas aproximações se justificam dada a crise da metafísica marcada por um olhar voltado para a subjetividade que adoece, psiquicamente, devido à fatores existenciais e não orgânicos.

O texto é dividido em dois capítulos que buscam tratar, seguindo uma sequência cronológica, desde o surgimento e os problemas que o existencialismo do século XIX procurou responder, até o surgimento da psicanálise. O título do primeiro é “O existencialismo no século XIX, a angústia e a psicanálise” dividido em dois subcapítulos, respectivamente: “O existencialismo e a angústia na crise da metafísica” e “Brevíssimas considerações sobre o conceito de angústia em Kierkegaard”. O segundo capítulo intitulado “A angústia como aspecto ontológico-existencial e a psicanálise” dividido em dois subcapítulos, na sequência: “Breves considerações sobre a angústia na psicanálise de Freud” e “O *objeto a*, o sujeito e a angústia para Lacan”.

1 – O existencialismo no século XIX, a angústia e a psicanálise

1.1- O existencialismo e a angústia na crise da metafísica

A angústia se coloca como uma experiência indissociável e inevitável na existência. Para o pensamento ocidental, a angústia surge da própria relação do ser humano com a falta. Quanto a isso, sugere-se que se trata de uma preocupação humana

em relação à uma ausência marcada por um furo na significação por conta da falência de um ideal preconizado pelo pensamento pré-socrático que atribuía à noção de *arché*⁷ - o princípio fundamental de todas as coisas que havia na natureza – a base da metafísica⁸. Desde então a busca constante do ser humano marcado por um ideal que exprime a ideia “de uma essência capaz de organizar a sua realidade”. Revelando, portanto, a condição temporal e impermanente da natureza – uma “ausência de *arché*” - refletindo na existência (humana) movendo o ser humano na busca por algo perdido e de necessidade última, porém, desconhecido por parte da consciência. Uma busca incessante que ocorre em decorrência da possibilidade constante de ameaças do desaparecimento e da morte, capazes de desestabilizar esta ordem natural desejada e, portanto, idealizada.

Com Sócrates (470 A.E.C - 399 A.E.C) e, posteriormente, com os estoicos a reflexão sobre a falta mítica que antes havia no externo, se desloca para a interioridade, tornando-se, portanto, uma falta ontológica. Na modernidade, marcada pela crise da metafísica, pensadores como Blaise Pascal (1623-1662), passando por Søren Kierkegaard e Friedrich Nietzsche (1844-1900) trataram do conceito de angústia a partir de perspectivas existenciais. Neste caso, mais próximas no filósofo dinamarquês.

O existencialismo surgiu não como uma resposta definitiva, mas sim como um convite à uma atitude necessária em relação à condição humana da qual a razão por si só padece em dar conta do absurdo, da angústia e do paradoxo da existência. Não excluindo a participação da razão, atribui-se a ela, um objetivo menos exigente superando as tentativas de iluminarem todo e qualquer tipo de acontecimento do mundo. Segundo Folquié (1975, p.27) o existencialismo se colocou contra todo o intelectualismo “seco e intransigente” daquela época já preparando a sociedade para ter de lidar com a secularização da moral diante da impossibilidade de se chegar a uma fixidez da vida. Neste sentido, o existencialismo, abdica definitivamente da ideia da construção de uma

⁷ A *arché* representa o princípio. Segundo Abbagnano (2007 p.928,929), o termo introduzido por Anaximandro foi retomado por Platão na tentativa de explicar a causa do movimento, sendo posteriormente sistematizado por Aristóteles. Para este último - remontando à tradição platônica que o precedeu - o princípio corresponde à “causa”, ao “fundamento” e ao “ponto de partida” de qualquer processo. Essa concepção essencialista, oriunda da escola platônica, pressupõe um princípio constitutivo da realidade do mundo – e, por extensão do ser humano – tende a se sobrepor à importância da existência como experiência concreta do mundo e encontro com o desconhecido. A angústia, nesse contexto, representa uma ameaça à *arché*. Para o existencialismo kierkegaardiano, a ideia de *arché* como princípio universal, causa de todas as coisas como fundamento da existência perde sua centralidade, pois que o foco recai para a existência em sua singularidade, marcada pela temporalidade, pela liberdade e pela angústia vista como liberdade de escolha.

⁸ A metafísica corresponde à definição aristotélica como ordem do que é superior e que sempre estará acima do que virá depois, pois ela (a metafísica) corresponde “aquilo que é condição e fundamento de tudo que o existe e de tudo que puder ser conhecido” (Chauí, 2010, p.230).

nova metafísica, posto que, interpretada de forma não dualista nem inteiramente fatalista, a crise em relação à existência consiste em uma nova possibilidade de ser.

Diferente do humanismo antropocêntrico - resultado do advento da modernidade definido pela potência humana ligada à razão e, a partir dela, o pleno domínio da natureza -, o existencialismo reposiciona o humano não como nuclear em relação ao mundo, mas sim, um ente dotado de uma potência a ser desenvolvida. Potência esta não tratada nos termos apriorísticos ou essencialistas. Em uma perspectiva objetiva e elucidativa, a potência criativa, na crise da modernidade, deixa de ser potência de pura razão e passa a ser potência vinculada à autoafirmação do indivíduo na sua existência.

Os ideais de mundo estariam, portanto, enfraquecidos. Manter um ideal nestes limites pressupõe uma existência humana imunizada ou até mesmo preparada para quaisquer avanços do real – do absurdo, do paradoxo e da angústia. O furo escancarado pelo pensamento existencialista se torna potencializador da angústia. A angústia que diferente do medo que possui um objeto conhecido, o medo desaparece quando o objeto esvanece (Ross, 2022, p.48). A angústia, portanto, permanece, pois, ela lida não com objetos supostamente capazes de aplacá-la, mas sim com possibilidades imateriais para a existência que se encontram fora do controle humano. Fala-se, portanto da liberdade, da saúde, da vida, da morte, do amparo, do desamparo, da busca por harmonia nas relações humanas e o risco iminente da discórdia.

O existencialismo como uma corrente de pensamento começa com Kierkegaard, interpondo um forte contraponto em relação à influência dos movimentos filosóficos iluminista (França e na Inglaterra) e idealista (Alemanha). Um pouco mais próximo da corrente idealista, Kierkegaard atribuía à angústia uma raiz que se encontra além da ordem da necessidade objetiva humana e que não poderia ser superada pelo exercício pleno da razão na ingênua intenção de eliminá-la. No pensamento de Kierkegaard “o que angustia é a possibilidade. À medida que a possibilidade daquilo que posso vir a ser me é desconhecida, ela é um nada para mim, é um objeto que não é objeto” (Ross, 2022, p.48).

Com isso, pode-se estabelecer que não apenas o existencialismo kierkegaardiano, mas a corrente de pensamento como um todo não é simplória a ponto de se aferrar no que podemos chamar de “resquício de uma ingenuidade sonhadora”. Sendo esta encarada como forma confortável e imaginariamente preconcepção humana de se chegar à um ideal de felicidade plena tendo um ambiente cercado de garantias absolutas. Logo, o pensamento existencialista desvia de um estágio desejado, pois que

No vocabulário existencialista, ao contrário, “existir” não constitui sinônimo de ser. As pedras são, mas não existem fora do ato mental, o único capaz de fazê-las existir. Com efeito, a existência não é um estado, mas um ato, a própria passagem da possibilidade à realidade; como indica a etimologia do termo, existir significa partir daquilo que se é (*ex*) para se estabelecer (*sistere*) ao nível do que antes era apenas possível (Folquié, 1975, p.42).

Este trecho apresenta com precisão uma das marcas inegociáveis do pensamento existencialista que é a recusa a qualquer ilusão reconfortante de uma existência marcada pelas garantias, pré-determinada ou essencialmente harmoniosa. Longe disso, o existencialismo – neste caso, mais especialmente, o de Kierkegaard – confronta sem concessões ou abrandamentos de forma direta a condição de desamparo e da liberdade para o sujeito. A existência como bem pontua Folquié, não é um estado a ser alcançado, mas um ato contínuo que envolve a realização de um movimento em direção ao real. Requerendo por parte do sujeito responsabilidade, assunção de suas escolhas. Em outras palavras, isso quer dizer sobre uma capacidade potencial do sujeito de enfrentamento da sua finitude.

1.2- Brevíssimas considerações sobre o conceito de angústia em Kierkegaard

O contexto histórico que Kierkegaard viveu se deu na Europa próximo à metade do século XIX. Ambiente profundamente marcado pela crise do pensamento moderno, cujo clima intelectual recebia – nem sempre de forma calorosa ou otimista - as recém “descobertas” de novas formas de expressão nos âmbitos cultural, religioso e filosófico, e de cosmovisões vindas de fora do velho continente devido ao avanço do processo de colonização. Isso somado ao avanço dos processos de produção em larga escala, e a um período de relativa estabilidade das guerras na Europa, foi período marcado por ter colocado em xeque as cosmovisões e modelos culturais hegemonicamente eurocentrados. Posto que a desejada estabilidade – pelo menos do ponto de vista dos grandes centros europeus – constituiu-se de forma paradoxal, pois não afastou da intelectualidade uma preocupação em relação à incerteza e o pessimismo em relação ao futuro por mais que houvesse avanços no pensamento científico.

Neste recorte, a própria ciência se revelou um paradoxo: ora sendo uma esperança diante da queda do pensamento metafísico, ora como uma ameaça. Pois ela poderia ser

vista como uma ameaça à modernidade em vista do apagamento de identidades e tradições mantenedoras de certas cosmovisões, cuja “explicação científica” fosse capaz de dar conta de certos fenômenos de forma mais efetiva do que a religião ou até mesmo à cultura: sendo um risco às tradições e costumes.

Desde o seu surgimento, o existencialismo se confunde com a angústia – conforme ela foi examinada nas categorias daquele tempo. Isso porque todo o pensamento surge em contextos específicos de sua época visando responder às questões difíceis de seu tempo. No caso, o pensamento de Kierkegaard refletia bem as mais diversas condições no cotidiano europeu daquele momento marcado pelo avanço da secularização em companhia do desenvolvimento do pensamento científico. Entretanto, a dimensão existencial em sua filosofia não refletia somente os aspectos externos que lhe cercavam, mas sim da sua própria profundidade⁹.

Para o pensador dinamarquês, a angústia é o afeto que marca a passagem da inocência à consciência da liberdade, uma relação ambígua do espírito com o indivíduo diante da possibilidade de escolha. Em outras palavras, a angústia representa um “nada” que ao mesmo tempo que assusta, atrai ao revelar para o sujeito que ele tem a capacidade de decidir por mais que não saiba o que fazer e qual será a consequência. Todavia, segundo Ross (2022, p.12), o pensamento kierkegaardiano é contraintuitivo. Logo, ao tratarmos do conceito de angústia nestes limites, essa consideração não pode ser abandonada.

Nesse sentido, a angústia, apesar do sofrimento que ela traz, ela assume também uma função educativa e, até mesmo de desenvolvimento do ser humano e nem a todo momento ela é sinônimo de culpa ou se resumiria completamente à catástrofe humana na existência. Sobre isso, Kierkegaard (2018) ao analisar a angústia como pressuposição do

⁹ Dentre os quais, o sentimento de insatisfação com a Igreja Luterana e o divórcio de sua esposa, Regina Olsen. “Kierkegaard sentia que a igreja luterana estava demais burocratizada e afastada da realidade interior que considerava essencial para o verdadeiro cristão. O jovem Kierkegaard, obcecado pelo sentimento do pecado e pela angústia da sensualidade que o assaltavam nessa época, tornou-se então um “filósofo solitário”, no dizer de Jean Wahl, e abandonou a religião. Ao mesmo tempo, entregou-se a uma vida desregrada de prazeres gastando altas somas em roupas, comidas e bebidas. Esse período crítico de sua juventude iniciou-se no mesmo ano da morte de seu pai (1838) e teve evidentes relações com esse triste acontecimento” (Chauí, 1988, p.VIII). Além disso, Kierkegaard teve de se deparar com fortes críticas que viram não exclusivamente por parte de pessoas influentes em seu país e ligadas à Igreja Luterana, mas também de um veículo de imprensa de Copenhagen, chamado “O Corsário”, conhecido por satirizar figuras de destaque daquele país. Condição esta que não foi diferente, dada a popularidade de Kierkegaard e seu estilo pouco convencional de estabelecer suas ideias, atribuindo-lhe críticas ingênuas intelectualmente, prevalecendo-se aquelas difamatórias mais concentradas em relação à sua imagem e em sua posição social praticamente isolada em relação às instituições.

pecado hereditário, discute a inocência e a capacidade de decisão com a liberdade por parte de Adão no Éden – em estado de inocência - angustiado diante da proibição de comer os frutos do paraíso. Afinal houve culpa em provar do fruto proibido?

Quando, pois, se admite que a proibição desperta o desejo, obtém-se ao invés da ignorância um saber, pois neste caso Adão deve ter tido um saber acerca da liberdade, uma vez que o prazer consistia em usá-la. Esta explicação é, portanto, a posteriori. A proibição o angustia porque desperta nele a possibilidade da liberdade. O que tinha passado despercebido pela inocência como o nada da angústia, agora se introduziu nele mesmo, e aqui de novo é um nada: a angustiante possibilidade de ser-capaz-de. Ela não tem nenhuma ideia do que é que ela seria capaz de fazer, pois de outro modo se pressupõe, certamente – como em geral sucede – o que só vem depois, a distinção entre bem e mal. Existe apenas a possibilidade de ser-capaz-de, enquanto uma forma superior da ignorância e enquanto uma expressão superior da angústia, porque esta capacidade, num sentido superior, é e não é, porque num sentido superior ela a ama e foge dela (Kierkegaard, 2018, p.48).

No contexto da inocência, a angústia não quer dizer culpa e nem trata de ser um fardo pesado para o indivíduo. Quanto a isso olha-se para as crianças que a angústia surge na busca pelas aventuras, pelo monstruoso e pelo que é enigmático (Kierkegaard, 2018, p.46). A angústia na criança é fundamental para que ela descubra o mundo, pois a angústia nessa fase “é tão essencial à criança, que esta não quer ver-se privada dela; e mesmo se ela a angustia também a cativa com sua doce ansiedade” (*Ibid.*, 2018, p.46). Entretanto, após a infância, quando a liberdade atravessa as formas imperfeitas da história do indivíduo, a angústia assume o mesmo significado de melancolia e a questão colocada diante disso seria de se chegar à história mesma, em um sentido aprofundado da palavra (*Ibid.*, 2018, p.46).

Nesse sentido, a angústia não representa somente o prenúncio da culpa, mas sim a própria condição da possibilidade de que haja uma escolha verdadeira. E o exame delimita um campo ligado à ética existencial. Isso, pois, o indivíduo em estado de angústia não pensa de forma inconsequente. Ele está ciente de que ao ter de tomar a decisão, ele percebe “ser-capaz-de” – mesmo que a decisão resulte em erro, fracasso ou culpa. Quanto a isso, a escolha implica em alcançar uma liberdade verdadeira. Essa condição, para Kierkegaard, pressupõe que haja uma síntese ética e espiritual definida pelo *salto*¹⁰: forma

¹⁰ Em linhas gerais, o salto consiste no instante subjetivo do qual o indivíduo assume sua liberdade diante da angústia, e com isso efetuando sua síntese entre a sua condição ontológica de finitude e infinitude por meio da fé. A fé não corresponde a uma ideia de certeza ou da busca por uma recompensa oriunda

única do indivíduo ter de lidar com a angústia marcada por sensação de desamparo existencial.

2- A angústia como aspecto ontológico-existencial e a psicanálise

2.1 – Breves considerações sobre a angústia na psicanálise de Freud

Na esteira da crise da modernidade, a psicanálise de Sigmund Freud, assim como existencialismo, também rechaça a ideia de um princípio essencialista ligado à *arché* do pensamento clássico ocidental. Entretanto, com o acelerado avanço do pensamento científico naquele tempo, também se buscava por uma explicação racional da experiência, porém, naquele instante, pela via da ciência e nem tanto pela filosófica. Nesse meio termo, encontra-se a psicanálise que passaria a ser vista com desconfiança por boa parte do meio científico ao colocar a razão subjugada aos “instintos humanos”.

Na primeira tópica freudiana do psiquismo, o consciente – a instância psíquica mais próxima à razão – corresponde a um centro relativamente autônomo e afastado de uma soberania em relação a outras duas instâncias: o pré-consciente (que é parte consciente e inconsciente) e o inconsciente.

Ao constatar a condição da predominância do inconsciente, por sua vez verificada a partir do tratamento de seus pacientes – em sua maioria mulheres - acometidos pela histeria, Freud surpreende a sociedade científica europeia de seu tempo ao dizer que a consciência é insuficientemente capaz de refrear a todo instante os instintos sexuais. Estes sujeitos eram impossibilitados da realização de seus desejos sexuais na objetividade, não somente por conta da lei simbólica – no que diz respeito à interdição do incesto -, mas de

do transcendente, tampouco baseia-se em dogmas ou fundamentos religiosos. Quanto a isso Kierkegaard é categórico, pois “A fé não constitui, portanto, um impulso de ordem estética: é de outra ordem muito mais elevada, justamente porque pressupõe a resignação. Não é o instinto imediato do coração, mas o paradoxo da vida. Assim, quando uma jovem, apesar de todas as dificuldades, conserva a certeza de que o seu desejo se realizará, essa certeza não tem relação alguma com a fé, apesar de sua educação cristã e talvez mesmo de um ano inteiro de catecismo. Está convencida porque é uma ingênua e inocente rapariguinha” (Kierkegaard, 1988. p.136). A fé para Kierkegaard diz de um nível de entrega naquilo do qual não se obtém nada em troca ou até mesmo garantias do qual abdica-se da própria racionalidade no que diz respeito à própria noção de ego.

seu outro aspecto: o social. Isso se deve à forte repressão ligada à sexualidade por conta da cultura, da política e da religião¹¹.

Em outras palavras, a descoberta do inconsciente não foi apenas uma revolução na medicina e da psicologia daquele tempo, mas sim um evento que representou o golpe final na onipotência da razão em relação aos comandos do psiquismo relativos à vontade humana e, sobretudo, os ligados à sexualidade. Os aspectos relacionados dizem respeito às dimensões existenciais, por sua vez, psicanaliticamente associadas com relação à sexualidade reprimida. O que dignifica e distingue a dimensão da profundidade ontológica - denominada de inconsciente - de acordo com a metapsicologia freudiana.

Diante desse olhar apresentado, tanto a psicanálise quanto o pensamento existencialista se aproximaram, não por uma via estritamente existencialista, tampouco através de uma aproximação kierkegaardiana nos primórdios da metapsicologia freudiana. Para Almeida (2021, p.14) por mais que Freud enviesasse pelo iluminismo, sendo um “herdeiro de Kant”, todavia, o médico de Viena era leitor de Nietzsche¹² - um opositor ferrenho do pensamento idealista kantiano. O filósofo da tragédia embora não tivesse sido de fato um existencialista na concepção categórica da filosofia, compreendia a razão do sofrimento humano enraizar-se em dimensões profundas do ser humano. Que se dava no confronto com o niilismo e na necessidade humana de elaborar alguma possibilidade para ter de lidar com a ausência de sentido pleno¹³.

Na concepção freudiana, a angústia surge, inicialmente, como uma resposta do ego diante das situações de perigo por ele percebidas, sendo posteriormente compreendidas como um sinal do conflito psíquico¹⁴. A associação do termo “angústia”

¹¹ Deste modo é possível perceber, que a própria enunciação freudiana do inconsciente se tratou, também, de um acontecimento não somente psicanalítico de modo inaugural, ou psicológico ou médico, mas também filosófico. Esse importante e controverso anúncio impactou a sociedade do velho continente no início do século XX, no que diz respeito à mais importante obra de Freud: *A Interpretação dos Sonhos* de 1900.

¹² E estas influências se deram de fundamental importância para a construção do conceito de inconsciente. Segundo Roudinesco & Plon (1998, p.375) a filosofia alemã de Schelling, Nietzsche e Schopenhauer já eram críticas ao racionalismo e já apresentaram, em conta partida, uma visão do inconsciente, porém sem uma relação direta com a clínica, enfatizando o aspecto sombrio da alma humana, permitindo emergir uma psique do ser destas profundezas.

¹³ Logo, a concepção existencialista em Nietzsche, serviu como uma base considerável para a psicanálise de Freud não se tornar uma psicologia do ego, mas de voltar-se à “psique profunda” ou o inconsciente. Isso, aparece na ética psicanalítica uma vez que “a psicanálise possibilita a compreensão da subjetividade para além de uma noção de *ego* autocentrado. Isso porque o sujeito é assim definido por estar inserido em diversas redes de relações simbólicas e sociais [...]” (Torres Neto; Dalpra, 2025, p.206).

¹⁴ Essas percepções serão mais bem compreendidas a partir da elaboração da segunda tópica de Freud do aparelho psíquico que possibilita analisar o conflito pulsional entre as instâncias do Isso e do Supereu.

aos sintomas fóbicos pois expressavam a ideia “de uma conversão da angústia em terror, em pacientes que praticavam a continência e se mostravam fanáticos com a limpeza, porque tinham horror às coisas da sexualidade” (Roudinesco; Plon, 1998, p.243,244). Há nessa concepção de Freud que remonta no primeiro momento de sua clínica, uma considerável diferença entre a angústia existencial e a angústia fóbica.

O conceito freudiano de angústia se associa à antecipação de uma perda — a do objeto fóbico — sendo ela real ou simbólica, vinculada a experiências primitivas, tais como o desamparo e a castração. Entretanto, para Laplanche (2000, p.26) no ano de 1926 o termo *Realangst* – traduzido como “angústia ante o real” - é apresentado em “Inibição, sintoma e angústia”, por compreender a angústia como um perigo externo que para o sujeito representa uma ameaça real. O termo *Realangst* se mostra mais eficiente no que diz respeito da construção de uma categoria freudiana para a angústia da qual a aproxima da concepção de angústia existencial, afastando-a das causas psicosssexuais reprimidas. Conferindo à psicanálise um olhar mais ontológico do que sintomático se tratando da tragédia humana.

Em linhas gerais, por mais que a clínica freudiana tivesse se modificado, a angústia permanece ligada a um “niilismo” ontológico, cujas origens remontam a perdas relacionadas à sexualidade reprimida, o que afasta Freud consideravelmente de Nietzsche. O referido conceito encontra amparo na estrutura de defesa psíquica, que leva o sujeito a lidar com as pulsões sexuais reprimidas como ameaça à integridade do ego.

2.2 – O *objeto a* , o sujeito e a angústia para Lacan

Intitular Jacques Lacan como um pós-freudiano seria justo desde que não fosse colocado no contexto histórico que sucedeu diretamente à Freud. O movimento lacaniano se deu através de uma releitura crítica – no sentido de uma retomada - da metapsicologia freudiana frente à chamada “psicologia do eu” da qual, aos olhos de Lacan, foi iniciada pelos pós-freudianos do contexto histórico. Todavia, para uma melhor compreensão da posição crítica de Lacan no retorno a Freud, ela se deu através de um reposicionamento da escuta do inconsciente – e não do eu.

O movimento lacaniano de retorno à Freud teve um fundo político – no sentido de uma nova organização para a condução dos fatos – por transformar a psicanálise de uma técnica “para cura e desvios psíquicos para tornar-se a teoria de uma dimensão radical da existência humana em seu tratamento” (Almeida, 2021, p.21,22). Essa observação é importante pois a psicanálise lacaniana transformou o olhar marcado por sujeito-clínica, mas para o sujeito-cultura-clínica. Essa “virada”, inegavelmente, voltou a psicanálise para a cultura, consequentemente, o inconsciente para a linguagem – como efeito da cultura. E com isso, compreende-se o eu marcado pelos efeitos da fala e do significante no corpo. Nesse sentido, na profundidade do sujeito, o inconsciente lacaniano se estrutura como linguagem, um campo de significações atravessado pela falta e pelo desejo. Assim

a perspectiva [trazida pela psicanálise] lacaniana oferece possibilidades ao sujeito para a reconfiguração de suas narrativas, ao ressaltar a sua participação na relação com o desejo e quanto ao reconhecimento da falta. Permitindo-o a se libertar das imposições normativas ao possibilitar a restituição de uma autonomia recalcada historicamente, que diz sobre a desvalorização e a não importância do sujeito em relação à sua real condição na sociedade (Dalpra, 2025, p.44, colchetes nosso).

Um outro sentido sobre o sujeito lacaniano é o de que ele é uma construção atravessada pela linguagem, pela cultura e pela estrutura correspondente ao desejo. Uma vez que é nos entremeios do campo simbólico que constitui o sujeito onde se inscreve a angústia para Lacan, ou seja: como um sinal do real que emerge onde o sujeito se depara com o limite do simbólico.

A angústia para Lacan, diferente da linguagem, não é definida por um mecanismo de deslocamento ou de substituição simbólica como ocorre na neurose. Mesmo impossível de ser significada, a angústia consiste em uma resposta precisa e direta do sujeito diante da incongruência do Outro¹⁵. Ela se manifesta no sujeito por meio de um conflito psíquico que, de acordo com a tópica lacaniana, se dá entre os três registros – real, simbólico e imaginário. Em seu *Seminário livro 10: a angústia*, Lacan se aprofunda nestes conflitos, que em sua finalidade: ambos apontam em direção a um impasse estrutural entre o sujeito e o *objeto a* – objeto causa de desejo.

¹⁵ A célebre máxima de Lacan de que não há Outro do Outro. A incongruência assinalada diz respeito à angústia de castração – uma das formas de angústia - da qual o Outro, assim como o sujeito, está barrado levando-o à terrível experiência da decepção causada por uma expectativa frustrada (Kaufmann, 1996 p.41).

Comparando, nesta perspectiva, o conceito lacaniano de angústia e o *Realangst* do “segundo Freud” – devido ao aspecto da emersão do real –, verifica-se que a angústia para Lacan é marcada por conta da ausência da ausência de algo do qual se desconhece. Para Freud, angústia quer dizer *Angst vor etwas* que quer dizer “angústia diante de algo”¹⁶ (Lacan, 2005, p.176). Na perspectiva lacaniana, a angústia surge no sujeito sob forma de um afeto marcado pelo encontro com o *objeto a* que, por categoria, existe somente como um lugar, impossibilitado de ser definido ou completamente incorporado. O *objeto a* consiste em um objeto mítico que vincula-se ao desejo que retorna e escapa, e quando está presente para o sujeito, lhe desperta profunda estranheza revelando o furo, a falta.

Sendo este objeto, portanto, o sinal do real que faz emergir a angústia, desfazendo a mediação simbólica que até então servia como estrutura parcial da realidade psíquica. Nesse sentido, a mediação do simbólico em algum instante revelará, no sujeito, o furo posto que

O significante é aquilo que salta com a intervenção do real. O real remete o sujeito ao traço e, ao mesmo tempo, abole também o sujeito, pois só há sujeito através do significante, da passagem para o significante. Um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante (Lacan, 2005, p.168).

A presença do *objeto a* é, por excelência, uma experiência angustiante por revelar o instante do qual o sujeito se vê confrontado com aquilo que sustenta o seu desejo. E por conta disso, o sujeito passa a se dar conta de estar destituído de um saber do qual julgava consistente que havia sobre ele próprio. É disto que a “falta da falta” ou a “ausência da ausência” constitui o que poderíamos chamar de retrato da angústia na chave lacaniana, pois representa o colapso daquilo que gradativamente faltava para o sujeito. Entretanto, a ideia de uma falta radical real anteriormente percebida pelo sujeito não ocorre. A angústia se dá sob forma de um paradoxo, assinalado por um excesso de presença da “falta da falta” que comparece – como toda presença – onde não deveria haver nada. É esse

¹⁶ Essa afirmativa de Lacan o conceito de *Angst* é mantido como em Freud – como aparece em *Mais-além do princípio do prazer* (1920) que, segundo Kaufmann (1996, p.37) diz de um estado de expectativa a respeito de um perigo não identificado de forma distinta. Pois a palavra em alemão, se tomada de forma isolada, representa o medo desencadeado devido à falta de um objeto conhecido. Deste modo, o que interessa é a ideia da “emersão do real” em seu caráter irredutível pode ser compreendida devido às várias articulações que Freud estabelece com *vor etwas*. Para Freud, *vor etwas* representa expectativa que se dá perante qualquer coisa (Kaufmann, 1996, p.38). Uma destas articulações estabelecidas por Freud seria referente a um perigo interno, definido como *Gefahr* ou *Gefährdung* sendo “aquele que vem de dentro” (Lacan, 2005, p.178).

encontro que faz vacilar a rede significante que organizava a realidade do sujeito, agora expondo a condição de dividido e desamparado.

Conclusões finais

Para Kierkegaard o ser humano não teria uma liberdade no sentido pleno do termo, pois em sua ontologia o ser humano é parte finitude e infinitude e a angústia revela a condição existencial paradoxal ligada ao temporal e ao eterno. Para Lacan, a angústia trata da condição existencial na qual a falta que atravessa o sujeito emerge diante da iminência do desejo: que é quando o *objeto a* se torna “tão disponível”, a ponto de revelar a castração do sujeito. Desse modo, a ideia de que a angústia possa levar à liberdade, em termos lacanianos, a liberdade se daria por meio de uma mudança na posição subjetiva – por parte do sujeito - em relação ao Outro.

A angústia em termos kierkegaardianos diz da possibilidade de haver uma “liberdade verdadeira” em total oposição à liberdade - como tal é conhecida pelo indivíduo - que para o pensador se trata de uma vertigem; a “liberdade verdadeira” ocorre quando se chega à síntese subjetiva entre a finitude e infinitude existencial – o tornar-se si mesmo. Ao contrário disso – i.e quando não há uma síntese que, quando mal realizada -, surge para o indivíduo a dúvida em sua forma acentuada que para Kierkegaard representa o desespero – e não a angústia.

Não há, portanto, tanto em Lacan quanto em Kierkegaard possibilidades para que a angústia seja eliminada. Em termos lacanianos, o sujeito se angustia devido a uma relação empobrecida e alienada com o desejo do Outro, da qual o sofrimento por ela causado emerge quando o objeto causa de desejo colapsa em sua função. Nesse sentido, a liberdade para Lacan será sempre uma liberdade parcial. Pois o sujeito se constitui e permanece no laço social. Por isso, continuaria barrado, já que escolheu estar sujeitado à lei: no caso a lei dos seres humanos. O sujeito, diante do simbólico representado por esta lei, estaria agora mais bem esclarecido em relação ao seu desejo “mais legítimo” do que do Outro e, portanto, sabendo reagir melhor diante dos conflitos externos que lhe atravessam e de melhor dirigir o seu gozo para situações e tempos específicos, sendo capaz de até mesmo sublimá-los.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alfredo Bossi; revisão e tradução de novos textos por Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALMEIDA, Wilson Castello de. **Fontes do pensamento de Jacques Lacan**. 1ª ed. São Paulo: Summus, 2021.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia [livro do professor]**. 14ª ed. São Paulo: Ática, 2010.

CHAUÍ, Marilena. Kierkegaard: vida e obra [prefácio]. In: **Diário de um sedutor; Temor e Tremor; O desespero humano**. 3ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. V-XIII. (Coleção Os Pensadores).

DALPRA, Daniel Martins. O Discurso do Mestre e a Legitimação da Autoridade nas Estruturas de Poder Contemporâneas: Uma análise psicanalítica. In: **Caderno de Anais do Evento 1º Colóquio de Filosofia Política da UFJF “Escombologia e Políticas do Fim do Mundo”**. Fevereiro de 2025 p.34-45. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1AoJDIHf54IoEptS4w3wwlhM_KCQc4n_8/view.

Acesso em 1 jun.2025.

FOULQUIÉ, Paul. **O existencialismo**. Trad. J. Guinsburg. 3ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 1975.

JURANVILLE, Alain. **Lacan e a Filosofia**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Trad. Vera Ribeiro e Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativo direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário**. Trad. Álvaro Luiz Montenegro Valls. 3ªed. Petrópolis: Editora Vozes, Editora Universitária São Francisco, 2013.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Diário de um sedutor; Temor e Tremor; O desespero humano**. Trad. Carlos Grifo, Maria José Marinho, Adolfo Casais Monteiro. 3ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988 (Coleção Os Pensadores).

LACAN, Jacques. **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10: a angústia**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da psicanálise: Laplanche e Pontalis**; sob a direção de Daniel Lagache; tradução, Pedro Tamen. 3ª, Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ROUDINESCO, Elisabeth.; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ROSS, Jonas. **10 lições sobre Kierkegaard**. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.

TORRES NETO, Jungley; DALPRA, Daniel Martins. Religião e Ideologia: Disputas no Espaço Público a Partir de Žižek e do Pensamento Decolonial. **Religare**, Vol.22, Ed.1, janeiro de 2025. p.203-227. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/73177/41584> . Acesso em 3 jun. 2025.

A ANGÚSTIA ENTRE O GOZO E O DESEJO RELACIONADO AO OBJETO A: UM MODELO MATEMÁTICO - CARTEL CONEXÕES ENTRE A ANGÚSTIA E O DESEJO

Lilian Milena Ramos Carvalho

Daniel Martins Dalpra

A angústia entre o gozo e o desejo relacionados ao *objeto a*: um modelo matemático

Cartel Conexões entre a Angústia e o Desejo

*Lilian Milena Ramos Carvalho*¹⁷
*Daniel Martins Dalpra*¹⁸

Resumo: Este trabalho é resultado de um produto de cartel psicanalítico, no qual se explora a dinâmica entre o desejo e o gozo. Nesse sentido, um modelo matemático foi construído com a intenção de melhor visualizar a dinâmica pulsional dessas funções por meio de um grafo. Com base nas perspectivas trazidas pela psicanálise lacaniana, explora-se, de modo mais abrangente, as conexões entre as variáveis envolvidas representadas pelas funções: *objeto a*, gozo, angústia e desejo, para a elaboração do modelo matemático como um sistema linear. A solução desse sistema trouxe resultados condizentes com a teoria de Jacques Lacan – melhor apresentada através de seu texto *O seminário livro 10: a angústia* – estudada e adotada como referência principal pelo cartel.

Palavras-chave: Angústia, Desejo, Gozo, Modelo Matemático, *Objeto a*, Psicanálise Lacaniana.

Abstract

This work is the product of a psychoanalytic cartel, in which the dynamics between desire and jouissance are explored. In this context, a mathematical model was developed with the intention of better visualizing the drive dynamics of these functions through a graph. Based on the perspectives from the Lacanian psychoanalysis, the connections between the variables involved – represented by the functions: *objet a*, jouissance, anguish, and desire – are more broadly examined in order to develop the mathematical model as a

¹⁷ Doutora em Ciências da Computação e Matemática Computacional (ICMC/USP). Mestre em Engenharia Elétrica (UNESP). Graduada em Licenciatura em Matemática (UFMS). Pós-Graduada em Clínica Psicanalítica Lacaniana (ESPE). Professora Titular do Instituto de Matemática (INMA) da UFMS, campus de Campo Grande - MS. Email: lilian.carvalho@ufms.br

¹⁸ Mestrando em Ciência da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião (PPCIR) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Especialista em Ciência da Religião (UFJF), Psicanálise pelo Centro Educacional (Dom Alberto) e em Antropologia Brasileira (UCL). Psicanalista, professor de filosofia e teoria psicanalítica. Bolsista CAPES. ORCID: 0009-0003-8429-608X. E-mail: danielmdalpra@gmail.com

linear system. The solution to this system yielded results consistent with the theory of Jacques Lacan, particularly as presented in his text *Anxiety: The Seminar, Book X* – which was studied and adopted as the main reference by the cartel.

Keywords: Anguish, Desire, Jouissance, Lacanian Psychoanalysis, Mathematical Model, *Objet a*.

Introdução

O tema deste trabalho consiste em produto de cartel de membros da Sociedade Psicanalítica Online (SPO). Cartel este nomeado pelos seus componentes¹⁹ de: *A Angústia entre o gozo e o desejo*. O grupo trabalhou durante o período de março de 2024 a março de 2025. O produto do cartel se sustenta pelas contribuições e elaborações entre pares que foram de fundamental importância para que o resultado apresentado fosse possível.

Observa-se, nesta construção textual, a plena consideração em relação ao produto de cartel. Neste caso, refere-se ao apresentado nestas linhas, pois decorre dos olhares dos dois autores deste trabalho. Entretanto, ainda nessa perspectiva – evitando que haja um distanciamento do produto constituído de cartel –, busca-se, através destes escritos, a adoção de critérios técnicos em perspectiva acadêmico-científica, no sentido de complementariedade dessas visões, cujas escolhas se dão pela importância formal.

Destarte, a principal referência para o texto baseia-se principalmente – mas não exclusivamente – nas lições de Jacques Lacan (1901-1981) no *Seminário livro 10: a angústia*. Por conta disso, o cartel percebeu a necessidade de ir *mais-além* naquilo que o significante não se faz letra, mas que se presentifica sob forma de sofrimento no sujeito pela iminência do sinal da falta na falta do desejo. Isso porque o desejo, para Lacan, é uma força que emerge da falta. E este, diferente do gozo – é uma experiência direta e alienante, marcada pelo excesso. Diferentemente do desejo, o gozo melhor pode ser definido como uma experiência de parcialidade – com o desejo – mediada, por sua vez, pelo objeto causa de desejo (*objeto a*), não sendo, portanto, um ato de plena satisfação.

¹⁹ Além dos autores deste trabalho, as cartelizantes Adriana Serpelloni e Yasmin Nunes Soares participaram do referido cartel que também contou, na condição de *mais-um*, com o psicanalista Daniel Gostautas.

Desse modo, o gozo consiste, simbolicamente, em um ato de transgressão por parte do sujeito devido a limites estabelecidos – e insuperáveis – entre o simbólico e o Real.

Os membros, por observarem uma estrutura intrínseca e complexa no desejo inerente ao tema de cartel, decidiram por uma abordagem estrutural em seu trabalho. Assim, um modelo matemático é construído para integrar esses conceitos dentro de uma estrutura de álgebra linear, particularmente influenciada pelo algoritmo PageRank²⁰. Desse modo, busca-se integrá-lo sob um modelo matemático em forma de grafo que busca se estabelecer a partir do ensino de Jacques Lacan – tendo como base a obra supracitada. Assim, o desenvolvimento da estrutura de grafo, proposta neste trabalho, visa oferecer uma contribuição psicanalítica, considerando o ponto de vista dinâmico – da pulsão – acerca dos conflitos psíquicos da relação entre sujeito e angústia.

Portanto, o objetivo deste trabalho é o da abordagem do tema – sobre a angústia, gozo e desejo – pela teoria lacaniana, pois leva-se em consideração o desejo dos autores pela abordagem estrutural trazida pela psicanálise lacaniana, que confere consistência para a elaboração de grafo. Do ponto de vista técnico, este trabalho recorre a referências bibliográficas ligadas às psicanálises freudiana e lacaniana – esta última, sobretudo –, assim como as relativas à álgebra linear, mais especificamente àquelas inerentes ao algoritmo PageRank.

1- A angústia entre o gozo, o desejo e o *objeto a*

Para o psicanalista francês Jacques Lacan, a angústia é compreendida como um afeto cujo desconforto psíquico, para o sujeito, advém de um vazio existencial. Todavia, esse desconforto é incontornável, irremediável e irreparável por se tratar de uma falta ontológica – expressa na forma de um sinal do Real. Nesse sentido, a angústia, diferente de um contexto de ruptura com algo ou relacionado à perda de um objeto qualquer, *não* consiste em um sinal da falta, mas sim, na *falta de suporte dada pela falta* (Lacan, 2005, p. 64-65).

Em outras palavras, a angústia não é a presença de uma ausência. Diferente disso, ela representa *iminência de uma ausência – a falta da falta*. Quanto a isso, Lacan, sugere

²⁰ O algoritmo PageRank é um método matemático que classifica páginas da web com base na quantidade e qualidade dos links que recebem. Foi criado em 1998 por Larry Page e Sergey Brin, fundadores do Google.

que a crise de angústia é decorrente de um efeito desencadeado por conta de uma nostalgia da perda do seio materno – o objeto mítico perdido. Logo, só pode ser percebido como uma ausência provocada por sua ausência. Sendo esse objeto perdido, portanto, o resto dessa relação com o desejo, e, assim, o *objeto a* como objeto causa de desejo (Lacan, 2005, p. 64).

Desse modo, a ameaça em questão é um fenômeno de borda por representar algo do sujeito que *não deve aparecer* e, por conta disso, lhe resta atravessar pela experiência do desamparo da existência – tendo a “sobra” do inapreensível, um resto de causa do desejo, o *objeto a* (Lacan, 2005, p. 133). Essa compreensão é fundamental para abordar não apenas o desejo no contexto psicanalítico, mas, sobremaneira, para que seja possível a compreensão de sua função estrutural no psiquismo – ligado às dinâmicas do gozo, determinantes se comparadas às do desejo.

A *dinâmica entre o gozo e o desejo* se relaciona ao *objeto a*. Nesse contexto, o desejo é algo que nunca se satisfaz plenamente, pois sua relação se dá com aquilo que falta na falta, com a necessidade paradoxal de buscar a ausência daquilo que não está presente. Resta, portanto, ao sujeito lidar com a causa do desejo, e é nisso que entra o *objeto a*:

[...] que surge a dimensão cuja evitação, na teoria do sujeito, tem produzido a insuficiência de toda a coordenação cujo centro se manifesta como teoria do conhecimento, gnoseologia. Aliás, a novidade topológica estrutural exigida pela função do objeto é perfeitamente sensível nas formulações de Freud, nominalmente nas concernentes à pulsão. (Lacan, 2005, p. 115)

O *objeto a* é, em sua categoria, *objeto causa do desejo*. Assim o é, pois, ao desencadeá-lo, o sujeito evita a sua realização, perpetuando, assim, a pulsão²¹. O *objeto a* se constitui como um elemento ausente não por estabelecer uma relação direta com o desejo, mas sim com o gozo²². Desse modo, o *objeto a* reflete simbolicamente o modo

²¹ A pulsão é representada por Jacques Lacan (2005, p. 77) como ($\$ \diamond D$) a ser lida “como S barrado, corte de D maiúsculo, a demanda”. Diferente da concepção freudiana ligada à fronteira entre o somático e o psíquico, a pulsão representada através desse corte origina-se do encontro entre o sujeito dividido e a demanda do Outro, mediado por uma montagem fantasmática.

²² O gozo consiste em uma posição do sujeito definida por meio de uma relação potencialmente marcada por uma repetição²², bem como de um excesso resultando em alienação ao *objeto a*. Nesse sentido, o gozo é definido como uma tentativa de regulação simbólica do desejo (interditado), marcado pela transgressão do campo simbólico em relação aos limites, resultando em um empobrecimento da experiência do Real. Logo, por escapar da ordem do simbólico em decorrência de suas insuficiências ele se sustenta por base da interdição da castração – efeito da lei. Assim, o gozo se fundamenta, portanto, em uma experiência marginal, circulante nas bordas do significante.

pelo qual o sujeito busca sua satisfação – definida pela impossibilidade de encontro direto com o desejo – que nunca poderá ser alcançada de modo pleno. O *objeto a* “aciona”, portanto, a falta do desejo, o que leva o sujeito a ser confrontado por ele. Logo, o gozo consiste em uma organização estabelecida pelo sujeito diante do confronto com o desejo que não pode ser completamente capturado e, com isso, não se pode obter (desse encontro) uma satisfação plena.

Portanto, o sofrimento do sujeito representado através do gozo se dá graças a essas estruturas barrocas – circulares – estabelecidas pela linguagem em relação ao desejo, por sua vez, definidas de modo paradoxal entre *transgressão e parcialidade da satisfação*. Por conta disso, o gozo representa um esforço de obtenção de um novo encontro com o objeto, mas que por conta do *signo*²³, um algo substituto se dá em seu lugar sob forma de um rasgo, uma marca – e que daí perpassa o objeto para sempre perdido (Kaufmann, 1996, p. 221).

Já o neurótico recua da ideia de que a sua castração é também a do Outro e, por isso, o faz acreditar que a verdade no Outro se torna uma “verdade superior”, admitindo-a para si. Ao se dar conta de que essa verdade se insere em uma possibilidade infindável de significações possíveis, o neurótico percebe nisso um detalhe: para que essas significações sejam sustentadas, é necessário articular-se ao gozo. Essa articulação pode ser apontada por um significante faltante; e dessa falta, o sujeito se coloca, portanto, na angústia ao ter de assumir a sua própria castração, como observa Lacan:

Aquilo diante de que o neurótico recua não é a castração, é fazer de sua castração o que falta ao Outro. É fazer de sua castração algo positivo, ou seja, a garantia da função do Outro, desse Outro que se furta na remissão infinita das significações, desse Outro em que o sujeito não se vê mais do que como um destino, porém um destino que não tem fim, um destino que se perde no oceano das histórias. Ora, o que são as histórias senão uma imensa ficção? O que pode assegurar uma relação do sujeito com esse universo de significações senão que, em algum lugar, existe gozo? Isso ele só pode assegurar por meio de um significante, e esse significante falta, forçosamente. Nesse lugar de falta, o sujeito é chamado a dar o troco através de um signo, o de sua própria castração. [...] É no nível do

²³ A ideia apresentada diz respeito a uma tendência natural em relação à escrita assumir um papel de preponderância em relação ao discurso. Para o linguista Ferdinand de Saussure (1857-1913), o signo consiste em uma unidade fundamental da linguagem composta por dois elementos importantes: o significado e o significante. Tanto a língua falada quanto a escrita são dois sistemas distintos de signos, mas que a escrita se limita, quanto à representação da fala (Saussure, 2006, p. 34). O objeto linguístico não é definido apenas pela combinação entre a palavra escrita e a falada, uma vez que a palavra falada, por si só, já constitui esse objeto (*ibid.*, 2006, p. 34). Nesse sentido, a escrita só se entrelaça de tal maneira com a fala que em muitas das vezes assume um papel de maior relevância que a própria fala, levando as pessoas a valorizarem a escrita em detrimento da expressão oral (*ibid.*, 2006, p. 34).

questionamento do complexo de castração que nossa exploração concreta da angústia nos permitirá estudar a passagem possível - possível, ainda mais possível por já ter sido percorrida em muitas ocasiões. (Lacan, 2005, p. 56).

Ainda segundo Lacan (2005, p. 74-76) a “relação angustiada” que perpassa o sujeito consiste na perda de um objeto mítico e irrecuperável, em que toda demanda incide em angústia, posto que sempre haverá algo de enganoso em relação ao desejo. O “enganoso” trazido nesse exemplo diz respeito ao que *não incide no significante*, ou seja: por conta da passagem à linguagem – ou seja, o tornar-se sujeito –, o que marca a entrada do vir-a-ser-sujeito na ordem do simbólico. Assim, na concepção lacaniana²⁴, a angústia é um afeto presente entre as estruturas do desejo e do gozo, e que, na castração origina-se no significante em substituição da falta²⁵ do Outro.

O desejo é estruturado pela falta localizada no campo do Outro. Assim, é o desejo do Outro que organiza o desejo do sujeito, estabelecendo uma cadeia de significantes que busca, incessantemente, aquilo que sempre se ausenta. Assim, o conceito de desejo se opõe, portanto, ao de necessidade, pois esta sim possui um objetivo e um objeto específico que se busca alcançar. É no aprofundamento dessa relação que surge a importância de discernir sobre as chamadas “vontades” do sujeito, isto é, se se trata de demanda (ligada ao desejo) ou de necessidade (ligada ao gozo e ao corpo). Contudo, diante da imprecisão sobre ser uma demanda ou uma necessidade, surge então uma “demanda direta” da qual o sujeito, caso seja capaz de nomear a ausência, verifica que ela não incide no desejo – marcado pela falta, mas sim, na necessidade.

Há nisso, contudo, a importância de se ter uma atenção quanto à escuta do discurso acerca da necessidade. Pois não é uma necessidade do corpo, ou seja, fisiológica ou

²⁴ “O que pode assegurar uma relação do sujeito com esse universo de significações senão que, em algum lugar, existe gozo? Isso ele só pode assegurar por meio de um significante, e esse significante falta, forçosamente. Nesse lugar de falta, o sujeito é chamado a dar o troco através de um signo, o de sua própria castração. Dedicar sua castração à garantia do Outro, é diante disso que o neurótico se detém. Ele se detém aí por uma razão como que interna análise, e que decorre de que é a análise que o leva a esse encontro. A castração, no fim das contas, nada mais é que o momento da interpretação da castração” (Lacan, 2005, p. 56).

²⁵ A falta, para a psicanálise, é uma condição estrutural do psiquismo em que, a partir dela, funda-se o desejo que, do ponto de vista do sujeito, a falta corresponde à falta no desejo do Outro. Assim, ela surge na forma de um “vazio condicional” ao sujeito habitado pela linguagem ao se deparar com a não condição do significante de poder simbolizar completamente a experiência (humana). No ensino de Jacques Lacan, é a partir do conceito da falta – i.e., estrutural do desejo – que o teórico conceitua os três registros da experiência humana. Assim, a falta em relação aos três registros da experiência humana tratam, respectivamente: do real (diante da impossibilidade da simbolização), do simbólico (marcado pela falta no Outro e a linguagem) e no imaginário (a falta no ego em decorrência da constituição do narcisismo).

puramente material para a saúde física, uma vez que ela é marcada pela constante presença de (ou busca por) um objeto na função de causa de desejo. Logo, é através dele – do *objeto a*, bem como de sua relação com o gozo – que se torna possível se aproximar do desejo, mas não definí-lo, ou talvez, supri-lo. Pois o que nomeia não é a causa do desejo, mas o objeto que está na função de causa de desejo: um objeto qualquer e que podem ser vários.

Assim, a demanda surge de uma carência específica e que diz, não de um querer vago, mas difuso, e que concatena com uma necessidade biológica (Fink, 2018, p. 76). Dessa forma, o desejo se constitui pela falta em decorrência dessa “ausência” de objeto de desejo – a Coisa, para Lacan –, ou seja, uma ausência de nomeação que se dirige ao furo da linguagem – pois o que se deseja não é um objeto que visa atender a uma necessidade (biológica), mas sim um saber sobre o (desejo do) sujeito. A pulsão, portanto, conduz o sujeito a esse encontro na expectativa de se chegar a um “saber fundante”.

Daí, resta ao sujeito ter de se defender dessa “invasão do real”, compreendida como uma iminência do objeto nostálgico – o seio materno – que na cadeia simbólica é variante e não vinculado a uma fixidez em relação à sua forma. Por mais que a sua função psíquica – a de causa de desejo – se preserve. O *objeto a*²⁶, corresponde à função psíquica no lugar da falta e capaz de despertar diversos estímulos de modo sensorial através do olhar (o escópico), da voz (invocante), da textura, ou até mesmo pelo olfato. Não exclusivamente, o *objeto a* surge também de forma “mais primitiva” em relação ao desenvolvimento do sujeito, que freudianamente corresponde às duas primeiras fases da psicosexualidade – oral e anal. Nesse sentido, o *objeto a* tem como função a da substituição do seio (representado do ponto de vista pulsional, pela oralidade, e afetivamente, na(s) demanda(s) de amor – cuidado, carinho). Havendo também o seu em seu oposto, ou seja, quando a pulsão se volta para a analidade, representada através das fezes em sua expulsão (se rejeição ou acúmulo), do ponto de vista da economia libidinal ligada ao desejo.

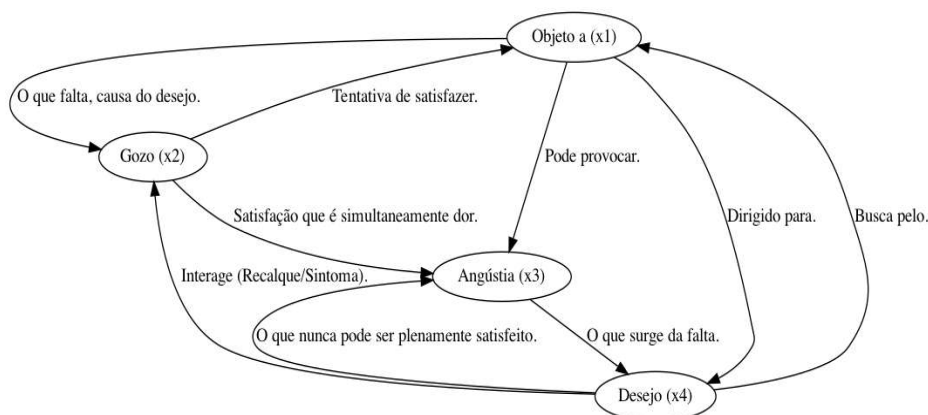
²⁶ “O *objeto a* que funciona em sua fantasia e que lhes serve de defesa contra a angústia é também, contrariando todas as aparências, a isca com que eles fisgam o Outro” (Lacan, 2005, p. 61).

2- Modelo Matemático

Considerando o *sujeito*, em sua relação entre o desejo, a angústia, o gozo e o *objeto a*, busca-se responder à seguinte questão: quais as possibilidades de definição e estabelecimento de métricas capazes de revelar de que modo as ligações entre cada uma das *funções* acima se refletem no sujeito? Para responder a essa questão, elabora-se um modelo matemático que visa aproximar a solução do problema, fornecendo um valor numérico (métrica) que indique a *importância*²⁷ dessas funções. Assim, quanto maior o valor atribuído a uma função, maior sua *importância* para a solução do problema. A ideia básica para o modelo matemático²⁸ proposto é baseada em Bryan; Leise (2006) e Liesen; Mehrmann (2015), referentes ao algoritmo PageRank.

Como visto na seção anterior, a angústia se revela ao sujeito diante do limite máximo suportado por ele em decorrência dessa experiência de parcialidades em relação à satisfação plena. Dessa maneira, a dinâmica proposta é mais bem visualizada (e representada) a partir do grafo, conforme Figura 1, que exemplifica o modo tal qual se dão esses encontros do ponto de vista da subjetividade – aqui definidos como relações dinâmicas.

Figura 1. Relações dinâmicas entre o Gozo e o desejo, relacionado ao *objeto a*



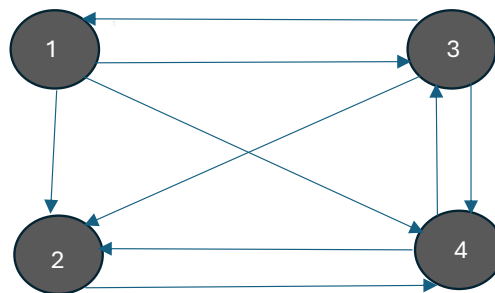
Fonte: dos autores (imagem gerada no código Python)

²⁷ É mister salientar que o sentido atribuído à palavra *importância* – atribuída por base da perspectiva analítica proposta pelo modelo matemático deste trabalho a qual não se aplica no contexto de predominância – de uma função sobre as demais –, mas sim, da *importância* ligada ao *valor numérico* atribuída ao que cada função representa no modelo matemático.

²⁸ O modelo matemático tem por base uma modelagem matemática desenvolvida por Bryan; Leise (2006), que por sua vez utilizaram as ideias subjacentes ao algoritmo PageRank, desenvolvido por Sergei Brin e Larry Page, os fundadores do Google Inc. na Universidade de Stanford no final dos anos 1990.

A ideia do algoritmo é interpretar um *link* da página A para a página B como um voto da página A para a página B. Assim, o algoritmo avalia a *importância* de uma página pelo número de votos recebidos. Além disso, o algoritmo considera a *importância da página* que emite o voto. Para fazer a modelagem matemática, Bryan; Leise (2006), considera-se a seguinte estrutura de links:

Figura 2. Estrutura de Links



Fonte: Bryan; Leise (2006).

Nesse caso, tem-se quatro (4) páginas da web – representadas de forma numérica dentro de cada esfera –, cujos valores de importância são denotados por x_1 , x_2 , x_3 e x_4 e representam números maiores do que ou iguais a zero. Assim, se $x_j > x_k$, então, a página j é mais importante do que a página k . Além disso, se a página j tem um *link* para a página k , dizemos que a página k tem um *backlink* da página j . De acordo com a descrição acima, os *backlinks* são os votos. Na Figura 2, a página 1 tem um *link* para as páginas 2, 3 e 4 e um *backlink* com a página 3. Assim, para definir a *importância* de páginas da web, o meio mais fácil é o de contar os *backlinks* de cada uma. Analisando a figura, verifica-se que: $x_1 = 1$, $x_2 = 3$, $x_3 = 2$ e $x_4 = 3$.

Portanto, as páginas mais importantes são a 2 e a 4, que são igualmente importantes. Mas, o algoritmo PageRank também sugere que *backlinks* de páginas importantes são mais importantes para o valor de uma página do que aquelas de páginas menos importantes. Esta ideia pode ser modelada definindo cada x_j como a soma de todos os valores de importância dos *backlinks* da página j . No exemplo mostrado na Figura 2, tem-se:

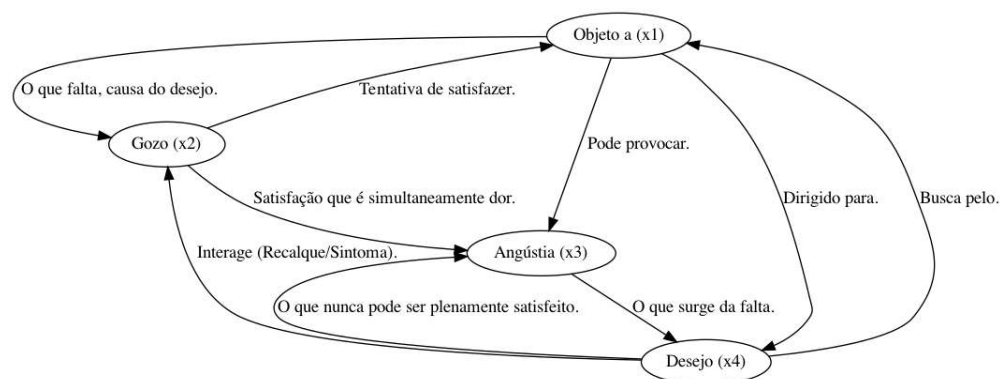
$$\begin{aligned}
 x_1 &= x_3 \\
 x_2 &= x_1 + x_3 + x_4 \\
 x_3 &= x_1 + x_4 \\
 x_4 &= x_1 + x_2 + x_3
 \end{aligned}$$

Segundo Bryan; Leise (2006), essa formulação tem a desvantagem de não considerar o número de *links* de cada página. Ao considerar o número de *links* de cada página, a importância da página aumentaria significativamente. Para evitar que se aumente a importância da página apenas adicionando *links* a ela, os valores de importância dos *backlinks* são divididos pelo número de *links* da página correspondente. Isso fornece finalmente as equações:

$$\begin{aligned}x_1 &= \frac{x_3}{3} \\x_2 &= \frac{x_1}{3} + \frac{x_3}{3} + \frac{x_4}{2} \\x_3 &= \frac{x_1}{3} + \frac{x_4}{2} \\x_4 &= \frac{x_1}{3} + x_2 + \frac{x_3}{3}\end{aligned}$$

Essas equações constituem um sistema linear de 4 equações e 4 incógnitas. O sistema é linear porque as variáveis x_1, x_2, x_3 e x_4 ocorrem apenas na primeira potência. Utilizando essa ideia, retoma-se a questão formulada no início da sessão 3 (Modelo Matemático), que corresponde a uma análise de um sujeito, em uma relação, tendo presente as funções desejo, angústia, gozo e *objeto a*. A figura 3 mostra as relações dinâmicas entre as funções angústia, gozo e desejo, relacionadas ao *objeto a*.

Figura 3. Relações dinâmicas entre o Gozo e o Desejo, relacionadas ao *objeto a*



Fonte: dos autores (imagem gerada no código Python)²⁹

Assim, por exemplo, considera-se:

²⁹ Na Figura 3, cada nó do grafo corresponde a uma função que se articula com outra por meio de setas. Definimos cada articulação que sai de um nó como sendo *link*, enquanto cada articulação que chega em um nó como *backlink*.

1- Os *links* do *objeto a* são: o gozo, angústia e desejo. Já os *backlinks* do *objeto a* são o gozo e desejo. De fato, o *objeto a* pode se articular ao gozo por ser o que falta, causa do desejo, bem como pode provocar angústia e é dirigido ao desejo. E o *objeto a* é articulado pelo gozo, pois o gozo é uma tentativa de satisfazer ao *objeto a*, ao mesmo tempo que o desejo é dirigido ao *objeto a*.

2- Os *links* do gozo são o *objeto a* e angústia, Já os *backlinks* do gozo são o *objeto a* e desejo. De fato, o gozo pode se articular ao *objeto a* por ser uma tentativa de satisfazer a esse *objeto a*, ao mesmo tempo em que o gozo pode levar à angústia, por ser uma satisfação que é simultaneamente dor.

3- Os *links* da angústia são o desejo, Já os *backlinks* são o *objeto a*, a angústia e o desejo. De fato, a angústia pode articular-se unicamente ao desejo, por ser o que surge da falta. E a angústia pode ser articulada pelo *objeto a*, pois o *objeto a* pode provocar a angústia, e articulada pelo gozo por ser uma satisfação que é simultaneamente dor, bem como pelo desejo por ser o que nunca pode ser plenamente satisfeito.

4- Os *links* do desejo são o gozo, angústia e *objeto a*. Já os *backlinks* são a angústia e o *objeto a*. De fato, o desejo interage com o gozo na forma de recalque/sintoma, enquanto o desejo pode levar à angústia pelo fato de o desejo nunca ser plenamente satisfeito, assim como o desejo busca pelo *objeto a*. E o desejo é articulado pela angústia, por ser o que surge da falta, e articulado pelo *objeto a*, pois o *objeto a* é dirigido para o desejo.

Desse modo, a resposta à questão anterior está em encontrar e resolver um modelo matemático para o problema. Fazendo uma analogia com as ideias de Bryan; Lesie (2006) e as regras estabelecidas no algoritmo PageRank, define-se:

1. Cada função mostrada na Figura 3 tem sua *importância* dada pela variável x_j ($j=1,2,3,4$). Assim,

- x_1 está associada com o *objeto a*
- x_2 está associada com o gozo
- x_3 está associada com a angústia
- x_4 está associada com o desejo.

Ou seja,

Tabela 1. Funções x Simbologia Matemática

Funções	Representação Matemática
<i>Objeto a</i>	x_1
Gozo	x_2
Angústia	x_3
Desejo	x_4

2. A importância de cada função (*objeto a*, gozo, angústia e desejo) é dada pelo número de *backlinks* que ela recebe. Assim,

$$x_1 = 2; x_2 = 2; x_3 = 3 \text{ e } x_4 = 2$$

Nesse caso, a angústia é a função mais importante por ter um número maior de *backlinks*. As outras funções são igualmente menos importantes.

3. De acordo com o algoritmo PageRank, *backlinks* de páginas importantes são mais importantes para o valor de uma função do que aqueles de funções menos importantes. Essa ideia pode ser modelada definindo cada função x_j como sendo igual à soma de todos os valores de importância dos *backlinks* da função j . Assim, temos:

$$x_1 = x_2 + x_4$$

$$x_2 = x_1 + x_4$$

$$x_3 = x_1 + x_2 + x_4$$

$$x_4 = x_1 + x_3$$

4. De acordo com Bryan; Leise (2006), essa formulação tem a desvantagem de não considerar o número de *links* de cada função. Segundo eles, o número de *links* aumenta a importância da função. Em termos matemáticos, os valores de importância de cada *backlink* é dividido pelo número de *links* da função correspondente. Assim,

$$x_1 = \frac{x_2}{2} + \frac{x_4}{3}$$

$$x_2 = \frac{x_1}{3} + \frac{x_4}{3}$$

$$x_3 = \frac{x_1}{3} + \frac{x_2}{2} + \frac{x_4}{3}$$

$$x_4 = \frac{x_1}{3} + \frac{x_3}{1}$$

Matematicamente, as equações acima representam um sistema linear com 4 equações e 4 incógnitas (x_1, x_2, x_3 e x_4), cuja solução define a *importância* de cada

função. Para resolver o sistema linear pode ser utilizado o Método de Eliminação de Gauss. Para isso, reescreve-se na forma:

$$\begin{aligned} 1. x_1 + \left(-\frac{1}{2}\right).x_2 + 0.x_3 + \left(-\frac{1}{3}\right).x_4 &= 0 \\ \left(-\frac{1}{3}\right).x_1 + 1.x_2 + 0.x_3 + \left(-\frac{1}{3}\right).x_4 &= 0 \\ \left(-\frac{1}{3}\right).x_1 + \left(-\frac{1}{2}\right).x_2 + 1.x_3 + \left(-\frac{1}{3}\right).x_4 &= 0 \\ \left(-\frac{1}{3}\right).x_1 + 0.x_2 - 1.x_3 + 1.x_4 &= 0 \end{aligned}$$

A estrutura representa um sistema linear homogêneo (o lado direito é zero). Entretanto, este sistema particular possui infinitas soluções. Uma delas, mostrada a seguir, foi obtida utilizando-se uma calculadora online de sistemas de equações lineares, na página da web <https://matrix.reshish.com>.

Figura 4. Calculadora Online de Sistemas de Equações Lineares

Fonte: <https://matrix.reshish.com>

Figura 5. Resultado de solução de Sistema Linear usando Eliminação de Gauss-Jordan

Fonte: <https://matrix.reshish.com>

Como a figura 5 apresenta, a variável x_4 é livre. Portanto, a ela pode ser atribuído qualquer valor numérico diferente de zero. Usualmente, atribui-se o valor 1. Assim, a solução desse sistema, fazendo $x_4 = 1$, é:

$$\begin{aligned}x_1 &= 0.60 \\x_2 &= 0.53 \\x_3 &= 0.80 \\x_4 &= 1\end{aligned}$$

O valor numérico associado a cada uma das variáveis expressa, conforme vimos, a valorização de cada uma delas, determinando sua importância. A solução do modelo matemático nos diz que a variável x_4 , correspondente ao *desejo*, é mais representativa do que as outras, ou seja,

$$\text{Desejo} > \text{angústia} > \text{objeto } a > \text{gozo}.$$

A relação de desigualdade acima nos diz que o *sujeito* pretere o *gozo* ao *desejo*. De fato, para que o *sujeito* possa desejar é preciso que ele recuse o gozo, passando este a vigorar como lei. Desse modo, o desejo se situa como limite, como barreira interna ao gozo. Assim:

Inspirando-se no texto freudiano *Inibição, sintoma e angústia* (1926), Lacan observa, ao fim do Seminário 8 (1960), que, para que angústia se constitua, é preciso que haja uma implicação do desejo. Em suas palavras, “o sinal de angústia tem uma ligação absolutamente necessária com o objeto do desejo. Sua função não se esgota na advertência de ter que fugir. Ao mesmo tempo em que realiza esta função, o sinal mantém a relação com o objeto de desejo” (1960, p. 352). Lacan nos apresenta, assim, a articulação entre a angústia e o desejo, ilustrando a ideia da constituição do desejo pelo ultrapassamento da angústia (Edler, 2002, v.2, p. 44-45).

Desse modo, com base no grafo e modelo matemático desenvolvido, verifica-se que a modelagem matemática destaca a angústia como crítica no confronto do sujeito com o Real. Os resultados do modelo mostram que o desejo domina, refletindo seu papel organizacional nas pulsões humanas. As descobertas se alinham à teoria lacaniana, demonstrando a interação entre pulsões e lei simbólica e, com isso, o estudo apresenta uma abordagem inovadora para aplicar ferramentas matemáticas em contextos psicanalíticos. Na teoria lacaniana, o desejo surge da falta e é perpetuado pelo inatingível *objeto a*, simbolizando uma busca sem fim em vez de realização plena do desejo.

Considerações finais

Neste produto, foi aprofundado e explorado – dentro dos limites da experiência de cartel – a dinâmica do desejo, gozo e angústia. E, dessas três funções, acresce-se uma quarta: a do *objeto a* como elemento central na relação do sujeito com o desejo. O modelo matemático proposto quantifica, de forma efetiva, as relações simbólicas entre esses elementos, demonstrando que o desejo e a angústia desempenham um papel dominante nas estruturas psicanalíticas. Ao resolver um sistema de equações inspirado na metodologia PageRank do Google, o modelo classifica os componentes de importância, concluindo que o desejo tem precedência sobre a angústia, o *objeto a* e o gozo. Isso reflete a noção psicanalítica de que o desejo organiza as pulsões humanas, alinhando-se com a ideia de Lacan de que o gozo é secundário aos imperativos pulsionais ligados ao desejo.

Por ter sido possível a atribuição de pesos e precedências às quatro funções em um sentido freudiano, conclui-se que, apesar das moções pulsionais ligadas ao gozo e o impacto emocional provocado pela angústia na subjetividade, é o desejo quem emerge como elemento organizador das pulsões e das dinâmicas inconscientes. O desejo assume o topo hierárquico em relação a essas funções, se impondo à angústia e ao gozo, ao refletir a primazia simbólica do Outro e da linguagem como fatores constituintes do sujeito. Assim, a angústia, tema central deste produto de cartel, permanece como sinal do furo – do real – que escapa às tentativas de representação plena pela via da linguagem, como visto no modelo matemático que se sustenta através dos modelos computacionais apresentados.

Entretanto, o modelo matemático proposto não visa substituir ou invalidar outros grafos ou esquemas. Ele representa um esforço de tradução simbólica dos processos subjetivos e da quantificação de cada função em nível de *importância*. Logo, a adoção de uma abordagem algorítmica possibilita visualizar relações estruturais, assim como tendências internas ao psiquismo, não substituindo as dimensões qualitativa – ética e de formação – e clínica exigidas pela psicanálise.

O resultado deste produto de cartel aponta uma demanda futura a ser desenvolvida: a da investigação mais precisa, ao explorar o aspecto dinâmico do grafo construído que seja suficiente para representar a relação entre o desejo, o gozo, a angústia e o *objeto a*. Vislumbra-se analisar, de modo mais detido, as proximidades relativas entre essas funções e, com isso, aplicar as *importâncias* necessárias capazes de indicar as variações da intensidade entre cada uma dessas funções. Dessa maneira, pretende-se

avaliar o quanto cada função “escapa” ou até mesmo “retém” no circuito pulsional, propondo, assim, uma cartografia mais sensível da estrutura topológica lacaniana da subjetividade.

Referências

- BRYAN, Kurt; LEISE, Tanya. The \$25,000,000,000 Eigenvector: The Linear Algebra behind Google. In. **SIAM REVIEW**. Vol. 48, n.3, p. 569-581, August, 2006.
- EDLER, Sandra Paes Barreto. Desejo, remédio contra a angústia. In. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. Ano V, Jun/2002. V.2, p. 44-55.
- EIDELSZTEIN, Alfredo. **Modelos, esquemas e grafos no ensino de Lacan**. Tradução de José Luiz Caon. São Paulo: Toro Editora, 2022.
- FINK, Bruce. **Introdução clínica à psicanálise lacaniana**. Tradução de Vera Ribeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2018.
- HARARI, Roberto. **Seminário “A angústia” de Lacan: uma introdução**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.
- KAUFMANN, Pierre. **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10: a angústia**. Tradução de Vera Ribeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da psicanálise: Laplanche e Pontalis: sob a direção de Daniel Lagache;**. Tradução de Pedro Tamen. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LIESEN, Jorg; MEHRMANN, Volker. **Linear Algebra: Springer Undergraduate Mathematics Series**. New York, 2015.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

FUNÇÕES DO ANALISTA - CARTEL A FORMAÇÃO DO ANALISTA

Katia Simone Santos da Silva

Algumas considerações sobre a formação do analista, suas funções na clínica psicanalítica e a importância do cartel para este percurso

Cartel Formação Do Analista

Katia Simone Santos da Silva

Neste capítulo, falaremos sobre a *Formação do Analista e suas Funções na Clínica Psicanalítica*, este é um produto de Cartel, submetido à Sociedade Psicanalítica Online – Formação do Analista e a Mais Um – Ane Ribeiro Patti.

Para sustentar as formulações e elaborações que se apresentam neste trabalho, foram realizadas leituras que se encontram principalmente no livro de Lacan, *Escritos* (1998) - entre outras leituras que foram feitas durante as atividades do Cartel – *A Formação do Analista e suas Funções*.

O Cartel, para a psicanálise Lacaniana, é um dispositivo de trabalho para o analista, uma vez que, faz parte da formação do Analista (em formação) sustentar o tripé de sua formação que é formado por, análise pessoal, supervisão de casos clínicos e estudos. O Cartel integra esse tripé, constituindo para além dos estudos em psicanálise, também a experiência analítica que é vivida pelos cartelizantes em ato.

Utilizando para designar certas formas impulsivas do agir (*Agieren*, segundo a expressão de Freud), o termo passagem ao ato serve, em psiquiatria, para sublimar a violência ou a brusquidão de diversas condutas que curtcircuitam a vida mental e precipitam o sujeito numa ação: agressão, suicídio, comportamento perverso, delito etc. Seu emprego, muitas vezes pejorativo, não tem, portanto, especificidade psicanalítica. Ainda assim, Lacan tentou delimitá-lo melhor identificando-o a uma saída de cena em que, como defenestração ou num salto no vazio, o sujeito se reduz a um objeto excluído, ou rejeitado. Isso não impede que haja então uma atuação do desejo do Outro. Nesse caso, porém, o ato não seria “aquilo que quer dizer” e corresponderia a uma ruptura do quadro da fantasia a uma expulsão do sujeito. (KAUFAMANN, 1996, p. 55)

Sendo assim, o termo Ato para a psicanálise, tem efeito de transformação para a estrutura do sujeito, uma vez que, ele é um ponto de ruptura (corte) e confronto com o Real, aproximando o sujeito ao seu desejo mais fundamental, ou seja, ele rompe com o

instituído, com aquilo que é esperado (repetição) e leva o sujeito a decisão, modificando assim a relação do sujeito com seu desejo.

Nesta perspectiva, o Cartel, tem função indispensável para a formação do analista, pois, aplica a experiência analítica aos estudos da psicanálise, sobrepujando as fantasias imaginárias que o analista tem sobre a teoria psicanalítica.

Essa experiência, convoca o sujeito a ação, porém, é uma atividade que passa pelo desejo, instaurando um novo lugar na relação do analista com a teoria psicanalítica. Os efeitos do Ato, são postos nas produções que os cartelizantes se dispõem a realizar, elas passam pelas vias do imaginário, simbólico e real, constituindo a permanência e o lugar ocupado pelo cartelizante dentro do grupo, estruturalmente uníssona aos demais integrantes.

O Ato, é uma forma inaugural do desejo inconsciente que, no Cartel passa por uma sequência (não ordenada) de movimentos inconscientes e conscientes, onde determina um saber que não está preso a forma concreta dos processos cognitivos, embora, passem pela cognição, isso porque, o não saber é também uma forma de saber sobre o próprio desejo.

O Ato, é conduzido pelo Mais Um, para direcionar os trabalhos realizados no Cartel e leva o sujeito à disposição para executar os trabalhos, movimenta os cartelizantes de forma cromática, como numa escala que sobe e desce, em diferentes modulações, essa é uma experiência que só é possível de apreender. A posteriori, ou seja, o cartelizante tem em um mesmo espaço, a possibilidade de vivenciar de maneira exponencial a prática de uma análise, à partir dos lugares que o Cartel dispõe à ele, exceto o lugar do Mais Um.

Uma das funções do Ato no Cartel (assim também, como numa análise), é transpor o sujeito a um outro lugar, isso porque quando o sujeito se vê confrontado com a sua própria falta (falta-a-ser) é possível fazer algo para se movimentar, em direção ao seu desejo.

Lacan (1901), criou o conceito de falta-a-ser (*manque-à-être*) para descrever a falta estrutural e constitutiva do sujeito, essa falta aparece a partir do momento que a criança é inserida na linguagem. A linguagem acontece a quando ocorre o recalque - conceito utilizado por Freud na segunda tópica, em 1925, em “Inibições, sintomas e angustias”. Lacan, recorreu aos linguistas para fazer uma nova tecitura da psicanálise com o campo de estudos da linguagem, como Jakobson (1896) e Saussure (1857).

Desse modo, a articulação da linguagem no jogo discursivo só é possível pelo funcionamento da metonímia, a qual permite ao sujeito dizer uma parte representativa de um todo no processo de significação. E essa concepção se torna possível pela relação constitutiva entre a língua, o inconsciente e a ideologia. (LEANDRO FERREIRA, 2020, p. 215)

Ainda sobre a metonímia, Lacan nos *Escritos* (1998), considera a falta fundamental para o aparecimento do desejo, ou seja, é no efeito metonímico, onde aparece a carência ontológica do ser e naquilo que aparece sem significado, é lá que está o desejo.

A metonímia, como lhes ensino, é o efeito possibilitado por não haver nenhuma significação que não remeta a outra significação, e no qual se produz o denominador mais comum entre elas, ou seja, o pouco de sentido (comumente confundido com o insignificante), o pouco de sentido, digo eu, que se revela no fundamento do desejo e lhe confere o toque de perversão que é tentador denunciar na histeria atual. O verdadeiro dessa aparência é que o desejo é a metonímia da falta-a-ser. (ESCRITOS, 1998, p. 629)

No Cartel, o discurso do analista circula entre os cartelizantes, assim como também o discurso histórico, o discurso universitário, entre outros discursos. Esses discursos possibilitam encontros com as variações estruturais de seus membros, assim como, as trocas de lugares ocupados nesse espaço que, por sua vez, falam e falham (metonimicamente dizendo).

O Cartel viabiliza o encontro do sujeito com algo do seu desejo, e aí cada Cartel vai trabalhar um tema conduzido pelo Mais Um que, tornará possível o encontro dos discursos e seus furos, ou seja, cada cartelizante vai se encontrar com sua falta-a-ser e consequentemente com o desejo que o move para estar no Cartel.

Uma forma primorosa, para elaborar a teoria, é a escrita, isso porque, escrever tem função fundamental na teoria psicanalítica, especialmente para o Cartel, pois, a escrita está no campo do simbólico, O *Cartel* para a psicanálise, pode também ter a função de uma análise, onde cada sujeito cumpre funções a partir do seu discurso e de sua escrita. Segundo (KAUFMANN, 1996)

Concebido pelo elementar da Escola Freudiana de Paris, o cartel designa um pequeno grupo composto por “no mínimo três pessoas, no máximo cinco, mais uma encarregada da seleção, da discussão e do encaminhamento a ser dado ao trabalho de cada um” (Ato de fundação da EFP, 1964). Duas outras condições o definem: não tem vocação durar; só tem existência legal se entrar numa cadeia circular de outros cartéis

que anula qualquer ordem de preferência e instaura uma lei de permutação. Essas regras diferenciam o cartel de grupos comum se visam evitar seus principais defeitos: clivagem ou fusão, sacrifício no interesse do grupo, inibição do trabalho individual.

O Cartel, ordena ou prescreve aos seus membros funções, perpassa pelas tarefas que ajudam a cada cartelizante na elaboração da teoria, porém não só a teoria, mas, o lugar que o cartelizante enquanto sujeito ocupa no Cartel e assim como também, essa função passa pela escrita.

Kaufmann (1996) faz referência a isomorfia entre Cartel e as formações do inconsciente, ou seja, cada um dos membros teria a oportunidade de explorar lugares marcados (Outro, eu, sintoma ou outro).

Essa experiência entre os cartelizantes, pede tempo, somente o tempo é capaz de produzir, assim como, a interlocução entre os membros, também tem função de gerar discursos capazes de integrar enunciados que contextualizam uma experiência de análise.

A importância da escrita para a simbolização e elaboração da teoria, é um fino registro que diz de um processo de construção que passa pelo imaginário, simbólico e real, tecendo uma malha fina, onde é possível ler e visualizar o que foi escrito. A escrita é a elaboração da linguagem, da lei, da cultura e do Outro. Enquanto a fala, é algo que dura pouco tempo, em alguma medida o sujeito se esvazia das palavras que lhe escapam, porém, elas fogem. Os tropeços das palavras (atos falhos, chistes, lapsos, etc), passam pela elaboração e simbolização, em um processo de análise, e como vimos acima, o Cartel tem essa função, a de produzir em seu espaço também a experiência de uma análise.

Sobre a Função do Analista

Seguindo esta perspectiva de estudos, investigação sobre a função do Analista e a manifestação do inconsciente, os *Escritos* (1998) traz o Conto de Edgar Allan Poe, *A Carta Roubada*, que de forma metafórica vai dizer sobre o ICS e os percursos que o mesmo faz até ser escutado, todavia a metáfora se estende também as funções que o analista desempenha a partir dos personagens e as reações que eles interpretam, fazendo a carta circular até chegar ao seu destinatário.

Condendemos-lhe um patamar na escalada de nosso estilo, dando a A carta roubada o privilégio de abrir sua sequência, a despeito de sua

diacronia. Cabe a esse leitor devolver à carta/letra em questão, para além daqueles que um dia foram seus endereçados, aquilo mesmo que ele nela encontrará como palavra final: sua destinação. Qual seja, a mensagem de Poe decifrada e dele, leitor, retornando para que, ao lê-la, ele diga a si mesmo não ser ela mais fingida do que a verdade quando habita a ficção. Esse "roubo da carta", 1 dir-se-á ser a paródia de nosso discurso: quer nos atenhamos à etimologia que indica um acompanhamento e implica a precedência do trajeto parodiado, quer, reconduzindo o termo a seu emprego comum, nele vejamos esconjurada a sombra do mafre à pensar, para obter o efeito que preferirmos. (ESCRITOS, 1998, p. 10)

No livro - *Os Escritos* (1998) Lacan, recorre ao conto de Poe *A Carta Roubada*, que é possível ser associada as funções do analista na clínica psicanalítica, isso porque, o movimento da carta através da função que a mesma exerce (que é levar um recado, um comunicado, etc.) faz um percurso parecido com o inconsciente circulando na direção da escuta do analista, ou seja, a carta precisa chegar ao seu destino e no conto enquanto a carta não chega ao destino ela é passada de mão em mão, até chegar ao seu destinatário. A carta passa pelos integrantes do conto policial e esse gesto pode ser associado a repetição, (Wiederholungszwang – compulsão a repetição) - o inconsciente não se cansa até ser escutado.

A ideia de que – o inconsciente insiste, ou seja, não se cansa até ser escutado, é definido por Freud em *Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901/2024) não de forma literal, mas Freud (2024) em 1898 na *Revista Mensal de Psiquiatria e Neurologia*, publicou um título “Sobre o mecanismo psíquico do esquecimento”.

Nesse artigo eu submeti à análise psicológica o caso frequente de esquecimento temporário do nome próprio, em um exemplo significativo da minha própria observação, e cheguei ao resultado de que esse acontecimento específico comum e praticamente sem muita importância do impedimento de uma função psíquica – o lembrar – admite um esclarecimento que vai muito além da exploração usual do fenômeno. (Freud, 2024, p. 19)

Freud (1856) em *Psicopatologia da Vida Cotidiana*, trabalha o fenômeno do esquecimento temporário para dizer sobre o que é “*lembrado erroneamente*”, a partir dos esquecimentos. Para isso, Freud trouxe um exemplo de uma análise pessoal dele, onde ele se esqueceu o nome do mestre que pintou os afrescos magníficos das *Últimas coisas*, na catedral de Orvieto.

Os relatos trazidos por Freud para designar o esquecimento, reforça o fato de que ele se esforçava muito para lembrar o nome *Signorelli*, porém só vinham dois nomes a lembrança de Freud – *Botticelli* e *Boltraffio*, no começo ele achou que se tratava de um erro, não lembrar o nome do artista, porém ele passou a investigar as influências e os caminhos associativos que o levaram a essa reprodução que deslocou o nome *Signorelli* para *Botticelli* e *Boltraffio*.

A omissão do nome Signorelli, a princípio levou Freud ao entendimento de que o deslocamento para o nome Botticelli, lhe era bem mais familiar que Boltraffio. No caminho para Orvieto, Freud comentava com seu companheiro sobre os costumes dos turcos que viviam na Bósnia e na Herzegovina, ele contava que escutou de um colega que nesses lugares as pessoas confiavam piamente nos médicos e aceitavam resignados o destino. Quando Freud disse que não haveria mais ajuda aos doentes daquele lugar, seu companheiro respondeu “Senhor [Herr], o que se pode dizer quanto a isso? Eu sei que, se fosse possível salvá-lo, você o teria salvado!”. A partir daí, Freud entendeu que as palavras Bósnia, Herzegovina e Herr formava uma série de associações entre Signorelli e Botticelli – Boltraffio.

Freud, se lembrou que queria contar outra anedota sobre os turcos após ter contado a primeira que se referia a sexualidade, o paciente de seu colega, lhe contou que o dia que o órgão sexual não funcionasse mais, a vida não teria mais sentido. E foi aí que Freud fez a associação entre morte e sexualidade. Essa associação também estava ligada ao fato de um paciente que Freud atendeu e tirou a própria vida por causa de uma perturbação sexual. Esse fato aconteceu quando Freud, estava em Trafoi, o que o levou a fazer uma conexão do nome Travoí – Boltraffio.

Nesse momento Freud, considerou muito importante o esquecimento do nome Signorelli, criou um esquema que, figurou um encadeamento entre os nomes e as associações que ele fez.

Uma relação entre o tema, em que o nome Signorelli surgiu, e o tema recalcado que o precedeu no tempo, a qual excedesse esse retorno das mesmas sílabas (ou muito mais, sequências de letras), não parece rastreável à primeira vista.

Apenas para certos casos, acrescentamos mais um motivo [Motiv] a todos os fatores há muito reconhecidos, capazes de promover o esquecimento de um nome e, por outro lado, esclarecemos o mecanismo da falha na lembrança. Também para o nosso caso, aquelas disposições são indispensáveis para alcançar a possibilidade de que o elemento recalcado

se apodere por via associativa do nome procurado e o leve consigo ao recalçamento. (FREUD, 2024, p. 24)

Logo, a manifestação do inconsciente através de lapsos de linguagem, atos falhos, esquecimentos, substituições inesperadas de palavras, são passíveis de análise. A articulação desse fenômeno dos esquecimentos de nomes próprios que está em - Psicopatologia da vida cotidiana com a presente escrita, é uma forma de pensar o lugar ocupado pelo analista e suas funções na clínica psicanalítica, uma vez que, é necessário que o analista escute o sujeito a fim de que o inconsciente possa ser escutado.

Freud, em todo o ensino da psicanálise, transmite a importância do analista escutar, estudar e analisar sobretudo o seu próprio inconsciente. O Cartel é um espaço que possibilita ao cartelizante, circular pelo seu inconsciente, é um trabalho de investigação sobre o estudo da psicanálise, mas sobretudo, cada cartelizante se responsabiliza com o compromisso dos estudos junto ao grupo do Cartel, pela análise pessoal e de bancar o desejo inconsciente de fazer circular a psicanálise pela via da escuta (de seu próprio inconsciente e do analisando) dos estudos da teoria psicanalítica e da supervisão

A leitura sobre o conto, *A Carta Roubada*, (ESCRITOS, 1998) tornou possível a problematização e as associações sobre os estudos da função do analista ou lugar que o mesmo ocupa na clínica.

Os estudos do Cartel, como já dissemos acima, é uma experiência que pode levar os cartelizantes a escuta do seu próprio inconsciente, tornando possível um saber, porém, não se trata de um estudo pragmático no sentido da objetividade que leva todos a um mesmo saber, sendo assim, trabalhar com o texto de Lacan, foi primordial para tornar possível, a elaboração do aprendizado sobre o que um analista faz na clínica psicanalítica.

No livro de Lacan, *Os Escritos* (1998), especificamente no conto de Poe *A Carta Roubada*, se trata de uma história policial que, interessa a clínica psicanalítica, isso porque o enredo do conto, se passa num ambiente investigativo e com enigmas importantes a serem desvendados.

A Carta Roubada é uma das mais célebres histórias de detetive de Edgar Allan Poe, apresentando seu icônico detetive lógico e perspicaz, C. Auguste Dupin. Publicada em 1844, esta é a terceira e última das histórias de Dupin, seguindo, *Os Assassínatos na Rua Morgue* e *O Mistério de Marie Rogêt*.

Brevemente, a trama do conto de Poe, trata de uma história que gira em torno do roubo de uma carta, esta é endereçada a uma figura da realeza francesa (implícita, mas não explicitamente nomeada) pelo inescrupuloso Ministro D. A carta contém informações confidenciais que o Ministro D. está usando para chantagear a vítima.

A polícia de Paris, liderada pelo Prefeito G., está muito empenhada em encontrar a carta. Eles revistaram meticulosamente os aposentos do Ministro D., examinando cada canto, buraco e compartimento secreto, mas não encontraram a carta. Frustrado e sem esperança, o Prefeito G. procura a ajuda de Dupin.

Dupin, sempre calmo e com ideias brilhantes, adota uma abordagem simples e objetiva para solucionar a questão. Ele argumenta que a polícia falhou, pois aplicou métodos convencionais a um criminoso não convencional. O Ministro D., sendo ele próprio um homem de intelecto e esperteza, não esconderia a carta em um local óbvio ou intrincado que a polícia esperaria.

A Solução de Dupin para essa questão, foi partir para o óbvio, por isso, ele chegou à conclusão que Ministro D., para evitar suspeitas e ocultar a carta à vista de todos, teria deixado a carta em um lugar óbvio e ignorado pelos demais, por se tratar de um lugar fácil de reconhecer e que saltava aos olhos de todos.

Dupin, então visitou o apartamento do Ministro D. e, após uma inspeção aparentemente simples, ele localizou a carta. A carta não estava escondida em um local secreto ou difícil de encontrar, ela estava aberta em um escaninho de cartas comum, disfarçada e ligeiramente alterada para parecer uma correspondência sem importância.

Esse conto possibilita, metaforizar o trabalho feito pelo analista, isso porque, viabiliza a associação entre as funções do analista e os tempos na clínica (momento de ver, momento de compreender e momento de concluir).

Esse olha supõe dois outros, que ele reúne numa visão da abertura deixada em sua falaciosa complementaridade, para se antecipar à rapina oferecida nesse descobrir. Três tempos, portanto, ordenando três olhares, sustentados por três sujeitos, alternadamente encarnados por pessoas diferentes.

O primeiro é o de um olhar que nada vê: é o Rei, é a polícia.

O segundo, o de um olhar que vê que o primeiro nada vê e se engana por ver encoberto o que ele oculta: é a Rainha, e depois o ministro.

O terceiro é o que vê, desses dois olhares, que eles deixam descoberto, o que é para esconder, para que disso se apodere quem quiser: é o ministro e, por fim, Dupin. (ESCRITOS, 1998, p.17)

Esta associação entre o momento em que a carta é passada de mão em mão, deslizando como a cadeia do significante metonímica e o detetive minuciosamente tenta desvendar cada detalhe para saber o paradeiro da carta, é um movimento que pode ser associado aos três tempos lógicos descritos por Lacan, que são: tempo de olhar, tempo de compreender e tempo de concluir.

A carta roubada, ou aquilo que foi perdido, pode também ser associado ao enigma - a carta sempre chega ao seu destino ou ao destinatário, podendo também ficar perdida se não chegar no endereço descrito pelo autor da carta.

O analisante através da linguagem, conta, diz sobre os significantes que deslizam na cadeia metonímica, assim como a carta que deslizou de mãos em mãos no conto de Poe, percorrendo vários lugares e circulando entre os personagens.

Segundo Lacan, (ESCRITOS, 1998, p.19) o significante é unidade por ser único, não sendo, por natureza, senão símbolo de uma ausência. E é por isso que não podemos dizer da carta/letra roubada que, à semelhança de outros objetos, deva estar ou não estar em algum lugar, mas sim que, diferentemente deles, ela estará e não estará onde estiver, onde quer que vá. É possível pensar que é assim que o inconsciente determina e formula as questões que o sujeito traz para sua análise.

Assim como a carta do conto de Poe, o inconsciente é também isso, que transiciona no espaço analítico, por vezes aparece, outras vezes se esconde, está ou não está, como num vai e vem, que não se cansa até ser escutado. A função do analista é estar pronto a escutar o inconsciente do analisando.

A função do analista, segundo Kaufmann (1996, p. 430) é evolutiva, pois ela depende da compreensão progressiva que o analista teve do seu tratamento analítico. Foi nos escritos técnicos destinados aos analistas a partir de 1910 que, Freud falou sobre a condução do tratamento analítico, ali ele detalhou como seria o trabalho do analista, tendo como regra fundamental para o analisante a livre associação, assim o lugar ocupado pelo analista, é o de não censurar o que o analisando fala. Será sempre a partir de sua própria análise que, o analista avançará em sua clínica,

Para Freud, segundo Kaufmann (1996) ele propõe ao analista, que o material de análise, não seja submetido aos trabalhos intelectuais antes de sua conclusão, pois essa é uma prática que pode mudar os rumos de uma análise, a partir das conclusões do analista influenciadas pela teoria.

O psicanalista certamente dirige o tratamento. O primeiro princípio desse tratamento, o que lhe é soetrado logo de saída, que ele encontra por toda parte em sua formação, a ponto de ficar por ele impregnado, é o que não deve de modo algum dirigir o paciente. A direção de consciência, no sentido do guia moral que um fiel do catolicismo pode encontrar neste, acha-se aqui radicalmente excluída. Se a psicanálise levanta problemas para a teologia moral, não se trata daqueles da direção de consciência, a cujo respeito lembramos que a direção de consciência também o suscita. (ESCRITOS, 1996, p. 592)

A experiência analítica de um analista é fundamental para a clínica, uma vez, que é a partir desse lugar que é possível fazer a ‘carta’ circular. Uma das funções primordiais que um analista desenvolve em sua análise é - a escuta do seu próprio inconsciente, ali acontece o encontro com a carta roubada. O movimento da própria análise é o que possibilita o andamento da clínica, é o que põe o analista a trabalho.

A função do analista, não é sobrepor a imponência do detetive amador, ou se colocar ao furor investigativo do delegado, mas é em alguma medida ter a função de operacionalizar as demandas do analisando à escuta do inconsciente do mesmo, para que assim seja criada condições onde o analisando consiga se escutar.

Pois é no seio da pretensão deles de se bastarem com a eficácia que se eleva uma afirmação como esta: a de que o analista cura menos pelo que diz e faz do que por aquilo que é [22]. Sem que, aparentemente, ninguém peça explicações dessa afirmação a seu autor, nem o lembre do pudor, quando, dirigindo um sorriso de enfado ao ridículo a que se expõe, é à bondade, a sua (é preciso ser bom, não há transcendência nesse contexto), que ele apela para por fim a um debate sem saída sobre a neurose de transferência. Mas, quem teria a crueldade de interrogar aquele que se verga sob o fardo da bagagem, quando seu porte leva claramente a supor que ela esta cheia de tijolos?

No entanto, o ser é o ser, seja quem for que o invoque, e temos o direito de perguntar o que ele vem fazer aqui. (ESCRITOS, 1996, p. 593)

Sendo assim, é pela via do manejo clínico do analista, escuta da transferência do analisando, sobre o lugar que ele coloca o analista, que levam a compreensão do diagnóstico diferencial do analisando e a análise do mesmo. Para Lacan, implicar o sujeito no desejo de sua própria análise é importante, porém, uma das funções do analista é sustentar o tempo que cada paciente demanda para entrar em análise.

Nos Escritos – no capítulo que fala sobre a direção do tratamento, Lacan, diz que, no investimento de capital da empresa comum, não é apenas o paciente que paga diante de suas dificuldades, porém o analista também paga.

— pagar com palavras, sem dúvida, se a transmutação que elas sofrem pela operação analítica as eleva a seu efeito de interpretação;
— mas pagar também com sua pessoa, na medida em que, haja o que houver, ele a empresta como suporte aos fenômenos singulares que a análise descobriu na transferência;
— e haveremos de esquecer que ele tem que pagar com o que há de essencial em seu juízo mais íntimo, para intervir numa ação que vai ao cerne do ser (*Kern unseres Wesens*, escreveu Freud [6]): seria ele o único a ficar fora do jogo? (ESCRITOS, 1996, p. 593)

A psicanálise é uma prática, que não dissocia a experiência analítica da construção teórica, por isso, é muito importante que o analista passe pela vivência da prática de uma análise, essa é uma via possível para que o analista consiga elaborar e se a ver com a castração, pois, saber-se fora do jogo, é saber lidar com a castração, uma vez que esse é um conceito fundamental e estruturante para a ética da psicanálise.

O Cartel é um espaço que facilita a comunicação sobre os conceitos da psicanálise, uma vez que, os estudos propostos e acordados pelo grupo, não passam por regras sistemáticas ou pré-estabelecidas, é um estudo como já foi mencionado no início deste capítulo, que passa pela apreensão de um saber inconsciente sobre a teoria, isso porque estar em um Cartel, diz do desejo de analista.

Seguiremos este capítulo, ainda fazendo considerações sobre a função do analista, porém agora partiremos para o conceito sobre o Estádio do Espelho, que se encontra na leitura do capítulo “Função e Campo” nos - *Escritos* (1998) de Lacan, esse conceito foi bastante discutido entre os cartelizantes, pois é um conceito que Lacan traz em sua teoria e é também fundamental para a prática clínica, pois, envolve questões sobre as funções do analista na clínica psicanalítica.

A conceituação teórica sobre o Estádio do Espelho e suas funções no campo do funcionamento na relação analista e analisante, tem o clássico exemplo sobre a infância, momento primeiro na vida do bebê, onde ele vê a mãe como espelho e as reproduções que fazem surgir do reflexo vindo do Outro, são da ordem da identificação que surge nesse momento. A identificação nesse primeiro momento da vida é imprescindível e importante para que o bebê estabeleça sua psiquê e também passe pelo desenvolvimento infantil, de forma saudável. O que importa em psicanálise é a forma como se estrutura a

psique do sujeito, pois, quando nos referimos ao desenvolvimento, estamos dizendo de uma particularidade de um conceito da psicologia, porém, o desenvolvimento importa muito a psicanálise embora não seja o principal objeto de estudo para a psicanálise.

Na clínica psicanalítica, o caminho que o analisando percorre para chegar à clínica, passa por vias que o transportam a identificação com seu analista, isso porque, para o analisando conseguir entrar em um processo de análise, ele precisou se comunicar de forma positiva com o analista que escolheu para fazer análise. Exemplo: ou o analista foi recomendado por alguém de confiança do analisando, ou o analisando leu, ouviu algo que o analista disse ou escreveu, e se identificou com a fala ou a escrita do analista e assim por diante. Esse primeiro contato é sempre impregnado de fantasias imaginárias, idealizações e muita identificação.

Nesse momento a identificação é muito importante, para que, mais adiante se estabeleça a transferência. A identificação é uma faceta da transferência, que precisa ser trabalhada numa análise, pois, se o analista não conseguir manejar a identificação, ou se sentir lisonjeado com esse movimento do analisando, a análise não acontece, isso porque, para que haja uma análise é preciso que o imaginário diminua.

O analista pode ter todos os diplomas do mundo e uma reputação que não fique atrás da de ninguém, mas, se não for capaz de ir além da sugestão com o paciente e de engajá-lo no processo analítico, o tratamento se resumirá a nada além da administração de placebos. Segundo (FINK, 2018, p. 41)

Sendo assim, o reconhecimento sobre si mesmo através do outro, como um advento vindo do Outro, é o processo de identificação. Esse movimento, pode ser um acontecimento na clínica, porém, o analista precisa saber manejar isso, para que o analisante consiga em alguma medida desconstruir a imagem do outro e encontrar o seu próprio desejo, fazendo assim sua própria construção, para surgir a agalma de sua própria autoria.

Para que uma análise aconteça, é importante que haja desejo do analista, por isso, é tão importante que o analista esteja em seu processo de análise, para que o seu desejo de analista seja trabalhado.

O desejo do analista, foi uma questão que persistiu no Cartel, esse tema causou movimentos aos cartelizantes, porém os argumentos que estavam em torno dessa questão, eram sobre o 'lugar' que o analista ocupa na clínica psicanalítica.

A expressão lacaniana “desejo do analista” não se refere aos sentimentos contratransferências do profissional, mas a uma espécie de “desejo purificado” que é específico do analista. O analista não como ser humano dotado de sentimentos, mas do analista como função, como papel a ser desempenhado, e que pode ser desempenhado por muitos indivíduos extremamente diferentes. O “desejo do analista” é um desejo que se concentra na análise e tão somente na análise. (FINK, 2018, p. 16)

As construções que se deram no desenvolvimento dessa questão, resultaram em leituras e na atuação do Mais Um, que desempenhou sua função com maestria, instigando o desejo e colocando os cartelizantes a trabalho de um saber para além do lugar imaginário, que o grupo pensava que analista ocupava.

A reformulação sobre essa questão, resultou na elaboração das leituras e discussões, o que levou o grupo a apreensão, de que o analista tem funções, que são manejadas na clínica psicanalítica e não ocupa um lugar definido, ou determinado.

O percurso feito por um analista, passa pela sua própria escuta, a escuta sobre o seu inconsciente e isso só é possível a partir da sua própria análise. Em a - *Função e campo da fala e da linguagem* em psicanálise, diz que, as funções do analista estão na ação do movimento do analista em se colocar a trabalho da sua própria análise. (Lacan, 1998, p. 238) ‘Tamanho é o pavor que se apodera do homem ao descobrir a imagem de seu poder que ele dela se desvia na ação mesma que lhe é própria, quando essa ação a mostra nua.’

Na ação e movimento do analista em se colocar na direção da sua própria análise, as funções do imaginário, real e simbólico vão sustentando as atividades que operam as funções do analista na escuta sobre o inconsciente.

O Cartel, opera a função de uma análise através da atuação do Mais Um, isso porque, quando o sujeito escuta o que o inconsciente manifesta, consegue construir que, não ter um lugar é se a ver com a castração.

O complexo de castração é um conceito criado por *Freud* (1909), quando ele analisou o caso do Pequeno Hans e orientou o pai do menino, para que o mesmo ajudasse o filho a superar o medo de perder o pênis. Lacan fez uma releitura da obra de Freud, e desdobrou o conceito de complexo de castração, destinando os efeitos dela a determinação das estruturas clínicas: neurose, psicose e perversão.

Sendo assim a isomorfia entre Cartel e as formações do inconsciente, segundo KAUFMANN (1996), está também na relação das questões que são levantadas por seus membros. Saber-se, sem lugar enquanto analista, direcionou os cartelizantes a se reinventarem em outras questões, o lugar de analista, não existe justamente porque o lugar de mestre precisa estar vazio para que o analista tome posse de suas funções.

Todavia, partir da definição do que significa a palavra ‘lugar’, tornou possível refletir as funções que são desempenhadas pelo analista em um espaço, ou lugar. Esse lugar pode ser o do inconsciente e as funções a do movimento necessário para chegar até ele.

Para que, o lugar e funções do analista no processo de análise e na escuta do inconsciente, possam fazer algum sentido, escutar sobre o sintoma do analisando passa pelo reconhecimento do sujeito enquanto ser desejante.

‘O psicanalista deveria tornar-se mestre/senhor, das funções da fala. (Lacan, 1988, p. 245), abrindo assim espaço para que o analisante ocupe os lugares de fala necessários para que o mesmo chegue até a elaboração do seu sintoma. Essa é uma das funções do analista, saber da ambivalência dos movimentos necessários para tornar uma análise possível, é ocupar lugar nenhum.

Não há dúvida de que esses efeitos – onde o psicanalista se aproxima do tipo de herói moderno ilustra por façanhas derrisórias numa situação de descaminho – só poderiam ser corrigidos por um mero retorno ao estudo, no qual o psicanalista deveria tornar-se mestre/senhor, das funções da fala. (LACAN, 1988, P. 245)

Segundo (FINK, 2018, p. 41) o fato de o paciente colocar o analista no lugar de sujeito suposto saber, pode causar prejuízos ao trabalho analítico, pois o paciente que chega para a análise em um estado sugestionável, com a certeza de que todo o saber esta só com o analista, esse paciente não entende que é ele quem precisa se empenhar em sua análise. Logo, é importante que o analista, não ocupe lugares ou desempenhe funções que possam prejudicar a análise do analisando.

Segundo (Lacan, 1988, p. 246) “falar da perda do sentido da ação analítica é tão verdadeiro e tão inócuo quanto explicar o sintoma por seu sentido, enquanto esse sentido não é reconhecido”, sendo assim, suportar esse lugar vai além do ‘suporte’ que o próprio sentido da palavra ‘suportar’ sugere nesta questão. Suportar ou (supor) estar nesse lugar, vai além do sentido, isso porque, segundo Kaufmann.

Com o texto capital de 1914, “Recordar, repetir e elaborar”, abre-se um novo momento no móbil do tratamento e uma nova articulação entre transferência, repetição, atuação e resistência, na medida mesma em que elas assumem um novo sentido. É também a função do analista que se vê modificada.

A transferência é definida então como um “fragmento de repetição”. Assim, não é mais considerada como uma relação de objetos, posição que Ferenczi sustenta em 1912 em seu texto “Transferência e introjeção”, no qual a transferência não passa de uma modalidade das introjeções de um sujeito, mas na forma de um deslocamento de representações insistentes e repetitivas de que o analista é o suporte ou de que o espaço analítico é o palco de atuação. Essa percepção da transferência privilegia a própria relação analítica em face dos dois outros pólos que são o analista e o analisando. (KAUFMANN. 1996, p. 431-432)

O lugar ocupado pelo analista ou o lugar que o analisante coloca o analista através da transferência, são lugares imaginários, porém essenciais para que aconteça uma análise, desde que, o analista saiba disso e maneje essas questões, sendo assim, a função do analista, que é uma definição de Freud sobre as ‘incumbências’ do psicanalista e que segundo ele, essas incumbências são evolutivas. (Kaufmann. 1996, pág. 430) torna possível, verificar que uma das funções do Analista, é a de compreender que a fala e a linguagem são materiais insubstituíveis para o processo de análise, uma vez que, só através do simbólico, - e alcançar o simbólico só é possível através da linguagem, no caso da psicanálise a linguagem falada, é a via para que o sujeito atravessasse a dor do sofrimento. Segundo Kaufmann (1996, p. 474):

Num retrospecto do desenrolar de sua carreira. Lacan mostrou o privilégio sucessivamente atribuído, em sua investigação, ao imaginário, ao simbólico e ao real. Cada um desses domínios constitui-se efetivamente em categoria na medida em que encontrou seu fundamento na estrutura originária do aparelho psíquico: o imaginário na organização do estágio do espelho, o simbólico na cadeia do significante, o real na impossibilidade – de (lógica) da relação sexual. Cabe ainda notar que essas categorias se sobrepõem parte umas às outras, o simbólico, em particular em posição mediana, assumindo o imaginário segundo as leis que lhe são próprias e consumando sua própria destruição na oposição da fala ao escrito.

Sendo assim, é função do Analista, proporcionar um espaço e um lugar que possibilite que o analisante consiga simbolizar (falar), ou seja, que um significante leve a outro significante e que o analisante chegue a algum lugar que não seja o lugar mesmo

que ele se queixa, ou se chegar ao mesmo lugar, que esse lugar tenha um novo sentido para o analisando.

Assim, o lugar que o Analista ocupa é imaginário, mas a possibilidade que o analisante chegue a algum lugar, isso se dá pela via do simbólico, todavia ‘há lugar’ e ‘(a) lugar’ é preciso (precioso) para o analisando chegar onde deseja, esse “lugar” é ocupado tanto pelo Analista em sua análise pessoal, quanto pelo analisante no lugar que o possibilita dizer e falar, ou seja, onde há escuta.

A prática analítica não é de fácil compreensão, sua teoria também não é algo usual ou popular, requer estudos, análise, supervisão, muita cautela e cuidado no manejo clínico, porém as questões que dificultam e até impossibilitam o progresso de uma Análise, são atravessados por questões sociais e culturais.

O Cartel possibilitou discussões sobre essas questões, a partir do livro de Lacan, *Escritos* (1998) e outras leituras. Na tentativa de compilar, o que desde o início está sendo falado e posto por ele, até aqui o que temos, é uma apreciação sobre o movimento psicanalítico nas escolas da época, a coragem da fala e da linguagem de Lacan trouxeram sua teoria até aqui, no entanto a psicanálise ou um processo de Análise não é para todos. Segundo, Lacan (1988, p. 246) o que alcançamos sobre as perspectivas da linguagem em uma análise, é o que advém do sujeito que procura um analista, a possibilidade de haver análise ou de não haver, seja ela qual for, o analista sempre vai se haver com a castração.

Todavia, quando, Lacan (1996, p. 9), traz a seguinte frase, “O estilo é o próprio homem”, frase do Conde de Buffon, ele se refere ao estilo de cada sujeito, esse estilo passa pelo Outro, uma vez que, o Outro é um lugar, é um endereço que leva o sujeito sempre a algum lugar.

O estilo é o homem; vamos aderir a essa fórmula, somente ao estendê-la: o homem a quem nos endereçamos? Isso seria simplesmente satisfazer a este princípio por nós promovido: na linguagem nossa mensagem nos vem do Outro, e para enunciá-lo até o fim: de forma invertida. (E lembremos que esse princípio se aplicou à sua própria enunciação, pois, tendo sido emitido por nós, foi de um outro, interlocutor eminente, que recebeu seu melhor cunho.) Mas se o homem se reduzisse a nada ser além do lugar de retomo de nosso discurso, não nos voltaria a questão de para que lho endereçar?

O próprio movimento (ação) da psicanálise requer do analista seu estilo próprio, isso tem a ver, com o que o analista constitui em sua práxis, para fazer circular o seu

trabalho, que é possível pensar no lugar que o analista ocupa na clínica, diante das demandas que vem do analisante.

Quando Lacan, se refere a Carta Roubada, no conto de Poe, que é o ponto de partida para as reflexões que fizeram bordas as interlocuções e discussões do Cartel sobre a – Formação do analista. Ele diz que, o conto abre uma sequência diacrônica, que torna possível, refletir sobre as mudanças que a psicanálise vem passando, pois, a psicanálise não é uma teoria estática, ela se fortalece em sua prática, o Cartel em sua definição, prescreve que, a psicanálise acontece na ação e no movimento, e isso não acontece só na relação entre analista e analisando, esse movimento se dá através da circulação da escuta analítica, da elaboração da teoria, do analista em constante formação, etc.

Sendo assim, pensar sobre o lugar ocupado pelo analista na clínica, é uma tentativa de decifrar a ficção de Poe, a divisão que, não se encontra só no sentido matemático, mas, se refere ao sujeito atravessado, não necessariamente por algo que o ultrapasse, ou passe além de, mas que se destaca e que Lacan chama de objeto *a*, que lemos como pequeno *a*.

É o objeto que responde à pergunta sobre o estilo que formulamos logo de saída. A esse lugar que, para Buffon, era marcado pelo homem, chamamos de queda desse objeto, re veladora por isolá-lo, ao mesmo tempo, como causa do desejo em que o sujeito se eclipsa e como suporte do sujeito entre verdade e saber. Queremos, com o percurso de que estes textos são os marcos e com o estilo que seu endereçamento impõe, levar o leitor a uma consequência em que ele precise colocar algo de si. Lacan (1996, p. 11)

Segundo Kaufmann (1996, p. 377) o objeto *a*, é um conceito muito importante para a psicanálise, haja vista, ele segue um estatuto. Freud, diz que, o objeto para a psicanálise é aquilo que foi perdido em jogo a repetição, enquanto Lacan, ao fazer uma releitura da obra de Freud, adicionou a isso, a questão do traço que inscreve a repetição. A contribuição de Lacan, para que o conceito de objeto alcançasse o lugar de um estatuto, está nos significantes e os efeitos da linguagem.

Começamos pelo lado do pulsional. Até que ponto é possível definir e apreender o objeto *a*, como objeto da pulsão? Ele é mais propriamente, diz Lacan, o que seria o objeto da pulsão se a pulsão genital existisse, “...em que se inscreveria uma relação plena, inscritível, do Um com o que permanece irreduzivelmente Outro”. (Como sabemos, Lacan põe no centro do discurso analítico e isso não só como “verdade” que não há “relação sexual” como tal.)

A relação analítica se constitui do imaginário, simbólico e real, porém, uma análise só é possível se o analista abdicar de lugares imaginários, para que, o analisante consiga chegar ao simbólico (é necessário que o analista trabalhe seu campo simbólico em sua análise). E o que Lacan, propõe ao lançar o objeto *a*, ao nível de estatuto, parece ser uma forma de organizar os lugares que analista ocupa enquanto sujeito suposto saber, e o lugar que o analisante ocupa enquanto sujeito (à saber).

O endereço para que o analisante escute o seu sujeito, é a via do Outro, é daí que o analisante parte, para que consiga chegar ao seu sujeito. O analista é o sujeito que o analisante supõe que sabe algo sobre ele, mas que, para ocupar esse lugar, é necessário estar na posição de objeto *a*.

O analista enquanto objeto *a*, é o objeto causa desejo, o objeto que falta, o objeto que ocupa os lugares que ao analisante demanda. Porém as demandas vindas do analisante, não devem ser respondidas, não do jeito que ele anseia, porém, em um processo de análise, as demandas respondidas pelo analista têm o objetivo de sucumbir o gozo mortífero que, instaura a estagnação do sujeito.

Concluimos, que para a questão: Qual o lugar que o analista ocupa? Foram encontradas algumas respostas, que seguem em construção, pois, esse é um trabalho inicial, é um primeiro capítulo, que começa a destrinchar os lugares que o analista ocupa e encontra com a teoria psicanalítica. A experiência do Cartel, é um convite a ocupar lugares, alguns conhecidos, outros não, todavia, os lugares que o analista ocupa precisam levar ao desejo.

Referências

FREUD, S. **Ensaio de metapsicologia e outros textos** (1914 – 1916). Obras completas. Trad. Paulo. Cezar Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010

FREUD, S. **Fundamentos da Clínica Psicanalítica**. In: Obras Incompletas de Sigmund Freud. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. São Paulo: Autêntica, 2017.

FINK, B. **Introdução clínica à psicanálise lacaniana**. Tradução: Vera Ribeiro. 1º ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

KAUFMANN, P. **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Tradução de Vera Ribeiro, Maria Luiza X. de A. Borges; consultoria, Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1996. Título do Original: L'apport freudien: Éléments pour une encyclopédie de la psychanalyse.

LACAN, J. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. 1º ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. Título do Original: *Écrits*.

LACAN, J. Seminário, livro 11: **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Tradução M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. **Situação da psicanálise e formação do psicanalista** em 1956. J. Lacan, *Escritos*, 461-495. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LEANDRO FERREIRA. M.C. **Glossário de termos do discurso**. 1 ed. Campinas, SP. Editora, Pontes, 2020.

QUINET, A. **As 4+1 condições da análise**. 12.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

A SUBJETIVIDADE, O TEMPO E A ARTE: CIFRAMENTOS NA PRÁTICA CLÍNICA CONTEMPORÂNEA - CARTEL LETRA BORRADA

Alcione Duarte

Carmem Bastos

Ferdinando Zaparolli

A subjetividade, o tempo e a arte: ciframentos na prática clínica contemporânea

Cartel Letra Borrada

Carmem Bastos

Alcione Duarte

Ferdinando Vinicius Domenes Zapparoli

O fazer do analista e o trabalho com o tempo

Carmem Bastos

“E era bom. “Não entender” era tão vasto que ultrapassava qualquer entender - entender era sempre limitado. Mas não-entender não tinha fronteiras e levava ao infinito...” Clarice Lispector

Participar de um Cartel guarda em si um movimento íntimo que põe em ação um desejo, um desafio e um comprometimento que juntos geram nos participantes uma alegria difícil, consagrando o pesar e o produzir.

Fato engenhoso porque, nesse movimento íntimo fomos experimentando tanto as delícias quanto as oscilações das interações: nos conhecemos, passamos a ter tardes agendadas semanalmente, os desencontros das agendas e os sustos provocados por textos que em momentos se abriam em clarezas e em outros mil momentos se fechavam. Enfim, o prazer difícil de achar em tantas ondas uma que nos banhasse...

O desejo do labirinto: entre ciframentos e felicidades

“O que está posto na arte, está posto na vida.” Freud

Começamos por Lituraterra, que emperramento para poder dizer o nome, engasgávamos. Na abertura do texto Lacan nos coloca na posição do jogo: “aliteração nos lábios, inversão no ouvido”. Nesse texto, o autor promove ideias complexas que visam

abordar uma relação entre a literatura, a linguagem e o gozo com o objetivo de entender a letra como traço no inconsciente.

Para Lacan o sujeito quando interposto a linguagem do Outro estará em um campo de alienação. A linguagem não será somente um modo de comunicação mas algo que penetrará o sujeito a ponto de o separar do Real, criando um vazio.

Desse modo, a subjetividade, assume um caráter múltiplo de representações, que partem de uma época e se alinham em uma lógica de significação particular de cada sujeito que está inserido nesse tempo. Seria o que Lacan chamou de R-S-I (Real-Simbólico e Imaginário), uma clínica pautada no significante, que gera uma cadeia significativa do um a um. Diante disso, vale ressaltar que a descoberta do inconsciente por Freud ilumina um sujeito diferente do que é estabelecido em um conceito racional e social. A psicanálise trabalha em prol do sujeito do inconsciente, aquele que está “encoberto” por inúmeras camadas de simbolização. Em seguida adentramos a “Carta Roubada”, do escritor Edgar Allan Poe e ficamos às voltas com os giros da carta, a posição da rainha tudo como um grande quebra cabeça. Em nenhum momento, sabemos o que, de fato está na carta, e talvez este nem seja esse o verdadeiro objetivo, mas a tensão frente aos giros do significante garantiram a nossa atenção. Ficamos por ali e em seguida ingressamos no “Seminário sobre “a Carta Roubada””, presente nos Escritos.

Para Lacan a letra funciona como traço que fará marcas no corpo. A letra marca, se inscreve, incorpa. Isso indica uma abertura, uma ideia de colonização, somos sempre colonizados pelo Outro. O movimento do giro da carta demonstra uma repetição que não cessa, uma engrenagem que funciona sozinha, é exaustiva. Um esquema de forças que busca um objeto que já se foi.

Lacan se vale da literatura (figurada pelo conto de Allan Poe) para aludir a ideia de gozo, um toque no real que escapa de uma significação absoluta, a letra como representante dos contextos literários figura como uma experiência de gozo, não estando no âmbito do racionalismo mais sim na engrenagem pulsional e corporal.

No livro “Lacan Chinês: para além das estruturas e dos nós”, o autor Cleyton Andrade, apresenta uma investigação de como a poesia chinesa através dos ideogramas e da caligrafia pode oferecer uma unidade no que tange a relação entre o significante e o significado. Percebemos que ao considerar o orientalismo, estaremos em uma via de singularidade, uma vez que partiremos do sentido mais particular. Assim, podemos supor

que ao se interessar pelo idioma chinês, Lacan se predispõe a priorizar o próprio movimento clínico no que se refere tanto ao papel do analista, ou seja, aquele que está a disposição de uma escuta que começa por flagrar uma litoralidade que desencadeará efeitos no corpo, daquele que fala. Aí se dará uma possibilidade de relação, no sentido do ouvir. O analista ao escutar uma cadeia significativa particular que se abre através de recursos distintos entre som, sentido. A experiência do vazio gerará uma abertura para a escuta e dissolução do eu previamente concebido diante dos efeitos sociais e afetuosos,

Se toda análise é feita em uma língua estrangeira, ou seja, na impossibilidade de tudo se entender, vale a analogia com a poesia e a literatura que sempre estarão fechadas para aqueles que não se permitem o desbravar o mapeamento semântico das letras e sons que se apresentam sob a voz dos autores. O analista é aquele que propicia o atravessamento do sujeito que fala, ou melhor, o analista abre espaço para que a cadeia significativa do sujeito inconsciente surja mediante as construções em análise. Por isso, considerar o tempo é necessário para que haja o comprometimento na análise, tanto do analista quanto do analisante.

O tempo: o efeito e o sair da lógica

“ (...) nossa antiga natureza era assim, e nós éramos um todo; e, portanto, é ao desejo e procura do todo que se dá o nome de amor.” Aristófanes

Pensar o tempo sempre exige esforço, a priori nesta experiência de Cartel entramos no tempo com um sentido cronológico linear diante de uma narrativa ficcional com os desenrolar dos fatos no conto e no Seminário sobre “a carta roubada”, ou seja, o tempo no senso comum é definido a partir de uma cronologia constante, qualitativa. Tempo marcado pela da produção, o tempo da comparação mercadológica afetado pelos efeitos capitalistas, o tempo da velhice, da rotina, é... sempre estamos engolidos por Chronos (Χρόνος), extremamente afetados por ele, engendrados em uma lógica esmagadora e por isso, preocupante. Na mitologia grega Cronos era o titã que devorava os seus filhos. Porém, na posição de cartelizantes, tivemos a oportunidade de elaborar o tempo que a cada semana nos atingia. Éramos três mais 1, às vezes três, às vezes dois, às

vezes um, sozinhos em nossas casas. Tivemos reuniões expansivas, éramos falantes, mas também, em outros momentos tímidos, mudos diante dos textos.

Foi então que tivemos que fazer: inventamos um modo para descobrir, como lidar com Allan Poe e com os ciframentos lacaneanos. Um outro tempo, garantido por uma coragem em insistir apesar de nenhuma segurança, lidando com os vazios, as vezes fugindo do tema do cartel, discutindo sobre vinhos e encontros que encantamento... também ficamos impactados quando o texto parecia ter algo nosso, aí nos emocionávamos! E...finalmente achamos, achamos o tempo Kairós (καιρός). Começamos um movimento firme e leve simultaneamente, trouxemos músicas de uma banda de Rock nacional...e a qualidade apareceu, a oportunidade da vida, do aproveitamento daquele dia do encontro semanal. E surgiu o movimento que gera o nosso empenho diante dos nossos pacientes.

Lidamos com dores, com cortes, com não-sentidos, o embaraçamento diante das ideias, nesse cartel, juntos respiramos...para produzir um não sei o quê que emana, seria amor... olhem aí o tempo da análise. Uma análise não se mede por Cronos, mas pelo desvencilhamento do racional, é no fundo subjetivo que vamos, que estamos a achar esse não sei o quê que cola, impacta e atravessa! O fluir da vida se faz em Kairós. Na prática analítica também estamos embaralhados nisso, no nó, ou melhor na identificação do nó que embaralha o sujeito do inconsciente. Nesse movimento cambiante, juntos entramos a serviço da estrutura da subjetividade que se coloca: instante de ver, instante de compreender e instante de concluir. Vamos juntos e desejantes no fluir da vida.

Contemporaneidade do sujeito entre a arte e o real. A carta e vento no divã.

Alcione Duarte

O que se escreve quando algo se transmite quando se escreve?

Percorremos durante o cartel, um caminho que partiu do Seminário “A Carta Roubada”, de Jacques Lacan, e chegou até a música “Vento no Litoral”, de Renato Russo.

A proposta era pensar como a arte, a clínica e a teoria psicanalítica podem dialogar para compreender o sujeito contemporâneo, atravessado pela dor, pela perda e pelas marcas do tempo.

Houve um desconforto no início, quando lutamos para conseguir entender e expressar o termo *Lituraterra* - (1971) palavra usada por Lacan para enfatizar a letra como traço material que toca o real. A letra não é apenas significante; é algo que se escreve, que deixa marcas, que aponta para aquilo que está no limite do simbólico. E com isso, ficamos no limiar do tempo, até que “Vento no Litoral”, canção de Renato Russo nos atravessou. Discutimos como a letra dessa música pode traduzir um sujeito e revelar destroçamentos, afetos intensos e questionamentos existenciais. A análise da canção “Vento no Litoral” nos serviu como metáfora da interioridade do sujeito melancólico. Falamos sobre a dificuldade em lidar com a dor, o sofrimento, a angústia de um tempo que “leva e se desfaz”, da noção de tempo a partir de diferentes perspectivas: *Chronos* e *Kairós*, o tempo linear e o tempo oportuno, além da contribuição de Kant. Durante nossos encontros muitas reflexões sobre a capacidade do ser humano transformar a dor em expressão criativa. A música e a literatura aparecem como formas privilegiadas de sublimação e que a clínica psicanalítica, assim como a arte, oferece sustentação ao sujeito diante do vazio e do real.

A partir dessa discussão, retomamos *A Carta Roubada* e alinhamos esse texto com a letra da música e com a clínica: o vento como corte analítico, a onda que “me acerta” como metáfora da intervenção do analista que desloca o sujeito. Lembramos de Ferenczi e sua visão da clínica como espaço de acolhimento da dor, e abordamos também conceitos como gozo, repetição, desejo, prazer e fantasia, articulando como o sujeito se vê atravessado por essas experiências.

Mas uma questão me atravessou durante todo o percurso do cartel: o que nos atingiu?. Assim como em “*A Carta Roubada*”, a música “Vento no Litoral” não precisa ser totalmente compreendida. Ela se endereça ao Outro, abre espaço para a subjetividade e nos convida a pensar o sujeito da clínica de hoje: atravessado pela angústia, estilhaçado pela pós-modernidade, mas capaz de transformar sua dor em letra, em arte, em sublimação.

A letra como carta: não sabemos o que está “no vento”, mas sentimos o furo que ela produz.

No seminário A Carta Roubada, sobre o texto de Poe, encontro alguns recortes. Letra por letra, frase por frase, o inconsciente vai se revelando através dos significantes presentes na letra da música, recortes estes, que vão se entrelaçando entre os significantes, e um significante que não significa a si mesmo, levando sempre a outro significante, e a outro, com uma lógica não identitária, uma vez que, para Lacan, a formação do inconsciente está relacionado aquilo que “no sentido da letra, se resiste à compreensão imediata, só se deixando ler por meio de um trabalho de deciframento.- (deciframente). Sabemos que toda a articulação do significante em cadeia só produz sentido particular ao sujeito. Então pergunto: como significar, para mim, o que foi escrito pelo outro? A que isso me afeta? Como isso me afeta? No Conto, o ministro ao estar de posse novamente da carte, nos coloca um outro olhar, um outro lugar dentro do real, pelo fato de que ela, a carta, a letra, agora (su)porta um outro suposto sentido, uma outra função para aquele a quem ela foi subtraída. Supondo estar ainda senhor da carta, ele ignora que tudo pode mudar de sentido e de lugar, tanto da fala, quanto do ato, quando este for em busca do que está registrado na carta. O que ela lhe revelará? O que esta descoberta poderá causar?

Está aí o registro dos significantes proposto por Lacan neste seminário. Para cada personagem, a carta tem uma função, tem significantes e significados diferentes. E como ninguém sabe qual é o conteúdo da carta, o imaginário atravessa a realidade. Há um entrave, uma divisão, como um objeto topológico, como a banda de Moebius, (Lacan - 1961-1962) uma estrutura que coloca o "dentro" no "fora" e vice-versa e traduz como o sujeito não é uno, e como aquilo que parece estar escondido (o inconsciente) está também, paradoxalmente, visível, mas de um modo que só pode ser lido de fora. Assim como a carta está à vista, mas ninguém a vê.

Lendo o conto, letra por letra, os significantes vão mudando de lugar seguindo o percurso da carta. Como saber qual a verdade será revelada através desses significantes? Como o real se apresentará no inconsciente? Para Lacan, o conceito letra é utilizado para dizer daquilo que surge como incidência material do significante, daquilo que se inscreve no inconsciente e que deixa marca - da relação entre o sujeito e o objeto - no inconsciente, na experiência do sujeito, no real, e que não pode ser atingido pelo significante. “o real é

aquilo que no inconsciente não cessa de não se inscrever.” (Seminário 20 – Mais, ainda (1972-1973))

O real não é representável. Mas ler a letra, é ler o sujeito. E o sujeito só pode ser lido pelo Outro. Nunca por ele mesmo, pois será atravessado por aquilo que não foi dito, por aquilo que fica na borda, esperando talvez um espelho para que possa se (re) conhecer. Como a carta- a que existe- e que ninguém sabe o conteúdo, (o sujeito) e a procurada – que o Ministro supõe ter sobre seu domínio. Mas quando a rainha a terá de volta? Será o conteúdo da mesma, ainda com a mesma importância de quando foi subtraída? Seria isso a significação do existir? Essa eterna contradição entre o dito e o não dito revelado pelo inconsciente? Por meio da banda de Moebius Lacan consegue representar o deslocamento do espaço sobre o sujeito, pois coloca o imaginário- aquilo que é visto- do lado do avesso, tanto que D. consegue reconhecer o que procura pelo exterior do objeto. “É preciso romper o significante para ler a letra. No ato analítico ocorre uma subversão do sujeito, uma mudança de discurso, na estrutura psíquica do analisante.” - (Sesarino, Jorge). É o que encontramos na clínica, segundo Lacan, os 3 tempos lógicos (1945) de uma análise: tempo de ver, - a voz passiva da queixa, o momento em que o sujeito se depara com uma situação que o interpela, tempo de compreender – quando o sujeito busca interpretar e dar sentido ao que vê. O ensaio de uma alguma resposta: “qual a minha responsabilidade diante do que me queixo?” e tempo de concluir- onde o que se viu pela primeira vez como queixa, talvez não se sustente mais, existe agora uma escolha, uma decisão; e talvez um quarto tempo, o da voz neutra, onde o impossível é legitimado, onde o significante encontra seu significado, porém é indizível.

Como a “Carta Roubada” – quem poderá dizer o que o autor não revelou no conteúdo da carta? Nós somos, ao mesmo tempo, autor e leitor de nossas vidas, da nossa carta. Os significantes que trazemos hoje, mudam amanhã, alguns roubam nossas cartas, nossos sentidos, outros nos ajudam a buscá-las, outros as escondem, e nós, no afã de tudo saber, esquecemos de selar nossos sentidos. E nos tornamos, dia após dia, “cartas roubadas. A análise nos permite recolocar essa carta em jogo, não para revelá-la por completo, mas para assumir a responsabilidade por seu percurso. Como na análise, não importa o conteúdo do que foi dito, mas o modo como foi dito, a posição do sujeito diante do que diz e do que cala.

Como analistas (ou analisantes), somos todas cartas: ora roubadas, ora lidas, ora esquecidas. Ler a letra é aceitar o indizível.

Hoje eu escrevi essa carta.

A quem endereçar possa.

O tempo na psicanálise lacaniana

Ferdinando Vinicius Domenes Zapparoli

Por que escolhi falar sobre o tempo?

Conforme nosso cartel foi se consolidando, encontramos uma ressonância que nos harmonizou, quando falamos sobre o prazer de escutar o cantor e músico Renato Russo, vocalista da banda Legião Urbana, que abordou o **tempo** como uma dimensão profundamente subjetiva e existencial. Em suas composições, o tempo aparece frequentemente como símbolo da **angústia, da passagem da vida, da espera e da transformação interior**. Para ele, o tempo não era apenas algo que se media em relógios, mas sim uma força emocional que atravessava os afetos, as perdas e as esperanças.

Músicas como *Tempo Perdido* trazem essa noção com clareza: "**Somos tão jovens**" e "**temos todo o tempo do mundo**" não são apenas frases otimistas, mas também expressões de um desejo de eternidade diante da efemeridade da existência. Renato questionava a maneira como as pessoas se relacionam com o presente, lamentando o que passou e ansiando por um futuro que muitas vezes nunca chega. Ele via o tempo como um cenário de escolhas e arrependimentos, onde o amor, a solidão e a busca por sentido se desenrolam.

Em resumo, o tempo para Renato Russo era um **campo poético e filosófico**, onde a juventude, a dor e a esperança se misturavam, um reflexo da condição humana em constante movimento e incerteza.

A temporalidade em psicanálise

A temporalidade, em psicanálise, é muito mais do que uma mera sucessão cronológica de instantes; trata-se de um campo estruturante da subjetividade. No pensamento de Jacques Lacan, essa dimensão é reconfigurada a partir do que ele denomina tempo lógico, uma temporalidade interna, condicionada pela dinâmica do significante e pela estrutura do sujeito. O presente texto visa delinear os contornos do tempo lógico em Lacan, suas distinções em relação ao tempo cronológico e à sessão analítica, suas modulações fundamentais, o instante do olhar, o tempo para compreender e o momento de concluir, bem como suas implicações clínicas e éticas (Miller, 1996).

De Kronos ao tempo lógico

O modo convencional de compreender o tempo, tal como concebido por Freud, está marcado pela cronologia (Kronos), embora a psicanálise já tenha instaurado deslocamentos ao evidenciar o inconsciente como um tempo não temporal. Para Freud, o inconsciente seria, em essência, atemporal, funcionando segundo lógicas próprias.

Em contraposição, Lacan retoma essas implicações e as radicaliza ao postular o tempo lógico, não como um fluxo contínuo, mas como três instantes articulados por uma lógica interna sujeita aos efeitos do desejo, da linguagem e dos significantes. (Lacan, 1998)

Três momentos do tempo lógico

O tempo lógico, conforme exposto por Lacan, organiza-se em três momentos interdependentes:

- O instante do olhar: o sujeito percebe o Outro, mas não se reconhece; é um ponto inicial de suspensão do saber, marcado pela falta
- O tempo para compreender: um intervalo hesitante, de elaboração e deliberação, em que o sujeito realiza um trabalho que Freud chamou de “perlaborar”, tentando dar sentido àquilo que foi visto, mas sem certeza

- O momento de concluir: um ato de afirmação subjetiva que se precipita como uma certeza antecipada, embora provisória e desprovida de garantias absolutas; trata-se de um salto no real

Esses três momentos, ver, compreender, concluir, não se dispõem segundo uma cronologia estável, mas desenham uma topologia do sujeito atravessada pela angústia, pela hesitação e pelo ato (Lecourt, 1991).

Sofisma dos três prisioneiros: um momento esquemático da lógica temporal

Para ilustrar essas articulações temporais, Lacan recorre ao sofisma dos três prisioneiros: três indivíduos com discos (branco ou preto) nas costas, prometendo-se liberdade àquele que deduzir sua própria cor. Essa figura ilustra como a sincronia (instante do ver), a diacronia (tempo para compreender) e a crise da conclusão se entrelaçam na afirmação subjetiva.

Umberto Eco e outras leituras destacam que o sujeito deduz sua condição não apenas pela visão, mas pela parada dos demais; a hesitação deles sinaliza algo que permite ao sujeito concluir logicamente sua própria conduta, trata-se de um “tempo de parada” ou moções suspensas, que tornam possível a modulação subjetiva do tempo lógico (Lecourt, 1991).

Clinicamente, Lacan associa o tempo lógico à inovação das sessões de tempo variável, às vezes extremamente curtas, não como regra cronológica, mas como estratégia de intervenção no tempo subjetivo. O corte abrupto marca o momento de conclusão: o analista interrompe o tempo para compreender para favorecer o salto subjetivo; ele induz uma “pressa precipitante” que obriga o sujeito a concluir sua posição (Lacan, 1998).

O tempo lógico, ao demandar um ato singular, urgido pela angústia, possui uma dimensão ética: o sujeito não se contenta com a dilação indefinida, mas é convocado a tomar uma decisão, mesmo na incerteza. A “pressa” torna-se baliza subjetiva e ética, um motor do ato, uma urgência que escapa ao relógio social (Lacan, 1998).

Conclusão

O tempo lógico lacaniano não se identifica com o relógio; é uma temporalidade subjetiva, estruturada por três momentos (ver, compreender, concluir), atravessada pela hesitação e pela pressa. Seu cerne está em um ato de afirmação do sujeito, movido pela angústia e pela lógica do significante. Essa concepção enriquece a clínica psicanalítica, fornecendo ferramentas interpretativas para entender a temporalização das operações subjetivas, assim como a prática das sessões variáveis que propulsiona o sujeito em direção a sua singularidade.

Referências

- FORBES, J. (Ed.) *Psicanálise: a clínica do real*. São Paulo: Manole, 2014.
- GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente* / Luiz Alfredo Garcia-Roza. – 24.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- LACAN, J. (1958) A direção do tratamento e os princípios do seu poder. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998b.
- LACAN, J. (1901-1981): *Outros escritos*, Rio de Janeiro Zahar, 2003.
- LACAN, J. (1945/1998). O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LACAN, J. (1949): *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, J. (1956/1998). A carta roubada. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LACAN, J. (1961-1962). *Seminário 9: A Identificação*. Inédito.
- LACAN, J. (1962-1963). *Seminário 10: A Angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- LACAN, J. (1972-1973). *Seminário 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. Capítulo “O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada”
- LACAN, J. (1964) O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LECOURT, D. *Lacan: a lógica do sujeito*. São Paulo: Escuta, 1991

- MILLER, J. A. O tempo lógico e o ato psicanalítico (Seminário). Paris: IF-EPHE, 1996
- POE, Edgar Allan. Histórias extraordinárias. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- SEARINO, J. *A subversão do sujeito e o ato analítico*. São Paulo: Via Lettera, 2006.

O AUTISMO COMO HIPÓTESE DA QUARTA ESTRUTURA NA PSICANÁLISE LACANIANA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS E APLICAÇÃO EDUCACIONAL - CARTEL PSICANÁLISE E AUTISMO

Lilian Milena Ramos Carvalho

Francisco de Assis Xavier Neto

James Sousa de Moraes

O Autismo como Hipótese da Quarta Estrutura na Psicanálise Lacaniana: fundamentos teóricos e aplicação educacional

Cartel Psicanálise e Autismo

*Lilian Milena Ramos Carvalho*³⁰

*Francisco de Assis Xavier Neto*³¹

*James Sousa de Moraes*³²

Resumo: Este trabalho propõe uma revisão teórico-clínica do autismo como quarta estrutura na psicanálise lacaniana, distinta da neurose, psicose e perversão. Baseando-se em Maleval (2009) e Laurent (2012), entendemos que o autismo se organiza em torno de mecanismos singulares: o *duplo protetor*, objetos de suplência e linguagem concreta. Aplicamos essa perspectiva a um caso clínico fictício (Eduardo, 8 anos) e a um plano de aula adaptado, demonstrando como a educação pode se beneficiar dessa abordagem. Concluímos que o autismo exige um paradigma próprio, não redutível às categorias clássicas.

Palavras-Chave: Autismo. Lacan. Quarta estrutura. Duplo. Educação inclusiva.

I. Introdução

³⁰ Doutora em Ciências da Computação e Matemática Computacional (ICMC/USP). Mestre em Engenharia Elétrica (UNESP). Graduada em Licenciatura em Matemática (UFMS). Pós-Graduada em Clínica Psicanalítica Lacaniana (ESPE). Professora Titular do Instituto de Matemática (INMA) da UFMS, campus de Campo Grande - MS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5117-2035>. Email: lilian.carvalho@ufms.br

³¹ Graduação em Psicologia (UFPB). Especialização em Saúde Mental (CINTEP). Especialização em Psicanálise e Educação: A Prática da Inclusão nos Autismos (UCAM). Psicólogo em um Centro Especializado em Reabilitação. Coordenador do Grupo de Estudos Autismo, Psicanálise e Musicoterapia. Praticante da psicanálise e supervisor clínico em João Pessoa-PB. E-mail: fxnneto@yahoo.com.br

³² Especialista em Psicanálise Clínica e Contemporânea (IPOG). Especialista em Avaliação Psicológica (IPOG). Bacharel em Psicologia (Universidade Federal do Maranhão). Servidor Público do Estado do Maranhão: 1º Tenente do Quadro de Oficiais de Saúde da Polícia Militar do Maranhão no cargo de Psicólogo - Psicanalista em formação inicial Sociedade de Psicanálise On-line (SPO). E-mail: jamespsi072@gmail.com

Sigmund Freud, no final do século XIX, revolucionou a compreensão do psiquismo humano ao introduzir conceitos como o *inconsciente*, os *mecanismos de defesa* e as *estruturas clínicas* que definem diferentes modos de funcionamento psíquico. Ele estabeleceu três grandes estruturas clínicas: *neurose*, *psicose* e *perversão*, cada uma delas caracterizada por um tipo específico de relação do sujeito com a realidade, o desejo e a lei simbólica.

A relação entre psicanálise e autismo é marcada por controvérsias, avanços teóricos e mudanças de paradigmas. Desde as primeiras descrições clínicas, até os debates contemporâneos, a psicanálise contribuiu para uma compreensão mais profunda do autismo, embora, muitas vezes, em tensão com abordagens médicas e comportamentais.

Originariamente, Freud não desenvolveu uma teoria específica sobre autismo, embora seus conceitos sobre psicose infantil (como no caso do “Homem dos Lobos” de Freud, 1908-1909) influenciaram as primeiras interpretações psicanalíticas. De fato, a noção de retirada da realidade (como na esquizofrenia) foi inicialmente associada ao autismo, mas logo se percebeu que eram condições distintas.

Posteriormente, Jacques Lacan reinterpretou a psicanálise freudiana do ponto de vista de uma perspectiva linguística e estruturalista, propondo uma divisão do psiquismo em três registros: o Real, o Simbólico e o Imaginário. Para tanto, enfatizou a função da linguagem e do desejo do Outro na constituição do sujeito. Para Lacan, a neurose (histeria e obsessão), a psicose e a perversão são respostas distintas à entrada no campo da linguagem e à relação com o “Nome-do-Pai” (LACAN, 1985), significante fundamental que organiza a estrutura psíquica.

Além das contribuições fundamentais de Freud e Lacan, a compreensão do autismo no campo da psicopatologia foi profundamente marcada pelos trabalhos pioneiros de Leo Kanner (1943) e Hans Asperger (1944), que, de maneira independente, descreveram pela primeira vez síndromes que hoje integram o Espectro Autista.

Em seu artigo “Autistic Disturbances of Affective Contact”, Kanner (1943), descreveu um grupo de crianças que apresentavam: extremo isolamento social (uma “solidão autística”), rigidez e resistência a mudanças (adesão inflexível a rotinas), dificuldades na comunicação (ecolalia, inversão pronominal) e interesses restritos e repetitivos. Destacou, ainda, que essas crianças tinham um modo peculiar de relação com o mundo, diferente das psicoses infantis, conhecidas até então. Sua abordagem levou a interpretações controversas como a hipótese das “mães-geladeira”, que atribuía ao

autismo a falhas no vínculo materno. A psicanálise posterior, no entanto, afastou-se dessa visão, buscando compreender o autismo a partir de sua estrutura psíquica singular.

Quase simultaneamente, mas de forma independente, Asperger (1944) descreveu crianças com: habilidades cognitivas preservadas ou superiores, dificuldades na interação social, padrões de fala pedante e interesses altamente especializados. Ele observou que essas crianças, apesar de suas dificuldades sociais, podiam desenvolver linguagem sofisticada e talentos notáveis.

Enquanto a medicina e a psicologia do desenvolvimento enfatizam critérios diagnósticos e comportamentais, a psicanálise, particularmente na vertente lacaniana, propõe uma leitura estrutural e subjetiva do autismo. Rosine e Robert Lefort e Jean-Claude Maleval (2019, p. 45) discutem que o autismo não se enquadra necessariamente nas estruturas clássicas (neurose, psicose, perversão), mas apresenta uma organização psíquica própria, marcada por: um modo particular de relação com Outro e a linguagem (recusa do discurso do Outro e uso instrumental da fala), estratégias de compensação (como o duplo autístico, descrito por Frances Tustin, 1975, p.80) e a construção de um “casulo” protetor contra a invasão do mundo externo.

O Instituto do Autismo, na perspectiva psicanalítica, busca oferecer uma escuta que respeite essa singularidade, evitando enquadramentos normativos e priorizando a construção de um laço social possível, seja por meio da palavra, de objetos mediadores ou de invenções próprias do sujeito autista.

Rosine e Robert Lefort (2003) exploram como o autismo desafia as categorias tradicionais da psicanálise, exigindo uma clínica que não se reduza as estruturas clássicas, mas que considera modos alternativos de subjetivação.

Dentro da tradição lacaniana, Laurent (2012) e Maleval (2009) são dois dos principais autores que revisitam o autismo a partir de uma perspectiva psicanalítica, distanciando-se tanto das abordagens organicistas quanto das interpretações psicogenéticas (como a antiga teoria das “mães-geladeira”). Seus trabalhos enfatizam a singularidade do sujeito autista e sua relação particular com a linguagem, o corpo e o Outro.

Assim, Maleval (2009, p. 45-50) e Laurent (2012), entendem que o autismo demanda uma quarta estrutura, que se distingue, das estruturas clínicas definidas por Freud, pela relação singular com o Outro e o objeto *a*.

Com estas considerações iniciais, pode-se delimitar o alcance deste trabalho com o seguinte objetivo: Analisar o autismo em torno de mecanismos singulares e aplicar esta

perspectiva a um caso clínico fictício e a um plano de aula adaptado, a fim de que a educação possa beneficiar-se desta abordagem.

II. O Autismo como uma Quarta Estrutura

Segundo a proposta de Laurent (2012), o autismo constitui uma quarta estrutura clínica distinta da neurose, psicose e perversão, definida por um regime singular de relação com o Outro. Nesta estrutura, há uma resistência fundamental ao campo do Outro, de modo que o sujeito autista busca soluções próprias, como por exemplo, fixações em objetos ou conhecimentos específicos. Isto representa uma forma alternativa de convivência social que, em geral, é ancorada em mecanismos de proteção frente à intrusão alheia. “Enquanto o neurótico questiona o Outro, o psicótico rejeita sua existência, e o perverso instrumentaliza o Outro, o autista constrói um muro simbólico” (LAURENT, 2012, P. 30-35).

Essa barreira não é simples recusa, mas uma solução singular para regular a relação com o mundo, evitando a invasão do Outro. O autista estabelece fronteiras precisas (objetos, rotinas, interesses fixos) como forma de proteção e organização subjetiva (LAURENT, 2012, p. 30-35).

Maleval (2009) destaca que os mecanismos de proteção ou defensivos, no autismo, como por exemplo, o duplo e os objetos de suplência, representam soluções criativas diante do desamparo estrutural. Tais estratégias permitem ao sujeito autista estabilizar sua relação com o mundo, substituindo a falta de ancoragem no Outro, por invenções singulares. De fato, o duplo (personagens, alter egos) e os objetos de suplência (interesses fixos, rotinas) atuam como suporte de existência, mitigando a angústia e organizando o real. O autista não recusa o objeto a (como na psicose), mas cria substitutos estáveis (objetos sensoriais, rotinas, estereotípias) para evitar o desamparo diante do desejo do Outro (MALEVAL, 2009, p. 60-65).

Maleval (2009, p. 60) afirma que objetos literais (como horários e rotinas) podem funcionar como substitutos do *objeto a* lacaniano, servindo de suporte contra o desamparo e a angústia. Esses elementos concretos, ao estruturar o cotidiano, oferecem uma falsa completude, ocupando o lugar do vazio deixado pelo desejo. Eles atuam como defesas frente ao real, estabilizando o sujeito em uma realidade mais controlável.

Lacan (2008, p. 145) aponta que invenções linguísticas como a ecolalia e a hiperlexia funcionam como barreiras contra a demanda do Outro. Esses recursos permitem ao sujeito manter uma relação controlada com a linguagem, evitando o engajamento direto no diálogo. A repetição (ecolalia) ou a leitura compulsiva (hiperlexia) atuam como escudos simbólicos, sustentando uma distância segura do desejo alheio.

III. A Quarta Estrutura: Critérios Distintivos

As estruturas clínicas na psicanálise freudiana e lacaniana descrevem modos distintos de funcionamento psíquico, vinculados à relação do sujeito com a lei, o desejo e a realidade. Senão, vejamos:

A neurose é a estrutura mais comum, ligada ao conflito psíquico e à repressão. Ela possui como características principais o conflito entre desejo e defesa, isto é, o neurótico vive um embate entre desejos inconscientes e proibições internalizadas, um mecanismo central (recalcamento) e a relação com a lei, ou seja, o neurótico aceita a lei simbólica, mas sofre por sua culpa ou inadequação. Como exemplos de neurose temos a histeria, em que o sujeito busca reconhecimento do outro e a neurose obsessiva, em que o sujeito utiliza rituais e pensamentos repetitivos para controlar a culpa.

A psicose corresponde a uma ruptura com a realidade, devido à forclusão do Nome do Pai. Tem como características principais um mecanismo central, isto é, uma falha na internacionalização da lei simbólica (o Nome do Pai, em Lacan), relação com a realidade, levando a delírios ou alucinações, ou seja, o sujeito reconstrói a realidade para compensar a falha simbólica e a ausência de conflito neurótico, em que o psicótico não recalca, ou seja, o inconsciente irrompe no real. As manifestações da psicose incluem esquizofrenia (discurso fragmentado, afeto inadequado), paranoia (delírios de perseguição) e melancolia (autoacusação delirante).

A perversão corresponde a uma recusa da castração simbólica e busca de gozo sem mediação. Tem como características principais um mecanismo central, ou seja, a denegação da lei, em que o perverso sabe da lei, mas a desafia ritualisticamente, a relação com o Outro (usa o outro como objeto de gozo) e estrutura estável (não há angústia dominante, como na neurose, ou seja, o perverso organiza seu gozo). As manifestações

da perversão incluem o fetichismo (substitui a falta por um objeto) e o sadismo/masochismo (gozo vinculado ao sofrimento ou dominação).

Psicanalistas como Jean-Claude Maleval e Eric Laurent propõem que o autismo não se encaixa nas três estruturas clínicas mencionadas anteriormente, demandando uma nova categoria.

De fato, as principais diferenças que eles observam em relação às três estruturas clínicas são: falha na constituição do Outro simbólico (enquanto o psicótico rejeita o Outro (foraclusão), o autista muitas vezes não o constitui plenamente, pois, tem uma dificuldade primária no laço social), mecanismos de defesa distintos (hipercontrole sensorial, em que o autista pode criar um mundo próprio via estereotípias, interesses restritos ou recusa ao contato; recusa do discurso do Outro, em que pode haver uma rejeição ativa da linguagem como meio de comunicação, não por foraclusão, mas por sobrecarga sensorial ou dificuldade na reciprocidade), relação com o corpo e o gozo (o autista pode ter um gozo autístico (Lacan), não mediado pelo Outro; o autista busca estabilidade sensorial, diferente da perversão, em que há prazer na transgressão), não há recalçamento nem foraclusão clássicos (a neurose e a psicose pressupõem um conflito com o desejo do Outro, enquanto que no autismo, o problema parece ser anterior, ou seja, uma falha na inscrição primordial do Outro, como referência).

Em *A batalha do autismo*, Laurent (2014) propõe que o duplo no autismo (personagens, alter egos) funciona como "muleta imaginária", um recurso para compensar a frágil inscrição no simbólico. Diferente do estágio do espelho (que consolida a identidade), o duplo autista não media o laço social, mas cria uma proteção contra o Outro. É uma solução singular para estabilizar o eu sem depender do reconhecimento alheio (LAURENT, 2012).

Enquanto o neurótico pergunta "*O que o Outro quer de mim?*", o autista suspende a questão. Sua estrutura é marcada por:

- Recusa da demanda (não há "Che vuoi?" lacaniano).
- Invenção de uma lógica própria (ex.: linguagem privada).

Exemplo clínico: Criança que repete frases de desenhos animados como código próprio, sem intenção comunicativa (Laurent, 2012, p. 105-110).

Por que Entendemos o Autismo como uma Quarta Estrutura?

1. Não é psicose: Não há foraclusão do Nome-do-Pai, há foraclusão do furo, ou seja, o retorno do gozo na borda.
2. Não é neurose: Não há fantasia (\$ ◇ a), mas objetos literais.

3. Não é perversão: Não há delegação do desejo, mas suspensão do Outro. "O autista não está no mundo do Outro; ele constrói um mundo à parte, onde o duplo é seu único interlocutor" (MALEVAL, 2009, p. 150).

De acordo com Maleval (2009, p. 150-155): "O autista não é um psicótico: ele constrói sua própria ordem".

Deste modo, podemos sintetizar a diferença entre duplo autístico e alucinação psicótica, por meio da Tabela 1:

Tabela 1: Diferenças entre duplo autístico e alucinação psicótica

Característica	Duplo Autístico	Alucinação Psicótica
Natureza	Estável, previsível	Invasiva, fragmentada
Função	Proteção com o Outro	Resposta à forclusão
Exemplo	Amigo/Objeto Real fixo	Vozes persecutórias

Fonte: Autores

A Tabela 2, a seguir, mostra uma comparação entre estruturas clínicas, incluindo o autismo como uma quarta estrutura clínica.

Tabela 2: Estruturas clínicas, incluindo o autismo como uma quarta estrutura

Estrutura	Relação com o Outro	Objeto a	Exemplo Clínico
Neurose	Questionamento	Mediatizado pela fantasia (\$ ◇ a)	Histeria e obsessão (Lacan, <i>Seminário XVII</i> , p. 50-55).
Psicose	Forclusão do Nome-do-Pai	Desorganizado	Alucinações (<i>Seminário III</i> , p. 120-125).
Perversão	Instrumentalização	Fetice como suplência	Fetichismo (<i>Seminário IV</i> , p. 90-95).
Autismo	Muro Protetor	Objetos sensoriais	Rotinas rígidas (Maleval, 2009, p. 100-105).

Fonte: Autores

IV. Caso Clínico Fictício (baseado em Laurent, p. 105-110)

Visando ilustrar o autismo como quarta estrutura, elaboramos um caso clínico fictício, com ênfase no duplo e nos objetos de suplência, tendo por base (Laurent, p. 105-110).

Nome: Eduardo (8 anos).

Título: "Eduardo e o Guardião de Papel"

Encaminhamento: Escola relatou "isolamento social" e "comportamentos repetitivos".

Histórico:

- Aos 3 anos, diagnóstico de TEA (nível 1 de suporte).
- Não mantém contato visual, mas fala fluentemente sobre trens.
- Criou um personagem chamado "Senhor Trilho" (um guardião feito de tiras de papel que carrega consigo).

Análise Lacaniana:

(A) O Duplo como Muro Protetor

- Senhor Trilho não é um amigo imaginário típico (como na neurose), mas uma entidade fixa e não-relacional. Eduardo fala **para** ele, não **com** ele.
- **Função:**
 - Medeia todas as interações (ex.: só responde a perguntas se "Senhor Trilho" repetir a frase primeiro).
 - Age como **borda do real**, evitando a surpresa (Maleval, p. 112-115).

(B) Objetos Literais como Suplência

- Eduardo coleciona horários de trens (hiperlexia) e recita dados técnicos (velocidade, rotas) quando ansioso.
- **Diferença para a psicose:** Não há desorganização linguística, mas hiperinvestimento em fragmentos do real (Laurent, p. 95-100).

(C) Ausência de "Che vuoi?"

- Quando perguntado "*O que você quer?*", Eduardo repete a pergunta para "Senhor Trilho" e responde com um dado factual (ex.: "*O trem das 15h47 vai para São Paulo*").
- **Estrutura autística:** Suspensão da demanda do Outro (Lacan, *Seminário XI*, p. 145).

Intervenção Proposta:

1. **Respeito ao duplo:** Usar "Senhor Trilho" como mediador nas sessões (ex.: "*O Senhor Trilho pode me dizer como Eduardo se sente hoje?*").
2. **Objetos transicionais:** Introduzir um relógio de trens para ajudar na transição entre atividades.

Linguagem concreta: Evitar metáforas (ex.: em vez de "*Vamos abrir o coração*", usar "*Vamos falar sobre trens por 5 minutos*").

Contrastes com Outras Estruturas:**Tabela 3: Contrastes com outras estruturas**

Caso Eduardo (Autismo)	Caso João (Psicose Infantil)	Caso Ana (Neurose Obsessiva)
Duplo estável (Senhor Trilho)	Vozes que o chamam de "demônio"	Rituais para "evitar desgraça"
Objetos como extensão do corpo	Alucinações visuais	Fantasia de controle (§ ◇ a)
Linguagem técnica e concreta	Palavras inventadas (neologismos)	Dúvidas infinitas ("E se...?")

Fonte: Autores

Conclusão do Caso:

Eduardo ilustra a quarta estrutura:

- **Não psicótica:** Nenhum sinal de forclusão (não há falhas na linguagem ou delírios).
- **Não neurótica:** Nenhuma fantasia de desejo do Outro.
- **Solução autística:** Duplo + objetos literais criam uma estabilidade fora do campo do Outro (MALEVAL, p. 150). "O autismo não é um fracasso da estruturação, mas uma solução engenhosa para habitar um mundo sem a angústia do desejo alheio" (LAURENT, p. 110).

V. Guia para Educadores: Compreendendo Eduardo e o Autismo como Quarta Estrutura

(Versão adaptada para professores e profissionais da educação)

1. Quem é Eduardo?

Idade: 8 anos

Perfil:

- Fascínio por trens (sabe todos os horários e rotas de memória).
- Não mantém contato visual, mas é verbal.
- Sempre carrega um personagem de papel chamado "**Senhor Trilho**" – fala com ele e usa como mediador para interagir com o mundo.

Comportamentos-chave na escola:

- Repete perguntas para o "Senhor Trilho" antes de responder.
- Fica angustiado com mudanças inesperadas na rotina.

Usa dados técnicos sobre trens para regular emoções (ex.: "O trem das 10h15 está atrasado" = código para "estou ansioso").

2. O que Isso Significa?

(A) O "Senhor Trilho" Não é Apenas um Amigo Imaginário

- **Diferença típica:** Crianças neurotípicas usam amigos imaginários para brincadeiras simbólicas (ex.: chá de boneca).
- **No autismo (Eduardo):** O duplo é um **objeto de proteção** contra o imprevisível. Não é uma brincadeira, mas uma necessidade estrutural.

Como acolher na escola:

- Respeite o "Senhor Trilho" como um mediador (ex.: "Pergunte ao Senhor Trilho se Eduardo quer participar da atividade").
- Nunca force Eduardo a abandonar o personagem – isso seria como tirar um órgão sensorial.

(B) Rotinas e Objetos são "Bóias de Salvação"

- Horários fixos e objetos previsíveis (ex.: o mesmo lápis, a mesma cadeira) evitam o caos.
- Não é teimosia, mas uma forma de organização do mundo.

Estratégias:

- Avise com antecedência sobre mudanças (ex.: "Hoje, na aula de arte, vamos usar tinta em vez de giz").
- Use **linguagem concreta** (evite: "Seja gentil!"; prefira: "Entre na fila atrás do João).

3. Autismo ≠ Doença ou Deficiência: É uma Outra Lógica**Tabela 4: Autismo como uma outra lógica**

Neurotípico	Autismo (Eduardo)
Aprende por imitação social	Aprende por regras claras
Comunica para se conectar	Comunica para organizar o mundo
Flexível com mudanças	Prefere padrões estáveis

Fonte: Autores

Dica pedagógica:

- Eduardo não é "desinteressado" – ele se interessa de forma diferente. Use o fascínio por trens para ensinar matemática (calcular distâncias), geografia (rotas ferroviárias) ou história (invenção das locomotivas).

4. Quando a Angústia Aparecer...**Sinais em Eduardo:**

- Repetir frases de trens em loop.
- Cobrir os ouvidos e balançar o corpo.

O que fazer:

1. **Ofereça um "objeto âncora"** (ex.: seu livro de horários de trens).
2. **Use sua linguagem técnica** (ex.: "Eduardo, o trem da calma está entrando na estação. Vamos fazer o protocolo: 1. Respirar, 2. Olhar o relógio, 3. Falar com o Senhor Trilho").
3. **Respeite o recuo** – às vezes, ele precisará de 5 minutos sozinho.

5. Por que Isso Pode Funcionar?

- **Base teórica:** No autismo, a relação com o mundo é direta e não mediada pelo simbólico (MALEVAL, 2009).
- **Exemplo:**
 - Para uma criança neurotípica, um abraço pode confortar.

- Para Eduardo, um dado concreto ("o próximo trem passa em 10 minutos") organiza a angústia.

Frases-chave para o professor:

- "Eduardo não está em outro planeta – ele segue um mapa diferente."
- "Seu objetivo não é 'curá-lo', mas ajudá-lo a navegar em um mundo barulhento."

Recursos para a Sala de Aula

1. **Kit de ferrovias:** Use trens de brinquedo para ensinar conceitos abstratos (ex.: "Este vagão é o sujeito da frase").
2. **Cartão de emoções técnico:** Em vez de carinhas felizes/tristes, use sinais ferroviários (ex.: "sinal vermelho" = "parar, estou sobrecarregado").
3. **História social personalizada:** Crie um livro com fotos de Eduardo fazendo tarefas, usando "Senhor Trilho" como narrador.

De acordo com Maleval (2009, p. 112): "O autista não recusa a linguagem – ele a reinventa como um engenheiro constrói uma ponte sobre um rio turbulento".

Plano de Aula Adaptado para Eduardo (8 anos) – Tema: "Geografia Ferroviária"

(Baseado no interesse especial por trens, com estratégias para inclusão)

Objetivos Gerais

- **Para a turma:** Conhecer os tipos de relevo e sua influência no transporte ferroviário.
- **Para Eduardo:** Desenvolver habilidades socioemocionais e de comunicação a partir do tema trens.

1. Acolhida (15 minutos)

Estratégia: "Conversa sobre trens" (mediação pelo "Senhor Trilho").

- **Para a turma:**
 - Pergunta aberta: "*Quem já viajou de trem? Como foi?*"
- **Para Eduardo:**
 - Professor diz: "*Senhor Trilho, hoje vamos falar sobre como os trens sobem montanhas. O Eduardo pode nos ajudar?*"
 - **Objetivo:** Validar seu conhecimento e incluí-lo como "especialista".

Adaptação: Se Eduardo não responder, o professor modela: "*O Senhor Trilho diz que trens usam trilhos serpenteantes em montanhas. Eduardo, é isso mesmo?*"

2. Atividade Principal (30 minutos)

Título: "Construindo uma Ferrovia no Relevo" (em grupos).

Materiais:

- Massa de modelar (para criar montanhas/planícies).
- Papelão e canetinhas (para desenhar trilhos).
- **Recurso especial para Eduardo:** Miniaturas de trens e um "diário de bordo" (para registrar dados técnicos: inclinação, velocidade).

Passos:

1. **Explicação geral:** Mostrar um mapa ferroviário real (ex.: Estrada de Ferro Curitiba-Paranaguá).
2. **Grupos:**
 - Eduardo fica com 2 colegas que ele já tolera. Sua tarefa é calcular o trajeto mais eficiente (com ajuda do "Senhor Trilho").
3. **Linguagem:**
 - Para a turma: *"Desenhem os trilhos evitando o relevo íngreme!"*
 - Para Eduardo: *"O trem carregado de minério não pode subir mais que 2% de inclinação. Mostre no seu diário!"*

Dica: Colegas podem ser "ajudantes do maquinista" (Eduardo decide como distribuir tarefas).

3. Momento de Regulação (10 minutos)

Sinal de estresse: Se Eduardo começar a repetir frases ou balançar.

- **Intervenção:**
 - Professor entrega o "cartão de sinais ferroviários":
 - **Verde:** "Tudo ok!"
 - **Amarelo:** "Preciso de uma pausa."
 - **Vermelho:** "Preciso sair agora."
 - Eduardo pode apontar para o cartão **sem precisar falar**.

4. Apresentação dos Trabalhos (20 minutos)**Adaptação para Eduardo:**

- Ele apresenta **apenas os dados técnicos** (ex.: "Nosso trem vai a 40 km/h na curva").
- **Se recusar:** O "Senhor Trilho" (um boneco de papel) "fala" pelo grupo.

Para a turma:

- Cada grupo mostra sua ferrovia e explica **um desafio do relevo**.

5. Avaliação

- **Turma:** Desenho + explicação oral.
- **Eduardo:**
 - **Objetivo 1:** Interagir com 1 colega durante a atividade (sim/não).
 - **Objetivo 2:** Usar o diário de bordo para registrar 3 dados (ex.: velocidade, altitude).
 - **Objetivo 3:** Usar o cartão de sinais quando necessário.

6. Extensão para Casa

- **Turma:** Pesquisar uma ferrovia famosa no mundo.
- **Eduardo:** Criar uma "tabela de horários" para uma ferrovia imaginária (com estações baseadas em emoções: "Estação da Calma", "Estação da Alegria").

Por que Este Plano Pode Funcionar?

1. **Baseia-se no interesse especial** (trens) para engajar Eduardo.
2. **Oferece estrutura clara** (evitando ansiedade).
3. **Inclusão sem forçar** – Eduardo participa do seu jeito.

Frase-chave para o professor:

"Para Eduardo, aprender não é sobre 'socializar', mas sobre como o mundo funciona – e os trens são sua chave para decifrá-lo."

Adaptações para Outras Disciplinas

- **Matemática:** Calcular combustível gasto por trem (usar números reais).
- **História:** Linha do tempo das ferrovias no Brasil (Eduardo pode ser o "curador" dos dados).
- **Ciências:** Efeitos da poluição sonora dos trens (Eduardo registra decibéis).

VI. Considerações Finais

Neste trabalho, fizemos uma revisão envolvendo uma intersecção complexa entre a psicanálise clássica (freudiana e lacaniana) e os estudos contemporâneos sobre o autismo.

Exploramos diferenças e possíveis semelhanças entre o autismo, visto como uma quarta estrutura psíquica, e as estruturas tradicionais (neurose, psicose e perversão). As características principais do autismo apresentadas por psicanalistas como Jean-Claude

Maleval e Eric Laurent mostram que existem diferenças importantes com relação às estruturas clássicas, o que sugere sua inserção em uma outra categoria, a despeito de abordagens contemporâneas controversas.

Em nossa visão, concordamos que as diferenças mostradas na Tabela 2 são suficientes para definir o autismo como uma estrutura separada, ou seja, consolidada como uma quarta estrutura. Através da análise teórica e do caso clínico fictício de Eduardo, demonstrou-se que o autismo se organiza em torno de **mecanismos singulares**: o *duplo protetor*, objetos de suplência e uma relação não mediada pelo desejo do Outro.

Principais Contribuições

1. Teórica:

- Validou a tese pós-lacanian (Maleval, 2009; Laurent, 2012) de que o autismo não é um déficit, mas uma solução estrutural frente ao desamparo do simbólico.
- Diferenciou-o da psicose (sem forclusão), da neurose (sem fantasia) e da perversão (sem instrumentalização do Outro).

2. Clínica:

- Ilustrou como o **duplo autístico** (ex.: "Senhor Trilho") e os **objetos literais** (rotinas, hiperlexia) funcionam como estabilizadores do real, não como patologias a serem eliminadas.

3. Pedagógica:

- Propôs estratégias educacionais **não normalizadoras**, baseadas nos interesses restritos do autista (ex.: plano de aula com trens para Eduardo), reforçando que a inclusão exige **adaptação ao sujeito**, e não o contrário.

Deste modo, o autismo, como quarta estrutura, desafia a psicanálise a repensar categorias rígidas e a educação a abandonar modelos homogeneizantes. Como destacam Maleval (2009) e Laurent (2012), a **singularidade autística** não é um fracasso, mas uma forma engenhosa de habitar um mundo onde o Outro é vivido como intrusivo. A tarefa clínica e pedagógica, portanto, não é "corrigir", mas **acompanhar** essas construções únicas — como faríamos com qualquer arquiteto de mundos próprios.

Perspectivas Futuras

Para melhor desenvolvimento destas atividades, precisamos de amostras empíricas, ou seja, há necessidade de estudos com casos reais para generalizar a hipótese. Pretendemos, contudo, a aplicação em outras fases da vida, adaptando o modelo para adolescentes e adultos autistas.

Também entendemos a necessidade de um diálogo interdisciplinar, ou seja, a articulação com neurociências e educação inclusiva para evitar reducionismos.

Referências

ASPERGER, H. Die „autistischen Psychopathen“ im Kindesalter. **Archiv für Psychiatrie und Nervenkrankheiten**, Berlin, v. 117, n. 1, p. 76-136, 1944.

FREUD, S. História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"). In: FREUD, S. **Um caso de histeria, o pequeno Hans e o homem dos lobos: (1909 [1908])**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 191-314. (Obras completas, v. 10).

KANNER, L. Autistic disturbances of affective contact. **Nervous Child**, New York, v. 2, n. 3, p. 217-250, 1943.

LACAN, J. **O Seminário, livro 3: As psicoses**. Tradução de Aluisio Menezes. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. **O Seminário, Livro III: As Psicoses**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LAURENT, ÉRIC. **A batalha do autismo: da clínica à política**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014..

LEFORT, R.; LEFORT, R. **A distinção do autismo**. São Paulo: Editora Escuta, 2003.

MALEVAL, J.C. **L'Autiste et sa Voix: Critique à réduction du autismo à psychose**. Seuil, 2009, p. 45-50.

TUSTIN, F. **Autismo e psicose infantil**. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p.80

O AUTISMO COMO QUARTA ESTRUTURA: CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE FRANCESA PARA A CLÍNICA COM ADULTOS - CARTEL PSICANÁLISE E AUTISMO

James Sousa De Moraes

Francisco Assis Xavier Neto

Lilian Milena Ramos Carvalho

O autismo como quarta estrutura: contribuições da psicanálise francesa para clínica com adultos

Cartel Psicanálise e Autismo

James Sousa de Moraes¹

Francisco de Assis Xavier²

Lilian Milena Ramos Carvalho³

Resumo: Este artigo propõe uma leitura do autismo como uma quarta estrutura clínica. Tal estrutura se distingue das neuroses e psicoses, conforme formulada por autores da psicanálise francesa contemporânea, como Maleval e Laurent. Essa formulação se baseia nas contribuições do casal Lefort. Suas observações clínicas com crianças autistas, orientadas pelo ensino de Lacan, ofereceram os fundamentos para os desenvolvimentos posteriores desses autores. O trabalho articula noções como furo, borda (objeto autístico, ilhas de competência e duplo), carapaça e neoborda, abordando suas implicações para a

¹ Especialista em Psicanálise Clínica e Contemporânea (IPOG). Especialista em Avaliação Psicológica (IPOG). Bacharel em Psicologia (Universidade Federal do Maranhão). Servidor Público do Estado do Maranhão: 1º Tenente do Quadro de Oficiais de Saúde da Polícia Militar do Maranhão no cargo de Psicólogo - Psicanalista em formação inicial Sociedade de Psicanálise On-line (SPO). E-mail: jamespsi072@gmail.com² Graduação em Psicologia (UFPB). Especialização em Saúde Mental (CINTEP). Especialização em Psicanálise e Educação: A Prática da Inclusão nos Autismos (UCAM). Psicólogo em um Centro Especializado em Reabilitação. Coordenador do Grupo de Estudos Autismo, Psicanálise e Musicoterapia. Praticante da psicanálise e supervisor clínico em João Pessoa-PB. E-mail: fxnneto@yahoo.com.br

² Graduação em Psicologia (UFPB). Especialização em Saúde Mental (CINTEP). Especialização em Psicanálise e Educação: A Prática da Inclusão nos Autismos (UCAM). Psicólogo em um Centro Especializado em Reabilitação. Coordenador do Grupo de Estudos Autismo, Psicanálise e Musicoterapia. Praticante da psicanálise e supervisor clínico em João Pessoa-PB. E-mail: fxnneto@yahoo.com.br

clínica com adultos autistas. O método adotado é teórico-clínico, articulando a leitura conceitual dos textos com recortes de casos e exemplos de práticas psicanalíticas. Os eixos clínicos analisados valorizam o detalhe, o entorno e o acolhimento da solidão como formas singulares de laço, compondo uma ética de sustentação das invenções subjetivas dos sujeitos autistas. Conclui-se que o reconhecimento do autismo como estrutura própria permite uma abordagem clínica não normatizante, centrada na singularidade e na possibilidade de existência à margem da lógica significante.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo. Quarta Estrutura. Psicanálise Francesa. Borda. Clínica em adultos.

1 Introdução

Nas últimas décadas, o autismo tem sido amplamente abordado sob perspectivas neurobiológicas, comportamentais ou cognitivistas, orientadas por critérios diagnósticos do DSM e por estratégias adaptativas. Embora tais abordagens ofereçam importantes contribuições para a compreensão de certos aspectos funcionais, elas frequentemente deixam de considerar a dimensão subjetiva e singular do sujeito autista. Em contraste, a psicanálise propõe uma escuta que não se limita a categorias normativas, mas busca reconhecer os modos próprios de existência, linguagem e laço que caracterizam o autismo.

Este artigo tem como objetivo desenvolver uma leitura teórico-clínica do autismo como uma quarta estrutura psíquica, distinta das categorias clássicas da neurose, psicose e perversão. A psicanálise francesa contemporânea, especialmente com os trabalhos de Maleval (2012) e Laurent (2014), oferece ferramentas para compreender o funcionamento subjetivo do autismo. A ênfase está na clínica com adultos, ainda pouco explorada em relação à infância.

A pesquisa adota o método teórico-clínico, articulando elaborações conceituais com fragmentos da escuta clínica e sustentando-se em referências da tradição freudolacaniana. O texto está estruturado em seis partes. Inicia com um panorama histórico do autismo e aproximações com Freud, Lacan e Miller. Em seguida, apresenta o diagnóstico diferencial na psicanálise e os principais conceitos teóricos. A seguir,

discute os eixos clínicos da prática com autistas. Finaliza com considerações que destacam a relevância clínica e ética da abordagem psicanalítica.

2 Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de natureza teórico-clínica, com base bibliográfica, sustentada pela articulação entre os aportes conceituais da psicanálise francesa contemporânea e fragmentos de escuta clínica. A metodologia adotada segue a tradição da psicanálise enquanto prática teórico-clínica, na qual os conceitos emergem do entrelaçamento entre leitura, experiência e elaboração escrita.

Complementando essa abordagem, consideramos os apontamentos de autores que discutem os fundamentos metodológicos da pesquisa teórica em psicanálise. pro Esse método valoriza o gesto de escuta, a transmissão subjetiva e a escrita teórico-conceitual como operadores de produção de saber, reafirmando a especificidade epistêmica da psicanálise como prática singular.

2.1 Sobre o uso de vinhetas clínicas

As vinhetas clínicas utilizadas neste artigo são construções teóricas exemplificativas, orientadas pela lógica da estrutura e dos conceitos psicanalíticos que fundamentam a escuta de sujeitos autistas. Para Martins e Kupfer (2011), as vinhetas têm valor metodológico na psicanálise, pois evidenciam momentos de ruptura, invenção ou estabilização subjetiva, sem pretensão de generalização empírica. Nesse sentido, as vinhetas aqui presentes cumprem a função de sustentar a articulação entre o conceito e a prática, sem corresponderem a relatos reais ou identificáveis.

3 Contexto histórico do autismo

O termo “*autismo*” foi introduzido por Eugen Bleuler em 1911, no contexto de sua reformulação da esquizofrenia — conceito que ele próprio cunhou. Para Bleuler, o autismo representava uma tendência ao isolamento da realidade externa e à predominância da vida interior, marcada por fantasias, desvinculação afetiva e perda do juízo de realidade. Para Bleuler, o autismo era um dos sintomas centrais da esquizofrenia, junto à ambivalência, à associação frouxa e ao embotamento afetivo — os chamados “quatro As” (CARNEIRO; FONSECA, 2012). Diferente da concepção contemporânea, o autismo em Bleuler não constituía uma estrutura clínica autônoma, mas uma manifestação patológica no interior da psicose esquizofrênica. Essa formulação teve influência direta nos primeiros enquadramentos do autismo como psicose infantil e dialogou com os desenvolvimentos posteriores de Freud e Lacan sobre a esquizofrenia (SOUZA; FERREIRA, 2010).

Destaca-se nesse percurso o caso Dick, relatado por Melanie Klein em 1930, que acompanhou uma criança de quatro anos com sérias dificuldades na linguagem e na relação com o outro. Embora tenha interpretado o caso como psicose infantil, Klein descreveu elementos hoje relidos à luz do autismo, como a ausência de investimento simbólico e o uso repetitivo de objetos fixos. Klein observou que Dick apresentava um comportamento verbal bastante restrito e estereotipado, com emissão de sons desconexos e repetitivos, sem intenção comunicativa ou desejo de se fazer compreender. Almeida (2020) reconsidera o caso Dick como um marco inicial de escuta não psicotizante do autismo, destacando a organização de uma borda subjetiva e o uso de objetos autísticos — como trens e estações — para estabilização psíquica.

Enquanto o autismo, na tradição de Bleuler, permanecia associado à esquizofrenia, foi apenas na década de 1940 que ele passou a ser descrito como um quadro clínico distinto. Em 1943, Leo Kanner publicou “Distúrbios autísticos do contato afetivo”, descrevendo 11 crianças com dificuldades na interação social, resistência a mudanças, alterações na linguagem e interesses repetitivos. Kanner cunhou o termo “autismo infantil precoce” e descreveu o quadro como um distúrbio inato do contato afetivo, sem prejuízo intelectual evidente. Kanner destacou o isolamento afetivo como núcleo do autismo, rompendo com a tradição de associá-lo à esquizofrenia (KANNER, 1943 apud SCHECHTMAN; CAPOVILLA, 2020).

Quase simultaneamente, em 1944, o pediatra vienense Hans Asperger apresentou um estudo baseado em quatro meninos que manifestavam dificuldades na socialização, fala pedante, interesses altamente especializados e comportamentos ritualizados. Diferentemente de Kanner, Asperger enfatizou as habilidades linguísticas preservadas, o bom nível cognitivo e o caráter “excêntrico” dos sujeitos, formulando o que mais tarde seria reconhecido como síndrome de Asperger. Publicado em alemão, o trabalho de Kanner foi redescoberto nos anos 1980 e 1990 por Lorna Wing e Uta Frith, que o difundiram no mundo anglófono (SCHECHTMAN; CAPOVILLA, 2020).

Ambos os autores, embora com abordagens distintas, contribuíram significativamente para a separação conceitual do autismo em relação à esquizofrenia e para a consolidação do autismo como um campo clínico específico. Suas formulações mantiveram-se ligadas a critérios desenvolvimentistas e observáveis, sem considerar a escuta da subjetividade — dimensão posteriormente explorada pela psicanálise.

A consagração do autismo como diagnóstico psiquiátrico ocorreu com a inclusão da categoria “Transtorno Autista” no DSM-III, em 1980, passando a integrar os chamados “Transtornos Invasivos do Desenvolvimento”. Essa classificação marcou uma formalização importante no campo da psiquiatria, permitindo maior visibilidade e sistematização clínica do autismo (CASTRO, 2015). Com o DSM-IV (1994), o espectro autista passou a incluir a síndrome de Asperger, o transtorno desintegrativo da infância e outras categorias não especificadas (FERNANDES; TOMAZELLI; GIRIANELLI, 2020).

O DSM-5 (2013) unificou os subtipos sob o Transtorno do Espectro Autista (TEA), definido por déficits na comunicação e padrões repetitivos de comportamento e interesse. Essa reformulação gerou debates importantes tanto na comunidade médica quanto nos campos que valorizam a singularidade psíquica. Como destaca Éric Laurent (2014), essa ampliação diagnóstica impõe à psicanálise uma escuta diferenciada, que vá além da categorização normativa e se aproxime das invenções subjetivas de cada sujeito.

4 Aproximações com Freud, Lacan e Miller

Embora Freud não tenha elaborado uma teoria específica sobre o autismo, suas formulações oferecem pistas importantes para a leitura psicanalítica da condição. O conceito de narcisismo primário (Freud, 1914/1996) descreve o investimento libidinal voltado ao eu, antes da constituição do objeto e do laço com o outro. Tal conceito se aproxima da lógica de fechamento e autoerotismo frequentemente observada nos sujeitos autistas. Em *Além do Princípio de Prazer* (1920/1996), Freud propõe a ideia de uma barreira protetora contra os estímulos (*Reizschutz*), retomada por autores contemporâneos para pensar objetos autísticos como reguladores do gozo.

Lacan não considerou o autismo como estrutura independente, vinculando-o à psicose com base na forclusão do Nome-do-Pai — exclusão de um significante essencial que impede a constituição do sujeito (ARAGÃO; RAMIREZ, 2004).

Apesar disso, sua noção de estrutura como resposta singular ao significante e suas elaborações topológicas, como o nó borromeano, permitem repensar o autismo em termos próprios (ARAÚJO et al., 2018).

Essa abertura se delineia já nas observações clínicas de Lacan na *Conferência de Genebra sobre a criança* (1956/1998), onde analisa os casos de Dick e do Menino Lobo. Nesses exemplos, ele destaca crianças imersas no real, cuja fala está reduzida à função de "caroço", sem efeito metafórico, ou seja, sem articulação simbólica plena. Lacan aponta para um congelamento do sujeito no "dito", uma fixação esquizofrênica que impossibilita o desdobramento da cadeia significante. Tais observações antecipam uma lógica clínica do fora- do-discurso, marcada por uma linguagem sem interlocutor, por uma estrutura que não se constitui pela metáfora paterna.

Esse campo de exclusão do Outro simbólico, que em Lacan se mantinha dentro dos limites da psicose, será posteriormente desenvolvido por autores como Jean-Claude Maleval e Éric Laurent. Ambos propõem o autismo como uma estrutura diferenciada, não caracterizada pela forclusão do Nome-do-Pai, mas por uma recusa inaugural do significante do Outro e pela invenção de dispositivos de borda que permitem ao sujeito autista sustentar um laço com o mundo de forma singular (MALEVAL, 2012; ARAÚJO et al., 2020).

Esse campo de exclusão do Outro simbólico, que em Lacan se mantinha dentro dos limites da psicose, será posteriormente desenvolvido por autores como Jean-Claude

Maleval e Éric Laurent. Ambos propõem o autismo como uma estrutura diferenciada, não caracterizada pela forclusão do Nome-do-Pai, mas por uma recusa inaugural do significante do Outro e pela invenção de dispositivos de borda que permitem ao sujeito autista sustentar um laço com o mundo de forma singular (MALEVAL, 2012; ARAÚJO et al., 2020).

Jacques-Alain Miller, ao propor a psicose ordinária, amplia a leitura clínica ao sugerir que nem toda subjetivação psicótica expressa forclusão evidente, exigindo uma escuta mais clínica do que estrutural (LACAN, 1955-56/2008). Tais formas podem não envolver delírio ou desencadeamento, mas indicam soluções singulares de estabilização subjetiva (MILLER, 2012).

Essa perspectiva abre caminho para uma diferenciação mais precisa entre psicose e autismo. Enquanto na psicose há a forclusão do Nome-do-Pai, produzindo um retorno do gozo no campo do Outro — com efeitos frequentemente alucinatórios e delirantes —, no autismo não se trata de forclusão, mas de uma recusa inaugural do significante do Outro. Em vez de um furo aberto no simbólico que permite a intrusão do gozo pelo Outro, como na psicose, o autismo revela uma tentativa de tamponar o furo por meio de invenções de borda, estabilizando o gozo diretamente no corpo e fora do discurso.

Como sublinham Maleval (2012) e Laurent (2014), o gozo no autismo não retorna pelo Outro, mas é administrado de maneira contornada, circunscrito por objetos autísticos e rituais repetitivos que funcionam como defesas contra a invasão. Trata-se de uma organização subjetiva que não passa pela metáfora paterna, mas que também não estrutura um delírio — e sim uma escrita de borda, um modo próprio de fazer laço sem inscrição plena no campo simbólico. A clínica com autistas, portanto, requer não apenas distinguir entre forclusão e recusa, mas também reconhecer a borda como lugar onde o gozo se deposita e se estabiliza, operando como suporte de subjetivação fora das categorias clássicas da neurose e da psicose.

4.1 Diferenciação entre autismo e psicose: da forclusão à invenção de borda

Considerar o autismo como uma estrutura clínica própria requer diferenciá-lo cuidadosamente das estruturas clássicas, especialmente da psicose, com a qual foi historicamente confundido. Para Lacan (1955-56/2008), a psicose decorre da forclusão do Nome-do-Pai — rejeição de um significante essencial que compromete o

sujeito e possibilita o retorno do gozo em forma de delírio ou alucinação. Nesse modelo, a irrupção do real não é simbolizada, e o Outro aparece como invasivo, provocando desorganizações significativas.

Embora historicamente situado no campo da psicose, o autismo revela uma lógica estrutural distinta da forclusão proposta por Lacan. O sujeito autista, ao contrário da psicose clássica, estabiliza o gozo por meio de soluções de borda, sem recorrer à metáfora paterna. Não se trata de um retorno do gozo no campo do Outro, mas de sua fixação no corpo por meio de objetos, rituais ou circuitos repetitivos.

Autores como Rosine e Robert Lefort (1984/1998) já haviam percebido essa diferença ao trabalhar com crianças diagnosticadas como psicóticas, mas que não apresentavam os traços típicos da psicose. Em vez disso, essas crianças recusavam desde o início a entrada no campo da alienação significativa, revelando uma estrutura marcada não pela forclusão, mas por uma negativa inaugural ao significante do Outro. Como observaram os Lefort, no autismo “o significante não se torna corpo, não produz afeto”, e a imagem especular não se constitui como suporte da identidade. Essa configuração implica que o autismo não decorre de um colapso do simbólico já instaurado, mas de uma não entrada nesse campo desde o início.

Maleval (2012) e Laurent (2014) propõem que o autismo é uma estrutura distinta, com relação própria ao gozo, corpo e linguagem, e não uma psicose sem delírio. Em vez da forclusão do Nome-do-Pai, haveria uma recusa inaugural do significante do Outro. O furo — conceito central em Lacan (1964/1998) como marca do simbólico no corpo pulsional — não é simbolizado como na neurose, nem retorna como invasão alucinatória como na psicose. O sujeito autista contorna o furo com invenções — como objetos, fórmulas ou neologismos — que delimitam o gozo e sustentam sua existência.

Na psicose, o gozo retorna via falha simbólica; no autismo, é estabilizado na borda do corpo. Trata-se de uma escrita própria para o gozo — fora do discurso, fora da cena do Outro, e, por isso, fora também das categorias clínicas tradicionais.

Como sintetiza Maleval (2012), “o autismo não é uma psicose sem delírio, mas uma estrutura que exige ser pensada fora do binarismo neurose-psicose”. Laurent (2014) descreve o autismo como “uma escrita para o gozo”, sintetizando seu modo singular de laço com o real. Em lugar da alienação simbólica ou da montagem fantasmática, o sujeito autista cria dispositivos de estabilização que não passam pelo campo da metáfora, mas pela repetição, pela isolamento, pelo objeto autístico ou por uma topologia singular de presença no mundo.

Portanto, a diferenciação entre psicose e autismo não se limita à ausência ou presença de delírio, mas diz respeito ao modo como o sujeito trata a linguagem, o Outro e o gozo. Enquanto a psicose apresenta o retorno do gozo no campo do Outro devido à forclusão, o autismo revela um tipo de recusa inaugural do Outro e uma economia de gozo regulada por invenções de borda — o que sustenta a hipótese contemporânea do autismo como uma quarta estrutura clínica.

5 Conceitos fundamentais

Sustentar o autismo como quarta estrutura exige explicitar os conceitos que evidenciam sua lógica subjetiva distinta da neurose e da psicose. Essa formalização apoia-se nas contribuições de Rosine e Robert Lefort, que, ao escutarem crianças autistas à luz do ensino de Lacan, identificaram uma organização subjetiva fora das estruturas clássicas. Essas observações fundamentaram os desenvolvimentos teóricos de Jean-Claude Maleval e Éric Laurent, que, retomando os achados dos Lefort, propuseram uma leitura do autismo com base na topologia lacaniana e nas invenções estabilizadoras. Assim, a hipótese de uma quarta estrutura consolida-se por um percurso clínico e teórico que vai da observação à formalização lógica do autismo como modo singular de enlçamento ao real.

Entre os conceitos centrais, destaca-se o de furo, que em Lacan (1964/2008) remete à falta constitutiva introduzida pelo significante no corpo pulsional. Na neurose, essa falta é simbolizada e sustentada pela metáfora paterna. No autismo, há uma recusa radical do significante do Outro, evitando a abertura da falta. Em vez de suportar a divisão subjetiva, o sujeito cria soluções que tamponam o furo sem passar pela castração simbólica. Trata-se, portanto, de uma forma de organização subjetiva que exclui o Outro como agente estruturante. Nesse contexto, emerge a noção de borda, conceito clínico-topológico que designa dispositivos inventivos capazes de estabelecer um contorno entre o corpo e o gozo, entre o sujeito e o Outro. São construções que delimitam um espaço de presença e protegem da intrusão, sem recorrer à metáfora ou ao recalque. A borda se manifesta em três modalidades: objeto autístico, ilhas de competência e duplo.

O objeto autístico, tal como elaborado por Maleval (2012), é um elemento inseparável do sujeito, não destinado a causar o desejo do Outro, mas a sustentar o corpo e conter o gozo. Trata-se de um uso idiossincrático e repetitivo de objetos, sons ou movimentos que funcionam como âncoras subjetivas. Em lugar da mediação simbólica, o objeto autístico opera como suporte de presença e de autorregulação.

As ilhas de competência são habilidades específicas e preservadas — como linguísticas, matemáticas ou musicais — que funcionam como bordas ao oferecer pontos simbólicos de ancoragem que estabilizam a posição subjetiva do autista. Mais que talentos isolados, as ilhas de competência são sistemas organizados logicamente, que estruturam o mundo do sujeito.

O duplo constitui uma suplência simbólica a partir da identificação com personagens, figuras animadas ou seres com os quais o sujeito autista estabelece uma relação especular não invasiva. Essa identificação dispensa trocas simbólicas plenas, mas oferece consistência e previsibilidade, como um espelho controlado. Para Maleval e Laurent (2014), o duplo é uma construção topológica que permite laço com o Outro sem sujeição à demanda.

Além dessas modalidades fundamentais, a neoborda é um conceito proposto por Laurent (2014) para descrever uma construção suplementar e logicamente organizada que o sujeito autista desenvolve para se estabilizar. São arranjos simbólicos e repetitivos — como classificações ou coleções — que substituem, de modo subjetivo, a estrutura simbólica ausente.

A carapaça, por fim, é compreendida como uma defesa contra a intrusão do Outro e contra a invasividade do gozo. Pode manifestar-se em rigidez corporal, mutismo, retraimento motor ou comportamentos estereotipados. Mais que sintoma, a carapaça é uma resposta clínica que reveste o corpo e protege o sujeito, quando a linguagem falha em cumprir essa função.

Em síntese, os conceitos de furo, borda (com suas modalidades: objeto autístico, ilhas de competência e duplo), neoborda e carapaça articulam uma lógica em que o autismo não representa ausência de estrutura, mas sim uma estrutura própria. Nela, linguagem, laço e gozo são tratados de forma inventiva. O valor clínico dessa leitura está em reconhecer as soluções subjetivas e a função organizadora dos dispositivos que o sujeito autista constrói.

6 Tratamento na clínica psicanalítica de adultos autistas

A clínica psicanalítica com adultos autistas exige uma escuta que se afaste de protocolos padronizados e se oriente por uma ética da invenção. A intervenção não busca impor adaptação normativa nem ampliar forçadamente o laço social. Seu objetivo é sustentar os modos singulares que cada sujeito constrói para se estabilizar diante do gozo, da linguagem e do Outro. Nesse contexto, podemos pontuar três eixos clínicos fundamentais: o detalhe, o entorno e a solidão acolhida. Esses eixos não são categorias fixas nem etapas progressivas. Representam formas de presença subjetiva que orientam o trabalho do analista.

O detalhe, no autismo, não é um fragmento patológico ou sinal de déficit. Ele opera como ponto de ancoragem, como destaca Maleval (2012), sendo frequentemente investido com valor subjetivo. Um sujeito pode se fixar em sons, texturas, palavras ou objetos com rigor que escapa à significação global, mas que organiza seu campo de presença. Tais detalhes podem operar como objetos autísticos, funcionando como âncoras de gozo estabilizador.

Um adulto autista demonstrava fascínio milimétrico por dobradiças industriais. O que poderia parecer estereotipia foi acolhido como objeto autístico e neoborda simbólica. Esse interesse organizava sua relação com o mundo e permitia uma fala ordenada. O trabalho clínico consistiu em acompanhar o gesto, pontuar com discrição certos significantes estruturantes, e reconhecer o valor de estabilização que ali se inscrevia.

O entorno também se revela central na clínica com autistas. Muitos sujeitos constroem ambientes altamente regulados como forma de reduzir a invasão do Outro. Como afirma Laurent (2014), a delimitação espacial pode sustentar a presença subjetiva. Em outro exemplo clínico, um sujeito adulto reconstruía cidades históricas em miniatura com regras fixas de organização. Essa atividade, longe de indicar fuga ou isolamento, constituía uma ilha de competência: um campo estruturado que oferecia ancoragem simbólica e previsibilidade. O analista sustentava esse arranjo como espaço de borda, respeitando a lógica inventiva do sujeito. O setting clínico, nesse sentido, torna-se parte ativa do tratamento. A escuta psicanalítica inclui o reconhecimento de elementos do ambiente como coordenadas de segurança subjetiva. Em outro caso clínico, um homem autista de 40 anos que trabalhava com programação preferia interagir via notebook durante as sessões. Essa proposta não foi

recusada; ao contrário, foi reconhecida como uma neoborda, um dispositivo logicamente organizado que permitia expressão subjetiva. Por meio de códigos e fragmentos de linguagem, o sujeito expressava afetos, questões transferenciais e movimentos de gozo. A escrita funcionava como forma de laço e de dar consistência ao corpo.

Por sua vez, a solidão autística, longe de representar um vazio relacional, pode ser compreendida como uma forma singular de laço que não se estrutura pela via da linguagem mediada pelo significante, mas por modos próprios de presença no mundo. Laurent (2014) propõe que a relação do autista com o outro não está ausente, mas segue uma lógica distinta daquela observada nas estruturas clássicas, exigindo uma escuta que respeite sua organização subjetiva. Em alguns casos, gestos repetitivos ou expressões sonoras, mesmo silenciosos, funcionam como formas de presença no real — e não como retraimento absoluto.

Nesse contexto, o analista deve estar atento também à função de certos revestimentos protetores, como o mutismo, a rigidez postural ou o isolamento motor, que podem operar como carapaças. Esses dispositivos protegem o sujeito da invasão do gozo e da intrusão do Outro. Funcionam como formas não simbólicas de defesa subjetiva. Reconhecer o valor clínico dessas soluções é sustentar que o corpo pode ser revestido quando a linguagem não opera como contorno.

Essas vinhetas são construções teóricas exemplificativas, orientadas pela lógica da estrutura e dos conceitos psicanalíticos que fundamentam a escuta de sujeitos autistas. Segundo Martins e Kupfer (2011), a produção de vinhetas tem valor metodológico próprio. Permite destacar momentos de ruptura, invenção ou estabilização subjetiva, sem pretensão de generalização empírica. Nesse sentido, essas construções servem para ilustrar a articulação entre conceito e prática, mantendo-se fiéis à ética da singularidade.

A clínica com autistas adultos, orientada pela lógica da quarta estrutura, apoia-se em intervenções mínimas, muitas vezes silenciosas, mas decisivas. Trata-se de reconhecer os elementos já organizados como bordas — objetos, ilhas, imagens ou códigos — e acompanhá-los com respeito à lógica do sujeito. Tratar, nesse campo, não é corrigir, adaptar ou interpretar de forma intrusiva, mas escutar e sustentar as soluções inventadas pelo sujeito para viver.

6.1 Ética da psicanálise e implicações éticas na clínica

A ética da Psicanálise, como formulada por Lacan (1959-60/2008) no Seminário 7, não se guia por ideais de bem-estar ou cura, mas pela sustentação do desejo e da singularidade do sujeito diante do gozo. No caso do autismo, essa ética se traduz pela recusa de intervenções normalizadoras e pela valorização das invenções que o sujeito produz frente ao real. Em vez de forçar o autista a entrar no discurso do Outro, é preciso acompanhar o que ele constrói como borda, carapaça ou objeto autístico, reconhecendo aí o eixo de uma subjetividade que resiste à captura simbólica. É nesse horizonte que se inscrevem as implicações clínicas e éticas da psicanálise na escuta do sujeito autista.

A escuta psicanalítica do sujeito autista exige ir além dos paradigmas pedagógicos, adaptativos ou cognitivistas predominantes nos discursos hegemônicos sobre o autismo. Na clínica psicanalítica de orientação lacaniana, o ponto de partida não é a normalização da conduta nem o desenvolvimento de habilidades funcionais, mas a reconstrução do laço a partir do que o sujeito já constrói como borda e invenção.

O tratamento não impõe uma demanda nem busca interpretar o recalcado. Ele oferece um espaço onde a fala possa emergir, mesmo sem uma interlocução simbólica plena. Como observa Maleval (2012), o autista não está fora da linguagem, mas a utiliza de modo próprio, frequentemente por vias ecológicas, repetitivas ou inventivas. O trabalho clínico é acompanhar e sustentar essas construções, sem quebrá-las, acolhendo a lógica subjetiva que o sujeito apresenta.

Éric Laurent (2014) propõe que o tratamento, nesse contexto, visa à continuidade de uma invenção, e não à retomada de um suposto desenvolvimento interrompido. O analista deve ocupar a posição de parceiro ético, sustentando a borda sem forçá-la a virar metáfora. A intervenção, quando ocorre, deve respeitar a função estabilizadora dos objetos autísticos, das carapaças e dos circuitos singulares de gozo.

A clínica com adultos autistas — frequentemente marcados por exclusão e patologização — exige do analista uma ética da escuta não invasiva, sem idealizar a neuro tipicidade ou esperar adaptação. O objetivo não é incluir o sujeito em um Outro social imaginário, mas reconhecer e sustentar o modo como ele constrói suas soluções diante do real.

Nesse sentido, as implicações éticas do tratamento passam pela renúncia ao ideal de cura e pela valorização da invenção. A prática psicanalítica com autistas adultos exige tempo, paciência e abertura ao detalhe, ao silêncio e ao que escapa à troca simbólica convencional. Trata-se de uma clínica do singular e do contingente, em que cada sessão pode operar como sustentação de uma borda, sem que isso implique modificação visível ou resposta adaptativa imediata.

Como destaca Lefort (2003/2017), o sucesso clínico com autistas não se mede por critérios quantitativos, mas pela estabilização subjetiva, ampliação do campo de presença e surgimento de um laço mínimo com o Outro — ainda que por vias não simbólicas. A ética da psicanálise, nesse campo, é a ética do respeito à invenção do sujeito, mesmo quando ela escapa aos códigos da comunicação, da socialização ou da normalidade.

7 Considerações finais

Este artigo propôs uma leitura do autismo como uma quarta estrutura clínica, distinta da neurose, da psicose e da perversão. Essa formulação baseia-se nas contribuições da psicanálise de orientação lacaniana, especialmente nas elaborações de Jean-Claude Maleval, Éric Laurent. A partir de um percurso teórico-clínico fundamentado na noção de estrutura, buscou-se demonstrar que o autismo não representa um déficit ou falha de constituição subjetiva, mas sim uma forma própria de laço, linguagem e gozo.

Ao desenvolver os conceitos de furo, neoborda, carapaça e, sobretudo, a noção de borda — esta última com suas modalidades: objeto autístico, ilhas de competência e duplo — evidenciou-se que o sujeito autista se organiza por soluções singulares diante da ausência de significação pelo Outro. Essas construções asseguram uma estabilização subjetiva e revelam modos próprios de presença no mundo. Com isso, desafiam as coordenadas clássicas de escuta e intervenção clínica. Nesse sentido, a leitura da clínica do autismo à luz da psicanálise francesa contemporânea desloca o foco da adaptação social para o reconhecimento e acolhimento das invenções subjetivas.

A análise dos eixos clínicos — o detalhe, o entorno e a solidão acolhida —, bem como a apresentação de vinhetas teóricas, mostrou como a escuta psicanalítica pode se orientar por marcas discretas, repetitivas ou aparentemente desconexas, mas que sustentam o funcionamento singular do sujeito. A proposta ética do tratamento, nesse contexto, consiste em acolher essas manifestações como expressões de um modo próprio de estar no mundo, e não como desvios a serem corrigidos.

Conclui-se, portanto, que a psicanálise pode oferecer uma via potente e respeitosa de escuta e tratamento para sujeitos autistas adultos. Para isso, é necessário abandonar ideais de cura, normalização e adaptação, e abrir-se à lógica do singular, do detalhe e da invenção. Tal perspectiva amplia a compreensão estrutural do autismo e reafirma a psicanálise como prática ética, comprometida com a subjetividade e suas formas de existência.

Referências

ALMEIDA, Alexandre Patrício de. Melanie Klein e o processo de formação dos símbolos: revisitando o caso Dick. **Revista de Psicanálise**, 2020. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-71282020000300014&script=sci_arttext)

71282020000300014&script=sci_arttext.

Acesso em: 08 jul. 2025.

ARAGÃO, Heloísa Helena R.; RAMIREZ, I. Sobre a metáfora paterna e a forclusão do nome- do-pai: uma introdução. **Revista Mental**, Barbacena, v. 2, n. 3, p. 89–105, nov. 2004. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=42000308>. Acesso em: 07 jul. 2025

ARAÚJO, Ana Ramyres Andrade; FURTADO, Luis Achilles Rodrigues; SANTOS, Samara Fernandes Paiva. **A noção de duplo e sua importância na discussão do autismo**. *Ágora* (Rio de Janeiro), v. 20, n. 1, p. 31–42, 2018.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/mtkp5KtHqBhRHFgxLc4QGmB/>. Acesso em: 07 jul. 2025.

ARAÚJO, Ana Ramyres Andrade et al. Invenção e estabilização: uma experiência com crianças autistas. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 23, n. 2, p. 313–336, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/6TRFw3sS6K94D6ZQrFw3fXd/>. Acesso em: 07 jul. 2025.

AUTISMO E REALIDADE. **Por que falar em síndrome de Asperger é algo ultrapassado?** São Paulo, 17 mar. 2023. Disponível em: <https://autismoerealidade.org.br/2023/03/17/por-que-falar-em-sindrome-de-asperger-e-algo-ultrapassado/>. Acesso em: 08 jul. 2025.

CARNEIRO, Heloísa Helena C. de A.; FONSECA, João Carlos. Bleuler e a invenção da esquizofrenia: contribuições e impasses de um legado ambíguo. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 520–538, set. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/7DTmXKJzw8JbbDcRP97W6Hy/?lang=pt>. Acesso em: 07 jul. 2025.

CASTRO, José Sérgio Fonseca de. O DSM-5 e suas implicações no processo de medicalização da infância. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 66–79, 2015. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682015000300008.

Acesso em: 08 jul. 2025.

FERNANDES, Conceição Santos; TOMAZELLI, Jeane; GIRIANELLI, Vânia Reis. Diagnóstico de autismo no século XXI: evolução dos domínios nas definições diagnósticas. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 31, e190207, 2020.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/4W4CXjDCTH7G7nGXVPk7ShK/>. Acesso em: 08 jul. 2025.

FREITAS, Maria Lígia de Oliveira Barbosa; PARAÍSO, Marlucy Alves. Fundamentos metodológicos da pesquisa teórica em psicanálise. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 17, n. 1, p. 1–10, jan./abr. 2017. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692017000100007. Acesso em: 5 maio 2025.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920). In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 9–64.

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 73–108.

_____. O feticismo (1927). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 191–204.

KANNER, Leo. Distúrbios autísticos do contato afetivo. **Revista Brasileira de Saúde Infantil**, 1943. Citações em: Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, v. 28, p. 1–6, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsbf/a/4R3nNtz8j9R9kgRLnb5JNrv/>. Acesso em: 08 jul. 2025.

KLEIN, Melanie. **A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego (1930)**. Citação em: Lacan Leitor de Melanie Klein: O Caso Dick em Questão. Psicologia: Teoria e Prática, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/67k5qJthhVfLjyngZvVqhVn/>. Acesso em: 08 jul. 2025.

LACAN, Jacques. A significação do falo (1958). In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 692–703

_____. Conferência de Genebra sobre o sintoma (1956). In: _____, Jacques. **Outros Escritos**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 373–392.

_____. **O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud (1953–1954)**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

_____. **O seminário, livro 3: As psicoses (1955–1956)**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller - 2ª. ed. revista - Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. **O seminário, livro 4: A relação de objeto (1956–1957)**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

_____. **O seminário, livro 7: A ética da psicanálise (1959–1960)**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

_____. **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**: Seminário, livro 11 (1964). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LAURENT, Éric. **A batalha do autismo: da clínica à política**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

LEFORT, Robert & LEFORT, Rosine. **A distinção do autismo**. (A. L. Santiago e C. Vidigal, Trans.). Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017.

_____. **O autismo, especificidade**. Fundação do Campo Freudiano: o sintoma charlatão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MALEVAL, Jean-Claude. **O autista e sua voz**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

_____. **Autistas na era do Outro digital**. São Paulo: Cia. de Freud, 2021.

MARTINS, Andréa; KUPFER, Maria Cristina Machado. A direção do tratamento com crianças autistas e psicóticas: notas sobre a função do analista. **Estilos da Clínica**, v. 16, n. 2, p. 312– 330, 2011. MILLER, Jacques-Alain. Efeito do retorno à psicose ordinária. In: BATISTA, Maria do Carmo Dias; LAIA, Sérgio (Orgs.). **A psicose ordinária**: a Convenção de Antibes. Belo Horizonte: Scriptum, 2012. p. 399– 412. Disponível em:

https://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_3/efeito_do_retorno_psicose_ordinaria.pdf. Acesso em: 07 jul. 2025.

MILLER, Jacques-Alain. **As psicoses ordinárias e as outras, sob transferência**. In: XI Congresso da Associação Mundial de Psicanálise (AMP), 2008. Disponível em: <https://ampblog2006.blogspot.com/2008/07/jacques-alain-miller-as-psicoses.html>.

Acesso em: 5 maio 2025.

SCHECHTMAN, Luciana; CAPOVILLA, Fernando C. Uma breve revisão histórica do conceito de autismo e de suas abordagens terapêuticas. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 75–81, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rsbf/a/4R3nNtz8j9R9kgRLnb5JNrv/>. Acesso em: 08 jul. 2025.

SOUZA, Alessandra Maria de; FERREIRA, Mônica Cavalcanti. **O autismo como invenção da psicopatologia moderna: um olhar histórico-conceitual**. In: Anais do III Encontro Nacional de Pesquisa em Psicologia da UFAL. Maceió: UFAL,

2010. Disponível em:
<https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/1235/1/O%20autismo%20como%20inven%C3%A7%C3%A3o%20da%20psicopatologia%20moderna.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2025.

POSFÁCIO

Posfácio: O Produto como Pergunta

Ao final de um cartel, espera-se um produto. No entanto, após percorrer as páginas desta obra, fica evidente que esse produto não é um ponto final, mas um corte. Se ao iniciarmos um projeto buscamos algo que marque sua conclusão para revigorar a perseverança, aqui entendemos que tal marco está longe de abarcar a história ou a complexidade do que foi vivido.

O cartel, como dispositivo de formação, reafirma que na psicanálise não existe o estado de "integralidade". A formação continuada nos marca com a incompletude. Ao analista, não houve aqui uma conclusão; não houve fim. O que o leitor testemunhou nestes textos não são certificados de saber, mas articulações com o "sem-fim" da própria clínica.

Não houve unidade, mas diversidade. O que uniu estes cartelizantes não foi o nivelamento, mas um desejo de saber que promoveu a convergência de olhares enquanto evidenciava as diferenças de bagagem. Ninguém chegou vazio a estas páginas. Cada texto carrega as marcas das jornadas teóricas, da prática clínica e, principalmente, do tempo de divã. O que se leu aqui foi o encontro atravessador com o Outro, naquele descortinar angustiante do não-saber.

Para onde foram estes cartéis? Para além. Para além do que pudemos pontuar ou cercar como destino. O produto que aqui se apresentou não encerrou um saber, mas convocou a uma busca. Não teve métrica ou roteiro; foi, antes de tudo, uma experimentação.

Ao encerrar esta leitura, você teve contato com a experiência da Sociedade Psicanalítica Online. As palavras postas tentaram, ineficazmente — como toda linguagem —, expressar o que foi vivido em dois anos de encontros, discussões acaloradas, alegrias, lutos e decepções. Encontros com o real que, embora não possam estar totalmente inscritos, fizeram-se presentes nas entrelinhas.

Fica o agradecimento a todos os cartelizantes e aos mais-uns que se implicaram neste percurso, especialmente àqueles que, em seu modo singular, produziram.

Se você aceitou o desafio de não buscar "aprender" no sentido tradicional, talvez tenha encontrado nestes textos algo que só uma leitura despreocupada permite: o movimento vivo da formação. O produto, afinal, não é o que termina aqui, mas a pergunta que você leva consigo.

Daniel Gostautas

Coordenador de Cartéis SPO

PRODUTO DE CARTÉIS - 2025

O presente livro foi organizado a partir dos produtos dos Cartéis da Sociedade Psicanalítica Online, que tiveram sua dissolução no ano de 2025. O produto não pode ter métrica, estética ou mesmo roteiro. Convidados os leitores a uma experiência com os produtos de Cartéis da SPO, que tentam expressar vivências diversas, com olhares distintos e discussões sobre teorias práticas e vidas. Foram, em média, dois anos de encontros que resultaram neste trabalho.

ISBN



9-786-55337-2122